

Os Druidas

Os Deuses Celtas com
Formas de Animais



H. D'arbois de Jubainville

Coordenação

Eduardo Carvalho Monteiro

DIGITAL
Source



Os Druidas

Os Deuses Celtas com Formas de Animais

H. D'arbois de Jubainville

Coordenação

Eduardo Carvalho Monteiro



<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

H. D'arbois de Jubainville
Eduardo Carvalho Monteiro (Coordenador)

Os Druidas

Os Deuses Celtas com Formas de Animais

Tradutora:
Julid Vidili



Traduzido originalmente do francês sob o título:
Les Druides Et Les Dilux Celtics A Form D'Animaux
© 2003, Madras Editora Ltda.

Editor:
Wagner Veneziani Costa

Ilustração da Capa:
Parvati

Produção:
Equipe Técnica Madras

Coordenador:
Eduardo Carvalho Monteiro

Tradução:
Julia Vidili

Revisão:
Neuza Alves
Augusto do Nascimento
Camila De Felice

Tiragem:
3 mil exemplares

ISBN 85-7374-674-2

Sumário

Introdução

- Os mitos não deixam a Memória se apagar
- Os primitivos habitantes da Gália
- Os Deuses Celtas com formas de Animais

Prefácio

Primeira Parte

Capítulo I –

- Os druidas comparados aos Gutuatri e aos Uatis

Capítulo II –

- Instituição Gaélica

Capítulo III –

- Qual a Diferença entre os Galaicos e os Gauleses?

Capítulo IV –

- Conquista da Grã-Bretanha pelos Gauleses e Introdução do Druidismo na Gália

Capítulo V –

- Provas Lingüísticas da Conquista Gaulesa na Grã-Bretanha - Primeira Parte
- Os Nomes de Povos encontrados no Continente

Capítulo VI –

- Provas Lingüísticas da Conquista Gaulesa na Grã-Bretanha - Segunda Parte
- O *p* na Grã-Bretanha nos Nomes dos Povos além dos Parisii, nos Nomes de Homens e de Lugares

Capítulo VII –

- Provas Lingüísticas da Conquista da Grã-Bretanha pelos Gauleses - Terceira Parte
- Nomes de Cidades, de Estações Romanas e de Cursos d'água que encontramos tanto na Grã-Bretanha quanto no Continente Gaulês

Capítulo VIII –

- Provas Lingüísticas da Conquista da Grã-Bretanha pelos Gauleses - Quarta parte
- O rei Belga e Gaulês Commios na Grã-Bretanha. Os Belgas são Gauleses

Capítulo IX –

- Os druidas na Gália Independente, durante a Guerra feita por Júlio César

Capítulo X –

- Os druidas na Gália sob o Império Romano

Capítulo XI –

- Os druidas na Grã-Bretanha fora do Império Romano e quando o Império Romano conheceu seu Fim

Capítulo XII –

- Os druidas na Irlanda

Capítulo XIII –

- Eram Monges os druidas da Irlanda?

Capítulo XIV –

- O Ensino dos Druidas.
- A imortalidade da Alma

Capítulo XV –

- A Metempsicose na Irlanda

Segunda Parte

Capítulo I –

- Os Deuses Celtas com forma de Animais
- Noções Gerais

Capítulo II –

- Os Deuses que tomam a forma de Animais na Literatura Épica da Irlanda

I. O Rapto das Vacas de Regamain

- Comentário

II Geração dos Dois Porqueiros

- I. Os Dois Porqueiros
- II. Os Dois Corvos
- III. As Duas Focas ou Baleias
- IV. Os Dois Campeões

Protesto de um Copista

- V. Os Dois Fantasmas
- VI. Os Dois Vermes
- VII. Os Dois Touros

Comentário

Apêndice

- Júlio César e a Geografia

Introdução

As corporações bárdicas que se mantiveram dentro do País de Gales através das invasões sucessivas dos romanos, dos anglo-saxões e dos ingleses através de uma espécie de Franco-Maçonaria, conservaram, com tenacidade céltica, os resquícios tradicionais das velhas crenças nacionais, e as tríades que nós possuímos são certamente sua última expressão.

Adolphe Pictet

Os celtas foram um dos grandes povos da Europa, nos anos 600 a 50 a.C. Do Norte dos Alpes espalharam-se para o Leste e Oeste da Anatólia (atual Turquia) até a Espanha e Grã-Bretanha. Apesar de suas tribos viverem em constante conflito, quando César conquistou seus territórios para Roma em 52 a.C, os celtas estavam empenhados em uma unificação nacional. Caso a tivessem materializado, dificilmente teriam sido subjugados pelo inimigo. As tribos celtas, uma a uma, foram sendo absorvidas pelo Império Romano, com exceção das que habitavam o extremo Norte da Escócia e da Irlanda. Nessas regiões, o antigo modo de vida dos celtas continuou durante a era cristã e foi onde menos as civilizações se fundiram. Esse é um dado importante, pois, foi a região onde mais completa se deu a Reforma Protestante. Por possuírem uma cultura eminentemente oral, pouca coisa chegou até nós sobre os usos, os costumes e a religião céltica. O que foi preservado deve-se ao relato de viajantes e historiadores gregos e romanos, nem sempre muito confiáveis em suas descrições e visões dos costumes desse povo.

A língua céltica extinguiu-se com o tempo, mas, graças aos insulares britânicos e irlandeses da periferia ocidental do antigo mundo céltico, ela ressurgiu no século V da nossa era na Bretanha e conservou-se dentro de regras que permanecem até hoje.

O nome "celtas" começou a ser usado pelos autores gregos do século V a.C, referindo-se a alguns povos da Europa temperada, conhecidos como "hiperbóreos". Em 272, ao saquearem o santuário de Apoio, em Delfos, são chamados de "gaiatas", denominação esta que doravante seria usada para designar tanto os celtas orientais, sobretudo os que se fixaram na Ásia Menor, quanto os celtas ocidentais. Políbio, o historiador grego, não faz distinção entre os celtas cisalpinos e transalpinos.

É provável que do equivalente ao termo "gálatas" tenha surgido a expressão "gaulês" (Galli), que deu nome a um território determinado: a Gália

cisalpina e transalpina. Assim, a designação de celtas (em latim, *Celtae*) é mais corrente para os gauleses transalpinos, mas deve-se considerá-los sinônimos face ao uso que os autores antigos faziam deles. Pode-se, portanto, dispensar-se as implicações geográficas, já que essas denominações ainda perduram nas línguas indo-européias vivas, entre as quais o gaulês.

Celtas e druidas, enquanto etnias, eram povos distintos, conquanto vivessem harmoniosamente e terem adquirido, pelo uso, o caráter de termos sinônimos. Aos historiadores, no entanto, a distinção se faz necessária. Os druidas — como povo, não como sacerdócio — são muito anteriores aos celtas. Instruíram primeiro os restos atlante-europeus e mais tarde os ário-celtas, esclarece Madame Blavatsky em *A Doutrina Secreta*.

César escreveu seus "Comentários" com evidente intenção de se exaltar aos olhos da posteridade. Polião e Suetônio confessam que nessa obra abundam inexatidões e erros voluntários. Os cristãos só vêem nos druidas homens sanguinários e supersticiosos; em seu culto somente encontram práticas grosseiras. Entretanto, certos padres da igreja — Cirilo, Clemente de Alexandria e Orígenes distinguem com cuidado os druidas da multidão dos idolatras, e conferem-lhes o título de filósofos. Entre os autores antigos, Lucano, Horácio e Florus consideravam a raça gaulesa como depositária dos mistérios do nascimento e da morte.

Os progressos dos estudos célticos *Philosophie Gauloise*, por Gatien Arnoult; (*Histoire de France*, por Henri Martin; *Bibliothèque de Genève*, por Adolphe Pictet; *Immortalité*, por Alfred Dumesnil;

L'Esprit de la Gaule, por Jean Reynaud, a publicação das Tríades e dos Cantos Bárdicos (*Mystères des Bardes de l'île de Bretagne*), por Cyfrinach Beirdd Inys Prydain e as inúmeras obras de D'Arbois Jubainville ajudam na apreciação de tais crenças.

Outras fontes vamos encontrar na obra de Plínio, o Velho, História Natural, um observador minucioso morto em 79 d.C, quando se aproximou demais do Vesúvio para estudar sua famosa erupção. O sírio-grego Posidônio, em seu *Histórias* (52 volumes) também descreveu os celtas e os druidas, no final do segundo século a.C. Autores posteriores emprestaram dele a maioria das informações e, entre eles, pode-se citar Estrabão (63 a.C. - 21 d.C.) e Diodoro da Sicília (cerca de 40 a.C). Junto com Estrabão e Diodoro, César é integrante de um pequeno grupo de escritores cuja obra subsistiu aos séculos e que viveram nos tempos em que os druidas praticavam seus cultos abertamente.

Testemunha contemporânea, Cícero, amigo de César, afirmava ter-se encontrado com um druida, Divíaco, chefe dos éduos, que procurou obter ajuda de Roma contra os helvécios, precipitando assim a guerra gaulesa. Divíaco, que para alguns estudiosos não era druida, impressionou muito Cícero por seus

conhecimentos em ciências naturais, entre outros.

Em sua obra *Anais*, Tácito fornece informações sobre o druidismo na Inglaterra, mas se revela preconceituoso em sua análise, considerando os druidas "selvagens ignorantes".

Para não nos estendermos demais, citamos ainda entre os antigos: Lucano (39 a 65 d.C), autor do poema épico *Pharsalia*; Valério Máximo, contemporâneo de Tibério; Diógenes Laércio; Amiano Marcelino (390 d.C); Hipólito (300 d.C.) e Décimo Magno Arsônio (310 d.C).

Os Mitos não Deixam a Memória se Apagar

Afora o relato desses autores, sempre suscetíveis de análise, a maneira de estudarmos o celtismo e o druidismo é observando as raízes que deixaram junto ao folclore de seus descendentes, seus mitos, suas lendas e alegorias. Para muitos, esses são detalhes de pouco valor, mas de algum tempo para cá, arqueólogos e historiadores se conscientizaram da relevância dessas tradições como fontes de investigação. Os garimpeiros do passado caminham para a concepção de que o elo que falta para unir e compreender os diversos momentos importantes de nossas eras pode estar contido no inconsciente coletivo da humanidade. Descobrir as chaves que abrem a porta dessa memória ancestral no mundo dos arquétipos é a função do mito, que funde a memória essencial dos fatos e a reminiscência das idéias, proporcionando um avanço na interpretação histórica.

O mito, portanto, é um arquétipo, uma realidade interna da alma, que se projeta na realidade externa. Não se trata de uma ilusão, mas é fruto das experiências passadas do espírito e que se insere em suas experiências presentes. Logo, o mito exerce poderoso fascínio sobre o ser humano que se apega intensamente a seus arquétipos. Se o mito sobrevive na esteira do tempo é fecundo, caso contrário teria sido esquecido.

Margot Adler, autora de *Drawing Down the Moon* (1979), situa bem o assunto: Quando alguém combina o processo de indagação com o conteúdo de beleza da Antigüidade; quando mesmo num caso alguém abre o fluxo de imagens arquetípicas contidas na história e lendas do povo, há tempos negadas por essa cultura, muitos dos que se defrontam com essas imagens ficam fascinados por elas e iniciam uma jornada inimaginada pelos que deflagraram o processo.

A história dos celtas e dos druidas está intimamente ligada à memória de seus mitos. Essas raízes são mais profundas nos já citados extremo Norte da Escócia e da Irlanda, onde os mitos e as lendas bardas ainda correm de boca em boca e a alma céltica é revivida a cada festa tradicional da região, com seus

cantos, suas músicas, danças e seus costumes. E esses mitos são importantes na medida que levantam os véus das crenças célticas e lembram a atmosfera do "sobrenatural" em que viviam, com o misterioso entrosamento entre vivos e mortos, tendo por cenário a abóbada das árvores e o escrínio celeste.

Na França, porém, solo da antiga Gália, é que o espírito do celtismo mais está impregnado. O que é, porém, a alma céltica? É a consciência profunda da Gália. Recalcada pelo gênio latino, oprimida pelos francos, desconhecida, olvidada por seus próprios filhos, a alma céltica sobrevive através dos séculos. E quem reaparece nas horas solenes da história, nas épocas de desastres e de ruínas, para salvar a pátria em perigo, como no episódio protagonizado por Joanna d'Arc, que concitou seus conterrâneos a expulsarem os estrangeiros de seu solo.

Os celtas, portanto, como povo, não existem mais. Mas eles permanecem vivos através de seu espírito, grafado na alma e no inconsciente dos povos que os sucederam no fluxo e refluxo da história. Fisicamente, todo indivíduo porta uma herança genética, mas psiquicamente também carrega outra, a espiritual. Trata-se da combinação de experiências de nossas vidas passadas, como acontece com o druidismo, na forma de uma corrente que proporciona a transmissão da tradição espiritual.

Os Primitivos Habitantes da Gália

Antes de falar do povo celta, temos de fazer uma viagem no tempo e conhecer os lígures, primitivos habitantes de parte das terras ocupadas por aquela civilização. De acordo com Jullian, autor de *História da Gália*, a Ligúria se estendia na faixa de terra que rodeava o golfo de Leão, da Provença à Catalunha, e o povo era formado por homens do Neolítico, que sobreviveram à invasão dos celtas. Para quem aprecia uma arqueologia insólita, eles seriam anteriores ao grande cataclisma que submergiu a Atlântida e, portanto, contemporâneos dessa civilização descrita por Platão em dois fragmentos de Timeu e Crítias.

Alguns estudiosos colocam a origem do druidismo na Hiperbórea, região localizada no Setentrião (Círculo Ártico), que fazia parte do continente da Atlântida. Suas raízes remontam a uma pré-história do druidismo há, aproximadamente, 26.000 a.C, junto de um povo aventureiro, de raça branca, quando já eram sábios, tinham extraordinários poderes psíquicos e as chaves de conhecimentos cósmicos e terrenos. Com as diversas glaciações, a temperatura do planeta foi diminuindo e os hiperboreanos foram forçados a migrar para o sul, na direção das Gálias. Em contato com os lígures, esses sábios passaram a ser conhecidos como os Semnothées, que significa "os adoradores de Deus". Por

seus conceitos monoteístas da Divindade como Poder Supremo, eles se distinguiram dos povos pagãos.

Segundo o relato que Platão concebe por Crítias, nove milênios e meio antes de nossa Era, teria existido uma ilha situada no meio do Atlântico, com face para o desfiladeiro de Gibraltar, cujos habitantes, descendentes do deus Poseidon, constituíam uma civilização particularmente avançada, que dominava a metalurgia, eram criadores de gado e agricultores.

Nesse tempo, explica Crítias, podia-se atravessar esse mar. Havia uma ilha frente à passagem denominada Colinas de Hércules, que era maior que a Líbia e a Ásia reunidas. Os viajantes desse tempo podiam passar dela para outras, e dessas atingir todo o continente sobre a margem oposta desse mar, que merecia de fato o seu nome porque de um dos lados, para o interior do desfiladeiro de que falamos, havia apenas um porto de entrada estreita e do outro, para o exterior, há esse mar e a terra que o rodeia e que se pode chamar, no sentido *exato da palavra, um continente*.

Esse império, diz ainda Crítias, de acordo com o que ouviu na juventude, compreendia toda a ilha e muitas outras ilhas e porções do continente. Entre outros, do nosso lado, tinha a Líbia (nome geral para designar a parte de África do Norte, situada a oeste do Egito) e a Europa até o Tirreno (Itália Oriental). Ora, essa potência, tendo concentrado todas as suas forças, tentou conquistar de um só golpe o velho território, o novo (Grécia e Egito) e todos os que se encontravam deste lado do desfiladeiro. Foi então, ó Sólon, que o poder da nossa cidade mostrou aos olhos de todos o seu heroísmo e a sua energia, sobressaindo de todas as outras pela sua força de ânimo e arte militar. Primeiro, à frente dos Helenos, depois sozinha por necessidade, abandonada pelas outras, enfrentando perigos supremos, venceu os invasores, levantou o troféu, preservou da escravidão os que *nunca* tinham sido escravos e, sem rancor, libertou todos os outros povos e mesmo nós, que habitamos no interior das Colinas de Hércules. Mas no tempo que se seguiu houve terríveis tremores de terra e cataclismos. No espaço de um dia e de uma noite, todo o nosso exército desapareceu sob a terra e também a ilha Atlântida se afundou no mar e desapareceu.

Muito papel e tinta foram gastos a favor ou contra a veracidade da existência da Atlântida. Não nos move a intenção de fazer parte desse guizado de opiniões, mas apenas situar histórica e geograficamente a trajetória desses povos na tentativa de elucidar algumas facetas de sua história.

Voltemos, pois, aos lígures. Conforme descreve Jullian, os restos de suas tribos teriam sido repelidas pelos celtas cerca de cento e cinquenta anos antes de nossa era.

Os antigos exploradores, relata o historiador, vindos do sul ou do leste, de Cádiz ou da Fócida, usavam o nome de lígures para designar todos os habitantes

da terra gaulesa. Davam-no, também, às tribos do litoral da Provença, aos indígenas da bacia do Ródano, aos povos da planície de Marbona, aos que habitavam ao longo do grande golfo do Atlântico e aos povos ainda mais distantes, que erravam nas margens do mar do Norte. Mesmo na época de César, o mundo greco-romano recordava os tempos antigos em que o nome dos lígures se estendia por toda a Gália.

D'Arbois de Jubainville situava-os também no extremo ocidente, na origem do âmbar, o Báltico, e ainda em Albion, ou seja, nas Ilhas Britânicas.

Ainda segundo Jullian, esses homens não se assemelhavam todos, mas tinham um elemento comum, o idioma lígure: Na Itália e na Espanha, nas planícies da Germânia, nas ilhas do Mediterrâneo e nas do Eceano, como na Gália, deixaram como vestígios os nomes dos cursos de água e das montanhas. A Espanha e a Grã-Bretanha tem os seus "dives", homônimos dos riachos franceses; "Douro" é a mesma palavra que as "doires" italianas; o Sena francês, "Sequana", significa o mesmo que o "Jucar", ao sul dos Pirineus. O solo da Irlanda e o da grande ilha vizinha têm nomes da língua lígure: era, creio, a dos grupos indígenas "nascidos na ilha" bretã, que os gauleses empurraram para o interior e César ainda conheceu (...) Conquistando as terras dos lígures, relata Jullian, os gauleses herdaram também as colheitas, as terras e os deuses; e nem romanos, nem bárbaros ou cristãos extirparam de seus domínios, trinta ou quarenta vezes seculares, os gênios das montanhas e das fontes, os espíritos protetores dos lugares.

Jullian prossegue descrevendo os habitantes *da Gália nos séculos* que precederam ao ano 600 a.C, sobretudo como trabalhadores da pedra, a matéria principal de suas obras e seus instrumentos. Os operários de então tinham noções exatas sobre os graus de resistência recíproca das rochas. E Jullian fala de seus monumentos: Também os maiores menires e dolmens revelam prodígios de mecânica. Mesmo que a maior parte desses blocos fosse extraída do solo do país, havia que tirá-los, pô-los no lugar, fixá-los; alguns pesavam 250.000 quilos, outros mais, e alguns deles, dos *mais pesados*, foram transportados sete ou oito léguas (250 quilômetros, no caso de alguns megálitos de Stonehenge).

Mais se toma um enigma à cultura tecnológica moderna, quando se sabe que para se fazer tudo isso é necessário, além dos braços dos homens, alavancas, rolos, cabrestantes, cordas, os quais deveriam ser cuidadosamente conhecidos e calculados o mecanismo, o poder de tensão e a solidez, ou seja, um saber preciso de engenharia. Somados aos conhecimentos de astronomia revelados pelos monumentos megalíticos, podemos deduzir não estarmos diante de povos bárbaros e ignorantes como querem fazer crer César e muitos historiadores.

E é a esse povo lígure que os celtas vão miscigenar-se e sobrepujar-se enquanto raça. A partir da presença dos druidas entre os celtas, não foi a

sociedade que formou a religião, mas esta que estruturou a sociedade.

Os Deuses Celtas com Formas de Animais

A vida moderna, recheada de praticidades, racionalidades, alta tecnologia e horários rígidos, faz o homem obscurecer dentro de si suas raízes e coloca a dormir em seu inconsciente os mitos que povoam seu universo mágico.

A relação homem/animal sempre permeou no contexto encantado da alma humana a partir de suas primeiras conquistas: aprender a fazer fogo, inventar a roda, localizar-se segundo os quatro pontos cardeais, transformar uma pedra em arma. Desde tempos imemoriais o *Homo Sapiens* coloca os animais em lugar de destaque no inconsciente coletivo e alimenta esse panteão de deuses com a recordação de seus mitos, lendas e cultos ancestrais.

Na arte e na literatura vemos os reflexos dessa relação homem/animal, que proporciona um complexo extraordinário de tradições orais e escritas, que compõem a evolução cultural, espiritual e religiosa da sociedade. Enfatizamos que o mito conserva vivo o que a memória do homem teima em apagar.

Dentro do imaginário humano surge o corcel galante, o leão ameaçador, o touro sensual, o corvo de intenções ocultas e todos os tipos de animais que odeiam, amam, são superiores, são inferiores, ora deuses, ora escravos, misturando-se aos *Homo Sapiens*, vivendo suas histórias fantásticas.

É o eterno ciclo da vida colocando o ser racional frente a frente com suas memórias atávicas.

O povo celta, igualmente a outros povos, conservou em si a adoração aos animais, colocando-os na posição de deuses e, se sua cultura não permitiu que chegasse até nós quase nada escrito ou grafado em seus monumentos megalíticos, os mitos sobreviveram e desafiam o homem moderno a descobri-los os segredos e simbolismos.

Henri-Marie D'Arbois Jubainville, nascido em Nancy em 1827 e falecido em 1910, professor de idiomas e literatura céltica no Colégio da França em 1885, pertencia a uma família de tradição em pesquisas arqueológicas e célticas, tendo sido um dos eruditos que melhor souberam compreender o universo mágico celta.

Portando em seu currículo várias honrarias acadêmicas, fez parte da Academia das Inscrições das Belas Artes (1884) e foi autor de inúmeras obras premiadas sobre o assunto celtas e druidas.

Este *Os druidas — Os Deuses Celtas com Formas de Animais* é apenas um desdobramento do grande cabedal de conhecimentos que este historiador e filólogo francês tinha da matéria.

São estudos importantes para os apaixonados da cultura céltica e druídica,

aqueles que, esquecendo-se das modernidades da vida cotidiana, conseguem mergulhar na música das florestas, ouvir o farfalhar das folhas secas, o uivar dos lobos, o murmurar das corujas nos bosques de carvalho e aceitam o convite para participar da grande assembléia convocada por Cûchulainn em Ulster, à qual estarão presentes Friuch, o Porqueiro de Munster, a Feiticeira Morrigan travestida de loba cinzenta, os corvos que um dia foram porqueiros, os garbosos cavalos de freios de prata e Mainchenn, o druida da Grã-Bretanha. Homens e Animais confraternizam-se em seu mundo mágico.

E o mito sobrevive em Ulster.

Eduardo Carvalho Monteiro

Prefácio

A primeira parte deste volume e o início da segunda são o texto das aulas dadas pelo autor durante o segundo semestre escolar de 1904-1905.

Da primeira parte, uma primeira redação, depois desenvolvida, foi feita por ele no leito em que a doença o prendia. O Altceltischer Sprachschatz de M. A. Holder foi o precioso instrumento que tornou o trabalho possível nessa incômoda situação. A necessidade de repouso que se impõe a um convalescente impediu a composição de um índice que deveria ficar no fim do livro e do qual o autor lamenta muito a ausência.*

As doutrinas expostas nas páginas seguintes são, em diversos pontos, diferentes daquelas geralmente admitidas. São fundadas nos textos citados em notas. O desejo de submetê-las ao exame dos eruditos e, em geral, de todos os que se interessam por essa parte da História foi o motivo que decidiu o autor para lançar imediatamente a presente publicação, talvez sem tê-la amadurecido o suficiente e sem preocupação com as críticas de que ela poderá, justa ou injustamente, ser objeto e vítima.

* N. do A.: Estou também em dívida com o sr. Ernault, a quem devo um detalhe importante: a relação entre gutuatros e ἀρητήρ, pág.14.

Capítulo I

Os Druidas comparados aos Gutuatri e aos Uatis

Os gauleses tiveram duas categorias principais de sacerdotes: os druidas, *druidas* = *dru-uides*, "muito sábios",¹ dos quais todo mundo já ouviu falar, e os *Gutuatri*, que são bem menos conhecidos. Não diremos nada ainda sobre os Uatis,^{*} ou seja, os adivinhos profissionais que, na Irlanda, São Patrício não considerou sacerdotes e que subsistiram oficialmente nessa ilha durante a Idade Média, em meio à população cristianizada, diante de e com a proteção do clero cristão.

Quando, no primeiro século a. C, Júlio César conquistou a parte da Gália que até então estava independente do jugo romano, os druidas ocupavam nessa região uma situação considerável, sobre a qual o futuro ditador teceu diversas considerações,² mas dizia-se então que a corporação druídica era originária da Grã-Bretanha e que fora importada da Grã-Bretanha para a Gália Setentrional, central e ocidental, *Galia contata*. É o que Júlio César nos ensina.³ Antes do estabelecimento dos druidas no continente, os gauleses só tinham como sacerdotes, além dos *Uatis*, os *Gutuatri*, cujo nome vem de um termo derivado do prefixo celta *gutu-*, em irlandês *guth*, "voz".⁴

Seu nome significava "os faladores", "os oradores", ou seja, aqueles que

¹ Sobre a etimologia da palavra *druida*, por Thurneysen, ver Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 1321 e aqui nas págs. 17, 66.

* N. do T.: a palavra *Uatis* provavelmente originou o português *Vate*, 'adivinho, profeta'

² De bello gallico, livro IV, cap. 13 e seguintes.

³ "Disciplina in Britannia reperta atque in Galliam translata esse existimur." De bello gallico, livro VI, cap. 13, par. 12. Uma opinião diferente é emitida pelos srs. J. Rhys e David Brenmor-Jones, *The welsh People*, pág. 83, mas sem dar nenhuma prova.

⁴ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 2046. Whitley Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz*, pág. 115. E. Windisc, *Iriche Texte*, tomo A pág. 605.

O sufixo *-tro-* se emprega ordinariamente como neutro e serve para formar nomes de instrumentos (Brugmann, *Grundriss*, tomo II, pág. 112-113). Mas há exceções, como no grego *δαίτης*, "aquele que reparte", *ιάτρος*, "aquele que cura, o médico. Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo II, col. 1962; para comparar: o nome masculino irlandês *Rithar*, Zeuss, *Grammatica céltica*, 2^a edição, pág. 752 e sobretudo o gaulês *gwalatr*, *gwaladr*, "governador", *ibidem* pág. 830; esta palavra tem sua origem no primitivo **ualatro-s*, *tro-s*, derivado de *uala-*, que vem da raiz *UAL*, "ser poderoso", como no latim *ualere*, *ualidus*, *ualor*. Da mesma forma *gutu-atro-s* vem de *gutua-*, desenvolvimento de *gutu-* "voz".

dirigem a palavra aos deuses, aqueles que invocam os deuses. Esse nome pode ser considerado semelhante ao nome germânico da divindade, *god* em inglês, *gott* em alemão, tendo origem no termo primitivo indo-europeu *ghütón*, "o que sé invoca". *Ghütón* vem do particípio passado passivo neutro da raiz *ghu*, em sânscrito *hu*, "invocar", com o particípio passado masculino nominativo *hutás*, como em *puru-hutás*, "muito invocado", apelido do grande deus Indra na literatura védica.⁵ O nome godo para sacerdote, *gudja*, parece derivar da mesma raiz e significar "aquele que invoca"; é um sinônimo germânico do *gutuatros* gaulês.

Os *Gutuatri*, no nominativo singular em gaulês **gutuatyos* e com a ortografia latina *gutuate*, ao qual Hirtius dá o acusativo *gutuatrum* e o ablativo *gutuatro*,⁶ eram sacerdotes ou de um templo ou de uma floresta sagrada. Tais eram provavelmente os sacerdotes do templo, *antistites templi*, entre os *Boii* da Itália, em 216 a. C, quando, de um crânio de um general romano vencido, fizeram um recipiente para beber.⁷

Havia *Gutuatri* na Gália no período da independência. Júlio César, amigo do druida *Deviciacos*, condenou à morte e fez executar um *gutuatros* ou, como escreviam os Romanos, um *gutuate* da terra de Chartres.⁸

Os *Gutuatri* subsistiram na Gália sob o império romano. Uma inscrição romana de Mâcon fala de um Gaulês romanizado chamado *Sulpicius* que fora ao mesmo tempo ligado ao culto ao imperador, como atesta seu título *de flamen Augusti*, e ao culto de uma divindade local, como se auffle de seu título *Gutuate Martis*,⁹ ou seja, sacerdote de uma das numerosas divindades célticas assimiladas a Marte sob o domínio romano.¹⁰ Duas inscrições romanas de Autun contêm dedicatórias ao deus gaulês *Anualos* ou *Anuallos*, emanadas cada uma de um *gutuate*; esses dois sacerdotes se chamam Gaius Secundius Vitalis Appa e Norbaneius Thallus; *Appa* parece ser o nome gaulês do primeiro, *Norbaneius* o do segundo.¹¹ Um quarto *gutuate* é mencionado por uma inscrição em Puy-en-Velay.¹² Mais tarde, em Ausone, a expressão *Beleni aedituus*¹³ parece ser uma tradução latina do gaulês *Beleni gutuatros*.

O *gutuate*, ou melhor, *gutuatros* da Gália, parece ter tido a mesma função

⁵ Kluge, Etymologisches Woerterbuch der deutschen Sprache, 5^a edição, pág. 143. Kluge e Luiz, *English Etymology*, pág. 91

⁶ De bello gallico, l. VIII, c. 38 par. 3, 5.

⁷ Tito Lívio, l. XXIII, cap. 24 par. 12.

⁸ De bello gallico, l. VIII, c. 38.

⁹ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 2046. Na mesma inscrição, *Sulpicius* é dito filho mais velho do deus *Moltinos*, no genitivo *primogeniti dei Moltini*.

¹⁰ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 444, 445.

¹¹ *Espérandieu*, *Revue épigraphique*, edição de outubro, novembro, dezembro de 1902, pág. 132, 133, n^o 1367, 1368, pl. IX, X. *Revue celtique*, t. XXII, pág. 148. *Norbaneius* é derivado de *Norba*, nome de homem em uma inscrição de Autun, *Corpus inscriptionum latinarum*, XIII, 2747; Holder, t. II, col. 760.

¹² Holder, t. 1, col. 2046.

¹³ Ausone, *Professores*, XI, 24, edição Schenkl, pág. 64.

do ἱερεύς homérico, como por exemplo Crises, sacerdote do templo de Apolo¹⁴ em Crisa, vila de Troade;¹⁵ Dares, sacerdote do deus grego *Hephaistos* que foi mais tarde assimilado aos deus romano *Uolcanus*¹⁶; Laogonos, sacerdote do templo erigido a Zeus, o Júpiter romano, sobre o monte Ida.¹⁷ No início da *Ilíada*, Crises, como os *Gutuatri*, dirige a palavra a seu deus. É uma oração¹⁸ que seu deus ouve, constringendo os gregos a devolver à Crises a filha que eles lhe tinham raptado. Ἀρητήρ, apelido de Crises na *Ilíada*, I, 11, quer dizer "aquele que pede"; essa palavra tem o mesmo sentido que o gaulês *gutuatros*.

Os *Gutuatri* gauleses tinham em Roma seu equivalente; eram os *flamines*, no singular *flamen*, cada um encarregado do culto de um deus, por exemplo os *flamen dialis*, sacerdotes de Júpiter. Os *flamines* não formavam uma corporação,¹⁹ bem como, provavelmente, os *Gutuatri*.

Os druidas, ao contrário, eram uma corporação²⁰ e mesmo, se podemos usar essa expressão, um tipo de congregação religiosa. Se comparássemos os *Gutuatri* aos curas ou aos pastores protestantes, uma espécie de clero secular, sem paróquias é claro, poderíamos perceber que os druidas tinham com os Jesuítas uma certa analogia. Os druidas não tinham, como os Jesuítas, um general, mas eram subordinados também a provinciais, um na Gália,²¹ um na Irlanda,²² provavelmente também um na Grã-Bretanha. Estes tinham, como missão, primeiro o culto de todos os deuses,²³ depois o estudo e o ensino da mitologia e de todas as ciências. Enfim, sabendo o passado, pretendiam conhecer também o futuro.²⁴

Os druidas, sob este ponto de vista, tinham concorrentes, os *Uatis*, chamados de οὐάτεις por Strabon²⁵ e μάντεις, "adivinhos", por Diodoro de Sicília,²⁶ que também prediziam os acontecimentos futuros. Foi graças à aliança de São Patrício com os *Uatis*, em irlandês *fáthi, filid*, que o Cristianismo na Irlanda triunfou sobre o druidismo.

Os *Uatis* celtas tinham seu equivalente em Roma, no colégio dos áugures.

Uma outra instituição romana oferecia evidente analogia com os druidas,

¹⁴ Χρύσης, δ αὐτ ἱερέε ἐκατηβόλου Ἀπόλλωνος. *Ilíada*, I, 370.

¹⁵ *Ilíada*, I, 37, 451.

¹⁶ Ἡνδέ τις ἐν Τρώεσσι Δάρης ἀφνειός ἀμύμων, ἱερέε Ἥφαιστοιο. (*Ilíada*, V, 9, 10).

¹⁷ Λαόγονον θρασύν, νιόν Ὀνητόρος, ὅς Διός ἱερέε Ἰδαίου ἐτέκτο... (*Ilíada*, XVI, 604, 605).

¹⁸ *Ilíada*, I, 37-42.

¹⁹ Marquardt, Römische Staatsverwaltung, t. III, 2ª edição, pág. 326.

²⁰ *Sodaliciis adstricti consortiis*, Timagène, citado por Amiáo Marcelino, I. XV, c. 9, par. 8.

²¹ *De bello gallico*, I. VI, col. 13, par. 8.

²² *Ver mais adiante*, cap. XII.

²³ "Rebus divinis intersunt". *De bello gallico*, I. VI, c. 13, par. 4.

²⁴ Cícero, *De divinatione*, I, 41, 90; *mais adiante*, pág. 58.

²⁵ Οὐάτεις δέ ἱερποιοί καί φυσιολόγοι. Strabon, I. IV, c. 4, par. 4; edição Didot, pág. 164, l. 21, 22. Este autor os considera sacerdotes. Esta também é, parece, a opinião de Diodoro de Sicília.

²⁶ Χρώνται δέ καί μάντεσιν, μεγάλης ἀξιοῦντες αὐτούς, οὔτοι δέ δια τε τῆς οἰωνοσκοπίας καί δια τῆς τῶν ἱερείων θυσίας τα μέλλοντα προλέγουσι. Diodoro de Sicília, I. V, c. 31, par. 3; ed. Didot, t. 1, pág. 272, l. 45-48.

o colégio dos pontífices. Aos pontífices romanos pertencia uma grande parte das atribuições conferidas aos druidas celtas, mas, antes de falar delas, constatemos que os chefes postos à frente dos druidas da Gália e dos da Irlanda correspondiam ao *pontifex maximus* dos Romanos.²⁷

Quanto às atribuições, sabe-se que freqüentemente na Gália os druidas eram árbitros de processos;²⁸ os pontífices romanos foram em sua origem encarregados da conservação dos textos das leis e uma de suas funções era interpretá-las. Os druidas ensinavam a história a seus alunos;²⁹ os pontífices romanos não professavam a história, mas a escreviam; redigir os anais de Roma, *Annales maximi*, era uma das funções do *pontifex maximus*. O ensino da astronomia, uma das atribuições dos druidas,³⁰ não era dado pelos pontífices, romanos mas, eram eles, que faziam o, calendário, de cada ano³¹ e certos conhecimentos astronômicos eram necessários ao estabelecimento desse calendário.

Havia então uma incontestável semelhança entre a corporação druídica e uma instituição romana: o colégio dos pontífices. Pode-se também, como já foi dito, comparar os augures romanos aos *Uatis* ou adivinhos celtas. Assim, tendo em vista essas três instituições romanas, — os flâmines, os pontífices e os áugures — a Gália conquistada por Júlio César, ou seja, a *Gallia comata*, oferece-nos três instituições similares: os *Gutuatri*, os druidas e os *Uatis*.

Uma semelhança análoga se encontra entre a língua latina e a dos celtas: genitivo singular e nominativo plural em *i* para os temas em *o*, passivo e deponente em *r*, futuro em *bo*, sufixos *tat* e *tion*,³² etc. É sobretudo no dialeto gaélico que a semelhança é espantosa; ora, os druidas parecem ser de origem gaélica e, outra analogia com Roma, a cor de sua vestimenta, o branco, é a mesma da toga romana.³³

Mas havia um ponto pelo qual os druidas se distinguiam dos pontífices romanos: eles ensinavam, como iriam mais tarde ensinar os jesuítas; como já haviam ensinado Pitágoras na Itália, na obscura cidade de Crotona, no século VI antes de nossa era; Sócrates no século seguinte; Platão e Aristóteles no século IV; e os três na Grécia, na capital literária dessa região ilustre, a cidade de Atenas. Pitágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles eram filósofos; logo, pensaram

²⁷ "His autm omibus druidibus praeest unus qui summam inter eos habet auctoritatem." De bello gallico, l. VI, c. 13, par. 8. Sobre os druidas da Irlanda e seu chefe, ver adiante, cap. XII.

²⁸ César exagera quando (De bello gallico, l. VI, c. 13, par. 7) pretende que os druidas julgassem todos os processos.

²⁹ "Drasidae memorant reuera fuisse populi partem indigenam, sed alios quidem ab insulis extimis confluxisse et tractibus transrhenanis." Timágeno (século. I a. C.) em Amião Marcelino, l. XV, c. 9, par. 4.

³⁰ De bello Gallico, l. V, c. 14, par. 6.

³¹ Sobre os pontífices, vér Marquardt, Römische Staatsverwaltung, t. III, 2ª edição, págs. 281-303.

³² Tratado de E. Windisch sobre as línguas célticas, par. IV, em Groeber, Grundriss der romanischen Philologie, t. I, 2ª edição, págs. 390-394.

³³ Marquadt, Das Privatleben der Römer, 2ª edição, pág. 554 e seguintes. Cf. adiante, págs. 60, 72.

os gregos, os druidas também o eram; eis por que os druidas são qualificados de filósofos antes de nossa era, por volta do ano 200 por Sotion, na segunda metade do séc. I por Diodoro de Sicília e, após nossa era, na primeira metade do séc. III, por Diógenes Laércio³⁴.

Além disso, a palavra filósofo, ou seja, "amigo da ciência e da sabedoria", pode ser considerada a tradução grega do celta *dru-uids*, "muito sábio", literalmente "fortemente vidente", em irlandês *drúi*, de genitivo *drúad*.³⁵ Aquele que se crê e a quem se crê sábio ama a ciência e a confunde com a sabedoria. A tradução latina da palavra *dru-uids* é *magister sapientiae*, "mestre da sabedoria".³⁶

³⁴ Ver os textos reunidos por A. Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, t. I, col. 1322, 1325, 1329.

³⁵ De *drúi* podemos aproximar *súi*=*su-uids*, no genitivo *súad*=*su-uídos*, "sábio", literalmente, "bem vidente" (Thurneysen): *aquele que viu bem sabe o que viu*. Cf. mais à frente, pág. 66.

³⁶ "Habent tamen ET facundiam suam magtstrosque sapientiae druidas". *Mela*, l. III, cap. 2, par. 18.

Capítulo II

Os Druidas Foram em sua Origem uma Instituição Gaélica

Os druidas parecem ter-se tornado conhecidos dos gregos a partir do ano 200 a. C, quando Sotion fala sobre eles.¹ Eles estavam, nessa data, estabelecidos na Gália deste lado do Reno, região freqüentada por negociantes marseheses. Isso aconteceu pouco após a conquista da Grã-Bretanha pelos gauleses sobre os galaicos. Com efeito, essa conquista parece ter ocorrido entre os anos 300 e 200 a.C, aproximadamente.² Os gauleses encontraram os druidas na Grã-Bretanha e importaram essa instituição para o continente. É o que Júlio César nos ensina;³ concluímos daí que os druidas foram originalmente uma instituição gaélica e própria, antes dos Galaicos que dos Gauleses. Os Galaicos são um grupo céltico que subsiste ainda com sua língua na Irlanda e nas montanhas da Escócia. Desse grupo, por muito tempo chefe das Ilhas Britânicas, o druidismo foi levado para a vasta região que se estende para o sul do canal da Mancha entre o oceano Atlântico e o Reno; mas era desconhecido na Gália cisalpina e nas regiões que haviam sido célticas a leste do Reno, tanto na bacia do Danúbio quanto na Ásia Menor, onde o *dru-nemeton*, ou seja, o grande templo ou a floresta sagrada, não tem qualquer relação com os druidas: se afirmássemos o contrário, seria o mesmo que dizer que grande sábio e grande ignorante são fórmulas de valor idêntico. Há na França um sinônimo de *dru-nemeton*, que é *uer-nemeton*, no

¹ Diógenes Laércio, Proemuim, par. 1, edição Didot, pág. 1, l. II. O tratado da magia atribuído por Diógenes Laércio a Aristóteles é apócrifo, não lendo a menção aos druidas, nesse tratado, qualquer valor cronológico. Sobre a data na qual escrevia Sotion, ver Christ, Geschichte der griechischen Litteratur, 3ª edição, pág. 799.

² Romilly Atten, em Celtic Art in pagan and christian Times, págs. 21 e 61, diz trezentos anos antes de Cristo, mas na pág. XVI parece pensar que podem ser apenas dois séculos antes da ocupação romana na Grã-Bretanha. Eis como ele se exprime: The early iron Age began here two or three Centuries at least before the roman Occupation. "A primeira idade do ferro começou dois ou três séculos, pelo menos, antes da ocupação romana." Ora, ele explica (pág. 61) que a primeira idade do ferro começou com a invasão dos povos celtas, ou seja, dos Gauleses. Foi no ano 43 de nossa era que começou a ocupação romana; logo, a conquista gaulesa deve ter ocorrido entre 157 e 257 a. C. Cf. J. Rhys, Early Britain, 2ª edição, pág. 4.

³ "Disciplina in Britannia reperta arque inde in Galliam translata esse existimatur, et nunc qui diligentius eam rem cognoscere uolunt plerumque illo discendi causa proficiscuntur". De bello gallico, l. VI, c. 13, par. 11 e 12. Salomon Reinach parece ter adivinhado a origem gaélica dos druidas, Revue celtique, l. XXI, pág. 175. Não vejo razão para crer, como o sábio J. Rhys (Studies in early Irish History, nos Proceedings of British Academy, vol. I, pág. 34) que César teria escrito por engano Britannia no lugar de Hibernia. Na mais antiga epopéia irlandesa, a Grã-Bretanha aparece como o grande centro de instrução. E na Grã-Bretanha que o célebre herói Cúchulainn aprende o ofício das armas; da Grã-Bretanha vem a profetisa que anuncia à rainha Medb os resultados desastrosos do Táin bó Cúailngi; no Cophur in dá muccado, mais adiante, pág. 183, um Druida da Grã-Bretanha prediz na Irlanda o triunfo dos side de Munster.

plural *uer-nemeta*:

Nomine Uernemetis uoluit uocitare uetustas.

Quod quasi fanum ingens gallica lingua refert.⁴

⁴ *Fortunato, 11, carmen 9, verso 9; edição de Frédéric Leo, pág. 10.*

Capítulo III

Qual a Diferença entre os Galaicos e os Gauleses?

Os galaicos, ou como se diz hoje em dia, os gaélicos, são o ramo mais setentrional da família celta; esse ramo se estabeleceu nas Ilhas Britânicas em uma data difícil de determinar, entre o ano 1300 e o ano 800 a. C.¹ Os Galaicos viviam então a idade do bronze. Só saíram dessa era por volta de 300 ou 200 a. C., quando uma invasão gaulesa trouxe o ferro para as Ilhas Britânicas. Por diversos séculos, talvez mil anos antes da invasão gaulesa, os Galaicos, armados de lanças com pontas de bronze,² espadas e punhais de bronze³ triunfaram sobre a raça anônima que os precedera nas Ilhas Britânicas. Essa raça, da qual a arqueologia nos mostra a longínqua existência mas cuja língua nos é desconhecida, ignorava os metais quando foi subjugada pelos Galaicos. Ela estava então na idade da pedra polida, na era neolítica, como dizem os arqueólogos, que se exprimem dessa forma, em grego, para se distinguir do vulgo ignorante. As armas de pedra e de osso de que se servia essa raça eram muito inferiores às armas metálicas dos Galaicos.

A conquista das Ilhas Britânicas pelos Galaicos não apenas introduzira um metal que os habitantes daquelas ilhas não haviam conhecido até então, mas também fez penetrar uma língua que ainda não se falava e que dominaria durante muitos séculos. Era um dialeto celta.

Passaram-se muitas centenas de anos até que a conquista gaulesa trouxesse às Ilhas Britânicas, com as armas de ferro que triunfaram sobre as armas galaicas de bronze, um novo dialeto céltico, o gaulês, que venceu e substituiu o gaélico na Grã-Bretanha.

Uma das características que distinguem o gaulês do gaélico é a substituição gaulesa da letra *q* e do *ku* indo-europeu por *p*. Os Galaicos, Irlandeses e Gaels da Escócia tinham reduzido, havia muito tempo, essas duas letras a *k*, *kh*, escritas *c*, *ch*. Os Galaicos, conservando o *k* e o *ku*, estão de acordo com os romanos que falavam a língua do Lácio, pequena província da Itália Central, enquanto que seus vizinhos, os osques e os ombrianos, dominados por eles, embora muito maiores em número, mudavam para *p*, como os Gauleses, o

¹ Romilly Allen, *Celtic Art in pagan and christian Times*, pág. 21.

² Romilly Allen, *ibidem*, págs. 8, 39.

³ Romilly Allen, *ibidem*, págs. 10, 24, 240.

ku e o *q* indo-europeus.⁴

Para o *ku* indo-europeu vamos nos limitar a um exemplo; o indo-europeu **ekyo-s* "cavalo", em sânscrito *açvas*, tomou-se em latim *equus*, em gaélico *equas*, em seguida *ech*, *each*, mas em gaulês *epo-s*, de onde deriva *ebol*, em bretão *ebeul*, "potro"=*ëpälos*. O nome próprio osque *Epidius*⁵ parece também se derivar de um nome comum osque, **epos*, "cavalo".⁶

Eis agora um exemplo para o *q*.

O nome do número cardinal indo-europeu que quer dizer "quatro" era a princípio **qyetyores*; tomou-se em latim *quatuor*, em irlandês antigo *cethir*, e em seguida *ceathair*, *ceithre*; mas em gaulês moderno *pedwar*, em bretão *pevar*; os Osques diziam *petora*.⁷ Desse nome de número há uma variante para a composição. Em latim é *quadru-* que aparece no português quadrúpede, vindo do latim *quadru-pedi*, *quadru-pede*, *quadru-pedem*. A forma do primeiro termo desse composto é, em irlandês, *ceathar*, mas em gaulês é *petru*, como atestam o nome do número ordinal *petru-decametus*, "décimo quarto" e o nome do povo *Petru-corii*, "Périgueux", que significa 'quatro batalhões'.⁸ A notação ombriana é *petur-* no composto *petur-pursus*, "dos quadrúpedes", de que o correspondente latino é *quadrupedibus*.⁹

Encontram-se exemplos mais numerosos na *Grammatica celtica*.¹⁰

Portanto, os Galaicos não tinham, como os Gauleses, trocado o *ku* e o *q* indo-europeus por *p*; ora, eles tinham, como os Gauleses, perdido o *p* indo-europeu antes da data remota em que os dois grupos se separaram. Em conseqüência, os Galaicos não tinham mais a letra *p* em seu alfabeto.

Entre as vinte letras de que se compõe o alfabeto ogâmico primitivo, ou seja, aquele das antigas inscrições da Irlanda, o *p* ficou faltando.¹¹ Os Galaicos haviam perdido a faculdade de pronunciar essa letra. Ela não apareceu em sua língua antes de meados do século V d. C., quando lhes foi imposta devido ao triunfo do Cristianismo. Missionários cristãos, vindos da Grã-Bretanha, tiveram

⁴ Brugmann, Grundriss der vergleichenden Grammatik, t. I, 2ª edição, pág. 554; cf págs. 604-605

⁵ Sobre o nome próprio osque *Epidius*, ver Planta, Grammatik der oskisch-umbrischem Dialekte, t. II, pág. 44, 501, 608. Cf. De Vit, Onomasticon, t. II, pág. 738.

⁶ A labialização parece ter se produzido em osque e em ombriano posteriormente à data do mesmo fenômeno em céltico e de maneira independente. Planta, Grammatik der oskisch-umbrischem Dialekte, t.I, pág. 331.

⁷ Planta, Grammatik, t. II, pág. 590; cf. t.I, pág. 37, 332 págs.

⁸ Holder, Altceltischer Sprachschatz, tomo II, col. 977.

⁹ Planta, Grammatik, tomo. II, pág. 575, l. 11; cf. t. I, págs. 114, 121, 243, 279, 332; t. II, pág. 2, 196.

¹⁰ 2ª edição, pág. 66; cf. Brugmann, Grundriss, t. I, 2ª edição, pág. 605. O nome de rio *Sequana* e seu derivado *Sequani*, nome de um povo que habitava a princípio às margens desse rio, não são uma prova de que os gauleses tivessem conservado o *q* indo-europeu. *Sequana* é um nome anterior à conquista gaulesa conservado na Gália; pode-se compará-lo a *Donau*, nome anterior à conquista germânica e que mesmo assim subsiste nos países de língua alemã; *Donau*=*Danuuius*, *Danúbio*.

¹¹ Essas letras se dividem em quatro séries de cinco letras cada uma: 1º *i, e, u, o, a*; 2º *r, s, ng, g, m*; 3º *q, c, t, d, h*; 4º *n, s, f, l, b*. No dicionário inglês-irlandês de Mac-Curtin, edição de Paris, 1732, pág. 714, encontra-se em seguida a esse alfabeto seis letras complementares, entre as quais um *p*. Mas essas seis letras não têm em suas formas nenhuma relação com as vinte letras que acabamos de falar. Formam uma adição relativamente recente, cf. Brugmann, Grundriss, t. I, 2ª edição, pág. 515-518.

nessa época o talento de fazê-los pronunciar palavras de origem latina da forma que eles mesmos as pronunciavam, mesmo que essas palavras contivessem a letra *p*. O mais notável foi Patricius.

Anteriormente, quando os Galaicos, ainda na Irlanda, tomavam emprestado uma palavra latina que continha um *p*, substituíam esse *p* por um *c*.

Assim, mercadores vindos da Grã-Bretanha lhes venderam peças daquele tecido púrpura que distinguia a vestimenta dos imperadores da dos outros cidadãos e que na Grã-Bretanha vestiu Adriano, Sétimo Severo no século II d. C. e Carausius no século III. Mas os Galaicos, ou seja, os Irlandeses, não puderam pronunciar os dois *p* do latim *purpura*, que em sua língua se tornou *corcur*.

Seu órgão rebelde desfigurou até mesmo duas palavras essenciais da língua dos cristãos: na Irlanda, *pascha*, "Páscoa", virou *casc* e *presbyter* "padre", *cruimther*. Nessa palavra não há apenas substituição do *p* pelo *c*, mas percebe-se também a troca do *b* por *m* como na palavra francesa *samedi* para *sabbati dies* (sábado) e no alemão *samstag*, inicialmente *sambaz-tag*, *sambs-tag*, no qual o primeiro termo é o latim *sabbati* com a desinência germânica do genitivo *s* no lugar do *i* latino.

Os Irlandeses chamaram primeiro *Cothraige*¹² o célebre apóstolo *Patricius* (pronuncia-se *Patrikius*). Mas a vitória da doutrina desse santo personagem teve um resultado fonético. A preguiça do órgão vocal dos Galaicos foi vencida. A letra *p* introduziu-se entre eles; pronunciaram *Patric*. Ao longo do século VII, essa revolução lingüística se cumpriu. O Cristianismo triunfara.

¹² O *ode* *Cothraige* = **Quatricias* = *Patricius* é um a primitivo deformado pela influência do *u* precedente. Pode-se comparar ao *e* de **quenque*, "cinco", que virou *o* no irlandês cóic, mesmo sentido. **Quenque* deu em gaulês *pempe*. O *a*. de *Quatricias* produziu em *Cothraige*, por ação progressiva, o *a* que segue o *r* e o *e* da mesma palavra resulta da ação regressiva exercida pelo *a* que segue o segundo *i* de **Quatricias*.

Capítulo IV

Conquista da Grã-Bretanha pelos Gauleses e Introdução do Druidismo na Gália

Além de um dialeto céltico diferente do falado pelos Gauleses, os Galaicos possuíam uma instituição que os Gauleses não tinham. Era o druidismo. Durante o século III a. C, os Gauleses que viviam a leste do Reno, na parte noroeste da Alemanha atual, foram expulsos pela conquista germânica. Recuperaram-se dessa perda conquistando uma parte da região situada a oeste do Reno, de onde haviam expulsado os outros Gauleses estabelecidos no norte e onde subjugaram os lígures instalados ao sul; depois se apoderaram da Grã-Bretanha e de uma parte das margens orientais da Irlanda. Isto aconteceu entre os anos 300 e 200 a. C. Eles introduziram, com sua dominação política e sua língua, o uso das armas e dos instrumentos de ferro na Grã-Bretanha, na qual, até então, só se usavam armas e instrumentos de bronze e onde se falava Gaélico. Em compensação, encontraram os druidas que, mesmo pertencendo ao povo vencido, impuseram-lhes sua dominação no que se poderia chamar de ordem espiritual; fizeram aceitar seu domínio científico e religioso, não apenas aos Gauleses da Grã-Bretanha,¹ mas àqueles do continente, entre o Reno a Leste e o oceano a Oeste, região para onde uma parte dos druidas se transportou por volta do ano 200 a. C. Ao mesmo tempo, um evento análogo se produzia no mundo romano: Roma, cujas armas haviam conquistado a Grécia, foi por sua vez conquistada pela literatura e filosofia gregas, pelos pedagogos e artistas da Grécia:

*Gracia capta ferum uictorem cepit et artes
Intulit agresti latio²*

Da mesma forma, os franceses e alemães guerreavam na Itália nos séculos XV e XVI e trouxeram a arquitetura italiana, que logo predominou, malgrado o enfraquecimento político e militar dos italianos.

O sucesso dos druidas, esses professores galaicos, na Gália, durante os

¹ *Daí o Druida dos Brittons, druid do Bretnuib, que aparece no Cophur in dá muccado, um dos prefácios do Táin bó Cúailngi, Windisch, Irische Texte, 3ª série, 1º caderno, pág. 240, l. 156.*

² *Horácio, Epistolae, L. 11, epístola 1, verso 155, 156; cf. Teuffel-Schwabe, Geschichte der römischen Literatur, 5ª edição, 1890, t. 1, pág. 134.*

dois séculos que precederam a era cristã, pode ser comparado ao dos outros Galaicos, como o irlandês Clemente, que sob o domínio de Carlos Magno tornou-se diretor da escola do palácio, e o irlandês Scot Erigene, que escrevia versos gregos e que gozava de posição considerável na corte de Carlos, o Calvo.³ Expulsos da Irlanda pela invasão escandinava, trouxeram para o império franco o conhecimento do latim clássico e do grego que a invasão bárbara expulsara. Deve-se a eles — e a outros irlandeses menos conhecidos que os acompanharam — o renascimento dos estudos clássicos que se produziu na Fiança no século IX e do qual um dos testemunhos é um manuscrito da biblioteca da cidade de Laon; esse manuscrito, que data do século IX, é a cópia feita na França de um dicionário greco-latino de origem irlandesa.⁴

Mas voltemos aos Druidas.

Sobre a origem do druidismo e sua influência na Gália em meados do século 1 a. C, há duas passagens importantes no *De bello gallico*. Na primeira a ser citada, Júlio César fala da principal função dos druidas: seu aprendizado dura vinte anos; trata da sobrevivência das almas após a morte, de astronomia, de geografia, de ciências naturais, de teologia.⁵ Em algumas linhas mais acima, ele explica de onde vem a instituição druídica. Pensa-se, diz, que ela nasceu na Grã-Bretanha e que de lá foi transportada para a Gália e em geral; hoje em dia, aqueles que querem conhecer melhor o ensinamento dos druidas vão à Grã-Bretanha para estudar esse ensinamento.⁶

A conquista da Grã-Bretanha pelos Gauleses do ramo belga é estabelecida por uma outra passagem do *De bello gallico*. No ano 57 a. C, Júlio César se prepara para a guerra contra os Gauleses do grupo belga. Toma informações sobre os inimigos que vai atacar; os *Remi* lhe fazem saber entre outras coisas que não esqueceram o tempo em que Deuiciacos, rei dos Suessions, era o mais poderoso de toda a Gália e tinha submetido a seu domínio não apenas uma grande parte da Gália, mas também da Grã-Bretanha.⁷ No século XI de nossa era, Guilherme, o Conquistador, só se apoderou de uma parte da Grã-Bretanha; doze séculos mais cedo, Deuiciacos a tinha submetido inteiramente.

³ Hauréau, História da filosofia escolástica, primeira parte, págs. 148-175.

⁴ Esse manuscrito de Laon traz o nº444. E. Miller publicou uma edição dele no tomo XXIX, 2ª parte, das Notas e trechos dos manuscritos da Biblioteca nacional e de outras bibliotecas, págs. 1-230. Ver também um artigo do sr. J. Vendiyès, na Revue celtique, t. XXV, págs. 377-381.

⁵ "In primis hoc volunt persuadere non interire animas, sed ab aliis post mortem transire ad alios, atque hoc maxime ad virtutem excitari putant, metu mortis negtecto. Multa praeterea de sideribus atque eorum motu, de mundi ac terrarum magnitudine, de rerum natura, de deorum immortalium vi ac potestate disputant et iuventuti tradunt." De bello gallico, l. VI, c. 14, par. 5,6.

⁶ "Disciplina in Britannia reperta atque inde in Galliam translata existimatur, et nunc qui diligentius eam rem cognoscere volunt pterumque illo discendi causa profiscuntur." De bello gallico, l. VI, c. 13, par. 11, 12.

⁷ "Suessiones suos esse finitimos, fines latissimos, feracissimos agros possidere. Apud eos fuisse regem nostra etiam memória Deuiciacum, totius Galliae potentissimum, qui cum magna partis harum regionum tum Britanniae imperium obtinuerit." De bello gallico, l. II, c. 4, par. 6, 7; cf. I V, c. 12, par. 2.

Capítulo V

Provas Lingüísticas da Conquista Gaulesa na Grã-Bretanha — Primeira Parte

Os Nomes de Povos encontrados no Continente

O estabelecimento dos Gauleses na Grã-Bretanha é demonstrado por um certo número de provas além do *De bello gallico* que acabamos de citar.

Em primeiro lugar assinalaremos a presença, nessa grande ilha, de povos de origem evidentemente gaulesa que a habitavam no tempo da dominação romana.⁸ Eram:

1º) Os *Belgae*, em cuja terra se situava *Uenta Belgarum*, atual Winchester, condado de Hampshire.⁹

2º) Os *Atrebatii*, cuja capital, *Calleua*, é hoje em dia Silchester, no condado de Southampton. Eles eram, incontestavelmente, uma colônia dos *Atrebates*, cujo nome persiste na França como Arras, capital do departamento de Pas-de-Calais.¹⁰ O nome dos *Atrebates* teve um derivado, *Atrebatensis*¹¹ que se tornou Artois, nome de uma província da França antiga.

3º) Os *Catu-uellauni* da Grã-Bretanha, estabelecidos nas redondezas de Cambridge, a norte de Londres, vindos das redondezas de Châlons-sur-Mame. O nome atual dessa cidade é a pronúncia francesa de um gaulês primitivo idêntico ao setentrional *Catu-uellauni*.¹² Esse nome, no continente, sob a dominação dos reis merovíngios, tornou-se *Catalauni*,¹³ de que os indiretos *Catalaunis*, *Catalaunos* deram, em francês, *Chaalons*, que acabou se tornando o moderno Châlons.

4º) Mais ao norte da Grã-Bretanha, no condado de York, os *Parisi* têm

⁸ Cf. *De bello gallico*, l.V, c. 12, par. 2; adiante, pág. 47.

⁹ *Ptolomeu*, l. II, c. 3, par. 13; edição Didot, t. I, pág. 103, l. 1-4.

¹⁰ *Holder*, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 96-99.

¹¹ *Longnon*, *Atlas histórico da França*, pág. 127.

¹² *Holder*, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 863-865; cf. *Longnon*, que no *Atlas histórico da França*, pág. 5, 14, escreve *Catuellauni*, *Catuellaunorum*, lição do manuscrito latino 12907 da Biblioteca nacional, século VI, e do manuscrito de Colônia 212, século VII. Os escribas suprimiram o segundo u de *Catu-uellauni*. No texto de *Amiã Marcolino*, da forma que o possuímos, os dois u desapareceram; *Catelauni*, l. XV c. 11, par. 10; *Catelaunos*, l. XXVII, c. 2, par. 4; edição *Gardthausen*, 1874, t. I, pág. 73; t. II, pág. 96.

¹³ É a lição que *Mommsen* erroneamente preferiu, *Chronica minora*, t. I, pág. 590. Esta lição está no maior número de manuscritos. Mas não se deve preferir quantidade à qualidade, sendo esta determinada pela data.

um nome que é, quanto ao final, uma variante ortográfica freqüente em latim do nome dos *Parisii* estabelecidos no continente às margens do Sena; é de Paris ou das redondezas que vieram, provavelmente no século III a. C., os *Parisi* que, sob o império romano, estavam estabelecidos onde hoje é o condado de York.¹⁴

5º) Não se pode também contestar a origem gaulesa dos *Smertae*, população cujo território deve ter sido na Escócia setentrional.¹⁵ Seu nome é a segunda parte do nome da deusa *Ro-smerta*, tão freqüentemente encontrado nas inscrições romanas da bacia do Reno.¹⁶

Havia na Grã-Bretanha, sob o império romano, dois povos, cujos nomes não aparecem na geografia do continente gaulês, mas que por volta do início do século VI foram em grande parte estabelecer-se na península armoricana e levaram para lá um dialeto derivado do gaulês, em que, por exemplo, *p=ku* e *q* é um elemento característico; eram os *Dumnonii* e os *Cornouii*.

Os *Dumnonii* habitavam a península sudoeste da Grã-Bretanha. Sem abandonar completamente esta península, atualmente inglesa, da qual uma parte, o condado de Devon, ainda traz seu nome, foram ocupar todo o noroeste da península armoricana, ou seja, na França, a parte setentrional do departamento de Ille-et-Vilaine, o departamento das Côtes-du-Nord quase inteiro e a porção norte do Finistério. Essa região tomou e conservou por diversos séculos o nome de *Domnonia*.¹⁷

O segundo povo eram os *Cornouii*, divididos na Grã-Bretanha em dois ramos: um deles, na extremidade setentrional da Escócia, nos condados de Sutherland e de Caithness, que desapareceu sem deixar vestígios; o outro, mais ao sul, nos condados ingleses de Cheshire e de Shropshire, a noroeste do País de Gales, que foi expulso pela conquista saxã e foi tomar em parte o lugar dos *Dumnonii* na península sudoeste da Grã-Bretanha. Depois, não contente com esse novo domínio, enviou uma colônia ao continente, perto dos *Dumnonii*, na porção meridional que é hoje o departamento do Finistério. O território ocupado pelos *Cornouii* na península sudoeste da Grã-Bretanha se chama hoje em dia *Cornwall*, em galês *Cernyw*; a região de que o mesmo povo se apoderou no continente recebeu na Idade Média o nome de *Cornubia* (pronuncia-se *Cornuvia*); hoje em dia dizemos em português Cornualha, em bretão *Kerné*.¹⁸

¹⁴ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo II, col. 946-947.

¹⁵ Ptolomeu, t. II, c. 3, par. 8; edição Didot, t. I, pág. 95, l. 1.

¹⁶ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo II, col. 1230-1231; cf. col. 1593, 1594.

¹⁷ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 1370-1371. Nossa opinião aqui difere do sr. John Rhys, *Early Bfitain*, 3ª edição, pág. 44. Segundo esse renomado autor, as inscrições gaélicas em caracteres ogâmicos encontradas na península em questão atestam que os *Duihnonii* eram galaicos. Mas essas inscrições são os traços de uma ocupação irlandesa temporária e posterior ao abandono da Grã-Bretanha pelas legiões romanas.

¹⁸ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 1130, 1131. Cf. J. Loth, *A emigração bretãna Armórica*, págs. 157-191, e o terceiro mapa posto por *Le Moyne de la Borderie* no fim do I tomo de sua *História da Bretanha. Sobre os Cornouii da Grã-Bretanha*, ver John Rhys, *Early Brigam*, 3ª edição, pág. 293.

A língua trazida para o continente pelos *Dumnoii* e pelos *Cornouii* estabelece claramente a origem gaulesa desses dois povos, sendo um dialeto céltico, o bretão, em que, como no gaulês, o *ku* e o *q* tornam-se *p*. A mesma observação se aplica ao cornoico, língua dos *Cornouii* que ficaram na Grã-Bretanha.

Capítulo VI

Provas Lingüísticas da Conquista Gaulesa na Grã-Bretanha — Segunda Parte

O p na Grã-Bretanha nos Nomes dos Povos além dos Parisii, nos Nomes de Homens e de Lugares

1º Os *Picti*, que sob o império romano foram inimigos tão irredutíveis para os Bretões romanizados,¹ trazem um nome que significa "aqueles que tatuam"; é a forma gaulesa do gaélico *cicht*,² hoje em dia *ciocht*,³ "gravador". O nome dos *Pictavi*, ou melhor, *Pichtoui*, *Pichtoues* da Gália, foi desfigurado em *Pictones* sob o império romano, mas se encontra nos nomes modernos de *Poitiers* = *Pictauos*, de *Poitou* = *Pictouom*, subentendido *pagum*; é um derivado do prefixo *pichto-* de onde vem *Picti*; significa também, provavelmente, "aqueles que tatuam"; esses tatuam a si mesmos.⁴

Podemos aproximar desses nomes de povos um derivado, o nome de homem *Pichtillos* ou *Pichtilos*, escrito *Pictillos*, *Pictilos* por gravadores do alfabeto que não conheciam o *ch*.⁵ O nome foi até mesmo deformado para *Pistillus*⁶ sob a influência do nome comum latino *pistillus* "pilão". Significa provavelmente "pequeno tatuado".

Os *pictas* chamavam, segundo Bède (1. I, cap, 12), *Pean fahel* (de *pennos ualli*, literalmente "cabeça", ou seja, "fim da muralha") à extremidade ocidental do *vallum Antonini*, situado na Escócia, entre o Firth of Forth a leste e a embocadura do Clyde, Firth of Clyde, a oeste. O *f* inicial de *fahel* = *uallum*, em gaulês *gwawl*,⁷ toma o lugar de um *u* consoante inicial, como no cômico *freg* =

¹ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo II, col. 994-999.

² Whitley Stokes, *O'Davoren Glossary*, n° 367, em *Archiv für celtische lexicographie*, t. II, pág. 255; Kuno Meyer, *Contributions to Irish Lexicography*, *ibid.*, pág. 367; *Glossário de Cormac em duas publicações de Whitley Stokes*, Three irish glossaries, pág. 13; Sanas Chormaic, *Cormac's Glossary*, pág. 40.

³ *Glossário de O'Clery publicado por Arthur W. K. Miller*, *Revue Celtique*, t. IV, pág. 385. Dineen, *An irish-english Dictionary*, pág. 139.

⁴ *Sobre a forma Pictari ver Holder*, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo II, c. 987-993. *Sobre a variante Pictones*, *ibidem*, col. 1000, 1001.

⁵ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo II, col. 999, 1000.

⁶ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, col. 1009, 1010.

⁷ *Grammatica Celtica*, 2ª edição, pág. 1069; cf. Robert William, *Lexicon cornu-britannicum*, pág. 153; Davies, *Antiquae linguae britannicae dictionarum duplex*, Londres, 1632, parte gaulesa na palavra *gwawl* e parte latina na palavra *vallum*. William Owen, *A Dictionary of the welsh Language*, Londres 1803, no verbete *gwawl*. Cf.

**yiracis*, "mulher casada", variante de *grueg*, em galês *gwraig*, como no bretão *fal*, "mau",⁸ variante de *gwall*, encontrado também sob essa segunda forma em gales;⁹ encontramos também *f = u* consoante em bretão na variante *derf*, de *derv*, "carvalho",¹⁰ em gales *derw*, sufixo *deryos*. O mesmo fenômeno produz no francês *fois* (vez) de *yicem* ou *fade* (insípido), de *yapidum*, embora como regra geral o francês represente por *v* ou *g* o *u* consoante inicial latino: *vin* (vinho) de *uinum*, *gain* (estojo) de *uagina* [pequena conclusão pessoal: *viria daí o costume popular de apelidar a vagina de "boceta", que quer dizer estojo. - N. do T.*].

A crônica picta, embora de feitura irlandesa (como o prova o nome imaginário do primeiro rei *Cruidne*,¹¹ variante de *Cruithne*, nome irlandês dos Pictas),¹² dá uma lista de reis pictas em que diversos nomes são evidentemente bretônicos. Eles são:

1º) *Ur-gust*, no genitivo *Ur-guist*,¹³ nome de homem idêntico a *Gwrgwst* entre os Gauleses no *Mabinogion*,¹⁴ em velho bretão *Uuorgost*, *Uurgost*, *Gurgost*,¹⁵ a mesma palavra que o irlandês *Fergus* em que o *f* inicial caracteriza a pronúncia gaélica;

2º) *Un-ust*, no genitivo *Un-uist*,¹⁶ em irlandês *Oen-gus*, *Oen-gusa*. O *U* inicial oposto ao gaélico *Oe* é evidentemente bretônico.

Ur-gust significa "escolha superior". *Un-ust* "escolha única";

Citaremos ainda:

3º) *Taran*,¹⁷ que, como nome comum, quer dizerem galês e bretão "tempestade"; encontramos-lo duas vezes em Gales como nome de homem no *Mabinogion*;¹⁸

4º) É do nome masculino picta *Drust*,¹⁹ escrito *Drest*,²⁰ que deriva *Drystan*, nome galês de um personagem do *Mabinogion*, tornado célebre sob uma forma um pouco alterada, *Tristan*, nos romances franceses da Távola Redonda;²¹

Whitley Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz*, pág. 275, 276.

⁸ *Troude*, Novo dicionário prático bretão-francês do dialeto de Lyon, pág. 200. *Maunoir*, *O Sagrado Colégio de Jesus*, 2ª parte, pág. 77, 147.

⁹ *Victor Henry*, Dicionário Etimológico do bretão moderno, pág. 140.

¹⁰ *Troude*, Novo dicionário prático bretão-francês, pág. 108.

¹¹ *William F. Skene*, *Chronicles of the Picts, Chronicles of the Scots*, pág. 4.

¹² *John Rhys*, *Early Britain*, 3ª edição, pág. 156, 241. *Etimologicamente falando*, *Cruithne* é a mesma palavra que *Πριτανία*, o nome que tomou a Grã-Bretanha antes de se chamar *Πριτανία* e *Brittania*; cf. *Whitley Stokes*, *Urkeltischer Sprachschatz*, pág. 63.

¹³ *William F. Skene*, *Chronicles*, pág. 7 e 8.

¹⁴ *John Rhys e J. Gwenogvryn Evans*, *The text of the Mabinogion*, pág. 134, l. 9; *J. Loth*, *Curso de Literatura Céltica*, t. III, pág. 270.

¹⁵ *J. Loth*, *Crestomatia Bretã*, pág. 178; cf. pág. 133.

¹⁶ *William F. Skene*, *Chronicles*, pág. 8.

¹⁷ *William F. Skene*, *Chronicles*, pág. 7.

¹⁸ *John Rhys e J. Gwenogvryn Evans*, *The text of the Mabinogion*, pág. 40, l. 7, pág. 134, l. 9; *J. Loth*, *Curso de Literatura Céltica*, t. III, pág. 270.

¹⁹ *William F. Skene*, *Chronicles*, pág. 6.

²⁰ *William F. Skene*, *Chronicles*, págs. 7, 8.

²¹ *J. Loch*, *Curso de Literatura Céltica*, t.III, págs. 310-311, nota; cf. *John Rhys e J. Gwenogvryn Evans*, *The text*

5º) Terminaremos com *Mailcon*,²² que é um nome idêntico aos gauleses *Mailcun*, *Mailgon*, nos *Annales Cambriae*, séculos VI, XII e XIII:²³ Logo, os Pictas são de origem gaulesa ou, pode-se dizer, pertencem ao ramo bretônico. Há um eminente sábio que crê o contrário e os considera estrangeiros à raça indo-européia, pois que no século VI São Columba só pôde fazer-se entender através de um intérprete;²⁴ mas a diferença que existe entre o irlandês e os dialetos bretônicos basta para explicar a impossibilidade em que os Pictas e seu apóstolo irlandês estavam de se compreender sem a intervenção de um intermediário bilíngüe.²⁵

2º *Epidii* é o nome de um povo gaulês estabelecido na Escócia no condado de Argyle, a norte do *uallum Antonini*.²⁶ Esse nome, derivado de *epos* ("cavalo") em gaulês, é por conseqüência de origem gaulesa.²⁷ Podemos associar-lhe *Epidius*, gentílico e nome de curso d'água latino de origem osque.²⁸ O equivalente de origem latina parece ser o gentílico *Equitius*.²⁹ Como o nome dos *Cornouii*, como o dos *Smertae*, dos quais já se falou, como o de *Alauna*, de que se tratará na pág. 49, vamos encontrá-lo ao norte do *uallum Antonini*. Esses três nomes, como o dos *Epidii*, atestam o estabelecimento dos gauleses na porção mais setentrional da Grã-Bretanha, região em que os romanos jamais puderam estabelecer seu domínio.³⁰

3º *Eppillos*, nome de família ou abreviado, no lugar de um composto como *Epo-manduos*, *Epo-meduos*, *Epo-redi-rix*. Não se deve espantar com o duplo *p*: uma duplicação da consoante aparece freqüentemente em nomes de família.³¹ *Eppillos* é o nome de um rei que reinava na região sudeste da Grã-

of the *Mabinogion*, pág. 159, l. 27; pág. 303, l. 5; pág. 304, l. 24; p. 307, t. 13.

²² William F. Skene, *Chronicles*, pág. 7.

²³ Edição de J. Williams ab *Ithet*, págs. 4, 57, 81.

²⁴ *Vida de São Columba por Adamnán*, l. I, c. 33; l. II, c. 32, edição Pinkerton-Metcalf, t. I, págs. 107, 153; edição Reeves, págs. 62, 145. A doutrina oposta à nossa é exposta por John Rhys, *Early Britain*, 3ª edição, págs. 272, 273.

²⁵ Podemos saber o francês e não compreender nem o espanhol nem o italiano que, como o francês, são línguas neolatinas.

²⁶ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 445; Ptolomeu l. II, c. 3, par. 8; cf. c. 2, par. 10, edição Didot, t. I, pág. 81 e pág. 6.

²⁷ Esta doutrina é posta em dúvida por John Rhys, *Early Britain*, 3ª edição, pág. 225, que supõe que esse nome foi dado por vizinhos gauleses a uma população que não era céltica. Mas ele não mostra nenhuma prova dessa asserção.

²⁸ Planta, *Grammatik deroskisch-umbrischen Dialekte*, t. II, págs. 44, 608, 609.

²⁹ De Vit, *Onomasticon*, t. II, pág. 746.

³⁰ Mommsen, *Roemische Geschichte*, t. V, 2ª edição, pág. 169, pretende que no século II a (língua dos habitantes da Grã-Bretanha, a norte do *uallum Hadriani*, seja o gaélico. Acreditamos ter demonstrado o contrário. Foi muito mais tarde que os *Highlanders* chegaram da Irlanda à Escócia. Comparar à conclusão do tratado de Alexander Macbain, *Ptolemy's geography of Scotland nas Transactions of the gaelic Society of Inverness*, t. XVIII, pág. 388.

³¹ Starck, *Die Kosenamen der Germanen*, pág. 19 e seguintes. Cf. Zimmer na *Zeitschrift de Kuhn*, t. XXXII, pág. 158 e seguintes, e *Revue Celtique*, t. XIII, pág. 294.

Bretanha,³² A variante *Epillos* com um só *p* veio a nós por meio de moedas recolhidas na França nos departamentos de la Vienne e das Bouches-du-Rhône. *Eppillos*, como *e-Epidii*, deriva do gaulês *Epo-s*, "cavalo", do qual há o diminutivo *Epos*, "*potro*" = **ëpälós* existe ainda em bretão; o galês *ebol*, "cavalo", é o mesmo *ebeul*.

4º No meio do caminho entre os *Epidii* e os domínios do rei *Eppillos* encontramos perto de York, entre os *Parisii*, a estação romana de *Petuaria*, claramente falando *Petuaria uilla*, propriedade rural de *Petuarios*, ou seja, do quarto filho. *Quartus*, "quarto" em latim, era nome e sobrenome.³³ O gaulês *petuarios* é a forma primitiva do gales *pedwerydd* e do bretão *pévaré*, "quarto".

Encontramos a mesma palavra empregada como nome de lugar na Gália. Pithiviers, em Loiret, se chamava no século XII *Pedveris* no ablativo plural, o que supõe um nominativo do mesmo número. *Peduarii* ou *Peduariae* tomando o lugar de um mais antigo *Petuarii* ou *Petuariae* com um *t* no lugar do *d*, como mostra o derivado *Petuaensis* em uma carta do ano 1025; a correção seria *Petuariensis*. Os *Petuarii fundi* ou *Petuariae uillae* da Gália eram na origem a propriedade de um Galo-Romano chamado *Petuaricus*, homônimo daquele que na Grã-Bretanha deu seu nome à *uilla Petuarica*.³⁴

5º A sudoeste de *Petuarica*, em Penkridge, na Inglaterra, no condado de Stafford, ficava a estação romana de *Pennocrucium*, palavra derivada de *penno-crouci*, "cabeça da colina", em irlandês *Cenn-cruaich*.³⁵ O primeiro termo desse nome composto é o gaulês *penno-s*, em velho irlandês *cenn* = **quennos*.³⁶

6º Em uma parte não determinada da Grã-Bretanha, o geógrafo de Ravena pôs uma localidade chamada *Maponi*.³⁷ Supomos que é preciso subentender *fanum* e traduzir "templo do deus *Maponos*". Com efeito, encontrou-se no norte da Inglaterra, nos condados de Durham, Cumberland e Northumberland, oferendas ao deus *Maponus*, assemelhado pelos romanos com Apolo. Corrigirmos para *fons Maponus* o *fons Mabonus*, nome de uma fonte dedicada a esse deus e situada perto de Lyon no século XI.³⁸ *Maponus* deriva do

³² Holder, t. I, col. 1455. J. Rhys, *lectares on welsh Philology*, 2ª edição, págs. 190-192; *Early Britain*, 3ª edição, págs. 23, 24, 26, 28, 31, 33, 302.

³³ Ver por exemplo *Corpus inscriptionum latinarum*, t. XII, pág. 899.

³⁴ Holder, t. II, col. 981; cf. *Revue Celtique*, t. XVIII, pág. 246; J. Rhys. *Lectures on welsh Philology*, 2ª edição, págs. 22, 23; Whitley Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz*, págs. 58, 59.

³⁵ *Betha Patraic* em Whitley Stokes, *The tripartite life of st. Patrick*, t.I. pág. 90, l. 18. O *Dinnsenchus* oferece a variante *Crom-cruaich*, edição Whitley Stokes, *Revue celtique*, t. XVI, págs. 15, 16; cf. Todd, *Saint Patrick, apostle of Ireland*, pág. 128, nota; Holder, t. II, col. 966; J. Rhys, *Lectures on welsh Philology*, 2ª edição, pág. 184; *Early Britain*, 3ª edição, págs. 230, 310.

³⁶ Whitley Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz*, pág. 59.

³⁷ *Edição Parthey e Pinder*, 436, 20.

³⁸ Holder, t. II, col. 414; *Corpus inscriptionum latinarum*, t. VII, n^{os} 218, 332, 1345.

gaulês *mapos*, "filho", em gales e em bretão *map* e *mab*, em" gaélico **maquas*,³⁹ genitivo singular *maqui* nas inscrições ogâmicas.⁴⁰ mais tarde *macc*, no genitivo *maicc*, e por fim *mac*, no genitivo *meic*, em seguida *mic*.

³⁹ R. A. Stewart Macalister, *Studies in Irish Epigraphy*, 1ª parte, pág. 6.

⁴⁰ R. A. Stewart Macalister, *Studies in Irish Epigraphy*, 1ª parte, págs. 21, 23,25, 26, 27, 28, 29, 34, 35, 36, 39, 41, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 55, 59, 60, 67, 71, 72, 79; 2ª parte, págs. 16, 20, 51, 64, 74, 78, 83, 84, 91, 94, 95, 98, 100, 103, 105, 108, 1(0, 116, 121, 124, 128, 136; cf. J. Rhys, *Lectures on Weish Philology*, 2ª edição, págs. 388, 394, 395, 401.

Capítulo VII

Provas Lingüísticas da Conquista da Grã-Bretanha pelos Gauleses — Terceira Parte

Nomes de Cidades, de Estações Romanas e de Cursos d'água que encontramos tanto na Grã-Bretanha quanto no Continente Gaulês

A lista dos nomes das cidades ou das estações, situadas nas estradas da Grã-Bretanha, no tempo do Império Romano, carrega ainda o traço da conquista gaulesa anterior: vários desses nomes encontram-se na parte do continente em que os Gauleses foram chefes e parecem provir de lá.

1º) Um dos fatos mais conhecidos da guerra feita na Gália por Júlio César é o cerco de *Uxello-dunum*, ou melhor, *Ouxello-dunon*, "Alta fortaleza", na vizinhança de Cahors (Lot);¹ foi no ano 51 a. C. Ora, havia no império romano um outro *Uxellodunum* que ficava na Grã-Bretanha.² Kiepert (*Atlas Antiquus*) põe esse *Uxellodunum* na Inglaterra setentrional, no condado de Cumberland, identificando-a com a pequena cidade de Maryport.

2º) Os textos geográficos do tempo do império romano localizam na Gália dez *Nouio-magus*, "campo novo". Esse nome composto foi levado à Inglaterra, ao condado de Kent;³ uma estação com esse nome se situava sobre a via romana que, do porto de *Rutupiae*, atual Richborough, a nordeste de Douvres, levava à muralha construída por ordem do imperador Adriano (117-138) e que chamavam *uallum Hadriani*.⁴

¹ Sobre a localização do Uxellodunum de Júlio César, ver E. Desjardins, Geografia... da Gália Romana, t. II, pág. 422, nota 9.

² E a localidade cujo nome foi escrito Axeloduno no ablativo na Noticia dignitatum, edição Böcking, t. II, pág. 114; cf. Petrie, Monumenta histórica britannica, pág. XXIV, col. 12. Lê-se Uxelludamo no geógrafo de Ravena, edição Pinder e Parthey, pág. 433. A notação Uxellodunum no nominativo foi adotada por Forbiger, Handbuch der alten Geographie, t. III (1848), pág. 300; cf. Kiepert, Atlas antiquus, pl. XI; Corpus inscriptionum latinarum, t. VII, nº 1291.

³ Holder, Altceltischer Sprachschatz, tomo II, col. 790-792.

⁴ Itinerário de Antonino, edição Parthey e Pinder, 472, 1.

3º) Além da mais famosa *Mediolanum*, hoje Milão, fundada pelos Gauleses na Itália setentrional, havia no império romano diversas outras. Os documentos contemporâneos a esse império mencionam quatro delas na Gália e uma na Grã-Bretanha; esta última parece ser, hoje em dia, Clawddcoch, "fosso vermelho", no condado chamado Shropshire, vizinho do país de Gales e situado a leste dessa região neo-céltica.⁵

4º) Na estrada de Londres, no *uallum Hadriani*, havia uma estação chamada *Cambo-ritum*,⁶ "vau curvo". É o nome primitivo de Chambourg (Indre-et-Loire), de Chambord (Loir-et-Cher) e talvez mesmo de duas localidades homônimas situadas na França.⁷

5º) Um nome de lugar freqüente na Gália romana é *Condate*, "confluente"; havia uma *Condate* na Grã-Bretanha sob o império romano: pensamos ser a atual Northwich, no condado de Chester.⁸

6º) O segundo termo *durus*, "fortaleza", tão freqüente na Gália romana,⁹ encontra-se na Grã-Bretanha, sob o império romano, no composto *Lacto-durus*, hoje Towcester, condado de Northampton.¹⁰

7º) *Briua*, "ponte", expressão muito conhecida daqueles que estudaram a geografia da Gália romana,¹¹ é o segundo termo do composto *Duro-brivae*, "pontes da fortaleza", nome de duas estações nas vias romanas da Grã-Bretanha. Uma pertence ao itinerário de Londres a Douvres, a outra àquela rota que de Londres levava à muralha de Adriano, *uallum Hadriani*. A primeira parece ser Rochester, condado de Kent e a segunda Castor, condado de Northampton.¹²

8º) *Uernemetum*, no itinerário de York à Londres, é o nominativo-acusativo singular de um nome de lugar que aparece no ablativo plural na Gália em um poema de Fortunato:

⁵ Holder, *Altceltscher Sprachschatz*, tomo II, col. 518-521.

⁶ É a lição de dois manuscritos que Parthey e Pinder citam em sua edição do Itinerário de Antonino, 474, 7, nota. Essa lição foi adotada por Kiepert, *Atlas antiquus*, XI, e por Holder, *Altceltscher Sprachschatz*, tomo I, col. 715.

⁷ Holder, *ibid.*, col. 715, 716; Longnon, *Atlas Histórico*, pág. 172.

⁸ por Holder, *Altceltscher Sprachschatz*, tomo I, col. 1902-1904; Itinerário de Antonino, edição Parthey e Pinder, 469, 1; 482, 3; cf. Whitley Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz*, pág. 139.

⁹ Holder, *Altceltscher Sprachschatz*, tomo I, col. 1383.

¹⁰ Holder, *ibid.*, tomo I, col 117. Kiepert, *Atlas antiquus*, crê que seja Kinderton; cf. Whitley Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz*, pág. 150.

¹¹ Holder, *Altceltscher Sprachschatz*, tomo I, col. 610-611.

¹² Holder, *ibid.*, tomo I, col 1384; Uhys, *Early Britain*, 3ª edição, pág. 300; cf. Whitley Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz*, pág. 184.

Nomine Uernemetis uoluit uocitare uetustas
Quod quasi fanum ingens gallica lingua refert.¹³

Vernantes (Maine-et-Loire), chamada *Vernimptas* na época carolíngia,¹⁴ vem do antigo *Vernemeta*.

9º) O prefixo gaulês *mandu*, que é o elemento fundamental do nome dos *Mandubii*, povo gaulês muito conhecido graças ao cerco, por Júlio César, de Alésia, sua fortaleza, é igualmente encontrada na Gália no derivado *manduo* que forma o segundo termo do nome do povo *Ueromandui* e do nome de homem *Epo-manduos*, conservado ainda no nome de lugar *Epo-manduo-durum*.¹⁵ O prefixo *mandu-* aparece na Grã-Bretanha no composto *Mandu-essedum*, nome de uma estação no itinerário que ia da muralha de Adriano, *uallum Hadriani*, a *Rutupiae*, atual Richborough, no condado de Kent; *Mandu-essedum* parece ser hoje em dia Manchester, no condado de Kent.¹⁶

10º) *Sego-dunum* era, no tempo do império romano, o nome da cidade de Rodez (Aveyron). Deve-se corrigir para *Segodunum* o *Segedunum* do itinerário de Antonino, hoje Wallsend, no condado de Northumberland. Uma outra *Segodunum* ficava na parte da Germânia que fora ocupada pelos Gauleses, perto do Maine; sua localização atualmente está compreendida no reino da Baviera.¹⁷

11º) Igualmente a leste do Reno, os Gauleses possu(ram uma vila chamada *Cambo-dunum*, "fortaleza curva"; hoje em dia é Kempten, na Baviera. Havia na Grã-Bretanha, sob o império romano, uma outra *Cambo-dunum*, situada no atual condado de York.¹⁸

12º) Os gauleses tinham uma divindade masculina chamada *Alounos* ou, com a ortografia romana, *Alaunus*, que no continente gaulês é encontrado na identidade de Mercúrio em uma inscrição de Mannheim na margem direita do Reno, no grão-ducado de Bade.¹⁹ O feminino, *Alounae* ou *Alaunae*, era o nome de deusas adoradas nas redondezas de Salzburgo,²⁰ a antiga *luuauum* em uma terra gaulesa, o *Noricum*. Esse nome de divindades era também o nome de um

¹³ *Carmina*, l. I, c. 9, versos 9-10; edição de Frédéric Leo, pág. 12. Cf. *Itinerário de Antonino*, edição Parthey e Pinder, 477, 5.

¹⁴ Longnon, Atlas histórico da França, pág. 297, col. 2; cf. C. Port, Dicionário Histórico, Geográfico e Biográfico de Maine-et-Loire, t. III, pág. 691.

¹⁵ Epamanduodurum no Itinerário de Antonino, edição Parthey e Pinder 386, 4; cf. Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 1446.

¹⁶ Itinerário de Antonino, edição Parthey e Pinder, 470, 3; Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 405.

¹⁷ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo II, col. 1446, 1447.

¹⁸ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 714-715.

¹⁹ Holder, *ibidem*, t. I, col. 78.

²⁰ Holder, *ibidem*, t. I, col. 107.

povo: os *Alauni*, ou melhor, *Alouni*, uma população do *Noricum*. Como nome de lugar esse vocábulo foi trazido para a Gália: Alleaume-les-Vallognes (Manche) e Allonne (Sarthe) são antigas *Alauna*.²¹ Os Gauleses introduziram esse nome na Grã-Bretanha. O pequeno rio Aln, no condado de Northumberland, é chamado *Alaunos* por Ptolomeu. Esse geógrafo chama *Alauna* uma cidade situada na embocadura do mesmo curso d'água, chamada hoje em dia Alnwick.²² Uma outra cidade chamada *Alauna* provavelmente se situou na Escócia ao norte da muralha de Antonino, *uallum Antonini*,²³ em uma parte da Grã-Bretanha que os Romanos jamais puderam conquistar, mas de que os Gauleses se apoderaram na sua época de maior poder.

²¹ Longnon, Atlas histórico da França, pág. 25, 165; Holder, Altceltischer Sprachschatz, tomo I, col. 76.

²² Hoider, Altceltischer Sprachschatz, tomo I, col. 76, 77.

²³ Hoider, ibidem, t. I, col. 76; cf. Kiepert, Atlas Antiquus, tab. XI.

Capítulo VIII

Provas Lingüísticas da Conquista da Grã-Bretanha pelos Gauleses — Quarta Parte

O rei Belga e Gaulês Commios na Grã-Bretanha. Os Belgas são Gauleses

Um fato sobre o qual nada dissemos até agora será suficiente para demonstrar que a língua falada na Grã-Bretanha no ano 55 a.C. era idêntica à língua que os Gauleses usavam na mesma data. Uma passagem do *De bello gallico* nos mostra Commios, rei dos *Atrebates* da Gália, enviado por Júlio César à Grã-Bretanha. Esse embaixador expôs aos habitantes, em um discurso, *oratoris modo*, os comunicados que o general romano o tinha encarregado de transmitir. Júlio César não diz que nessa circunstância Commios tenha precisado de um intérprete,¹ embora em outras circunstâncias ele fale dos intérpretes empregados por ele² e por seu tenente Titurius Sabinus.³

Dir-se-á, talvez, que Commios era belga e que, segundo Júlio César, parece que havia, entre a língua e as instituições políticas dos Belgas e as dos habitantes da Gália céltica, separada deles pelo Sena e o Marne, tantas diferenças quanto entre a língua e as instituições dos habitantes da Gália celta e as dos Aquitanos.⁴ Esta é a asserção de um homem que não conhece nem a língua dos Belgas nem a dos outros Gauleses. Os iberos da Aquitânia falavam uma língua que não era indo-européia e que não tinha qualquer afinidade com as línguas celtas. Entre a língua dos belgas e a dos outros Gauleses, só poderiam existir diferenças dialetais insignificantes; não nos seria possível distingui-las.⁵ Entre eles, a diferença mais importante estava nas instituições políticas; a nordeste do Sena e do Marne, a realeza subsistia no tempo em que Júlio César conquistou a parte da Gália a oeste do Reno (58-50 a.C); a sudoeste do Sena e

¹ "*Commios Atrebas, quem supra demonstraueram a Caesar in Britanniam praemissum. Hunc illi e nauis egressum, cum ed eos oratoris modo Caesaris mandata defernet...*" De bello gallico, c. 27, par. 2, 3.

² "*Deuiciacum ad se uocari iubet, cotidianis interpretibus remotis, per C. Valerium Troucillum... cum eo conloquitur*". De bello gallico, l. I, c. 19, par. 3.

³ "*Quintus Titurius Sabinus, cum procul Ambiorigem suos cohortantem conspexisset, interpretem sum Gnaeum Pompeium ad eum mittit*" De bello gallico, l. V, c. 36, par. 1.

⁴ "*Gallia est omnis diuisa in partes tres, quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam qui ipsorum lingua Celtae nostra Galli appellantur. Hi omnes LINGUA, institutis, legibus inter se differunt*". De bello gallico, l. I, c. 1, par. 1, 2

⁵ Strabon é menos taxativo que Júlio César. Segundo ele, não se deve dizer que os Κέλταις sejam todos μογγλόττους, mas ένίους μικρόν παρλάττοντας ταίς γλώτταις, l. IV, c. 1, par. 1, edição Didot, pág. 176, l. 28, 29.

do Mame, as monarquias haviam sido, há pouco tempo, substituídas por repúblicas. De resto, Júlio César, após ter, no começo de seu livro I, distinguido os Belgas dos *Galli* ou Gauleses, suprimiu esta distinção na última parte de sua obra.

Assim, por exemplo, em seu livro V, qualifica de gauleses os Eburons, que precedentemente havia posto entre os Belgas,⁶ os *Cornutes* mataram o rei que Júlio César lhes impôs;⁷ unidos aos *Treueri*, organizaram um levante geral da Gália e os Eburons, sendo Gauleses, não puderam opor a gauleses uma recusa.⁸ O nome dos Belgas aparece de vez em quando nos livros I a IV do *De bello gallico*; a partir do quinto, que conta os eventos do ano 54 a. C., César, na Gália há quatro anos, conhece melhor o país: os povos do *Belgium* são Gauleses, *Galli*, como os que habitam o sudoeste do Sena e do Marne; não se fala mais dos *Belgae*. Os *Belgae* reaparecem em Hirtius, escravos das primeiras linhas escritas por seu chefe e "mais realista que o rei", como é hábito dos subordinados.

Assim, os conquistadores vindos à Grã-Bretanha eram Gauleses, como já havíamos dito.

A língua falada pelos Gauleses da Grã-Bretanha não podia ser muito diferente da dos Gauleses continentais, exceto por leves variações dialetais.

O braço do mar que os separava de seus compatriotas estabelecidos ao sul da Mancha não deve ter produzido mais efeito lingüístico do que o Oceano Atlântico que separa as Ilhas Britânicas dos Estados Unidos da América. Recebo o *American Journal of Philology*, que sai em Baltimore, e a *Classical review*, cujo editor mora em Londres, e não percebo em que a língua de um difere da do outro. Em Paris, compreendemos sem dificuldade a língua que falam os franceses de Guadalupe e da Martinica e mesmo os de Nova Orleans e do Canadá, que mudaram há muito tempo de nacionalidade.

Evidentemente os Gauleses, quando dominaram a Grã-Bretanha, não exterminaram nem expulsaram as populações que os tinha precedidos naquela terra. Havia ainda na Grã-Bretanha, em meados do século I a.C, importantes ruínas da população gaélica (de quem os Gauleses conquistaram a ilha) e mesmo da população anterior à chegada dos primeiros Indo-Europeus, ou seja, os Galaicos; mas essa população tivera rapidamente o destino que tiveram no continente os Gauleses após a conquista romana;⁹ como os Galaicos, haviam-se assimilado aos conquistadores.

⁶ De bello gallico, l. II, c. 4, par. 10.

⁷ De bello gallico, l. V, c. 25.

⁸ "Non facile Gallos Gallis negare potuisse". De bello gallico, l. V, c. 27, par. 6. Sobre os Neruii, belgas no l. II, c. 4, par. 8, cf. l. V, c. 45, par. 2, 4, em que um Neruius se torna um Gallus.

⁹ Júlio César é bastante mal-informado, porém não podemos rejeitar completamente seu testemunho: "Britanniae pars interior ab his incolitur, quos natos in insula ipsi memoria proditum dicunt, maritima pars ab iis qui praedae ac belli inferendi causa ex Belgio transierunt (qui omnes fere iis nominibus civitatum appellantur, quibus orti ex ciuitatibus eo peruenerunt) et bello inlato ibi permanserunt atque agros colere coeperunt." De bello gallico, l. V, c. 12, par. 1,2. Júlio César conhece muito mal a parte da Grã-Bretanha mais afastada do Canal da Mancha e se engana quando diz que os conquistadores belgas introduziram a agricultura na Grã-Bretanha.

Capítulo IX

Os Druidas na Gália Independente, durante a Guerra feita por Júlio César

A conquista da Grã-Bretanha pelos Gauleses não é apenas afirmada por Júlio César, mas resulta das provas reunidas nos capítulos V a VIII. Os druidas Galaicos da Grã-Bretanha conseguiram, apesar da derrota de seus compatriotas, fazer-se aceitar como sábios e como sacerdotes pelos vencedores. Os Judeus e os Cristãos têm um livro, a Bíblia; os maometanos têm um livro, o *Alcorão*; os druidas também tinham um livro, mas ele não estava escrito. Era uma compilação de versos e essa compilação era tão desenvolvida que, para conseguir sabê-la bem, ou mesmo para compreendê-la mais ou menos, foram necessários vinte anos de estudos a um certo número de alunos.¹ Só o que ignoramos é se esses alunos eram os melhores ou os menos inteligentes. Pouco importa. O livro dos druidas tinha um poder análogo ao da Bíblia e ao do Corão. Como a Bíblia e o *Alcorão*, ele se impôs aos povos.

Júlio César, durante a guerra das Gálias, teve o talento de garimpar para si o apoio do druida *Deuiciacos*, do qual ele gaba o zelo pelos interesses do povo romano, a boa vontade em vista do próprio conquistador.² Com efeito, *Deuiciacos* queria sinceramente a aliança dos *Aedui* (Eduanos), seus compatriotas, com os Romanos.³

Júlio César não diz que *Deuiciacos* fosse Druida. Nós o sabemos por Cícero que conheceu em Roma o Eduano *Deuiciacos*,⁴ enviado em embaixada ao Senado por seus concidadãos.⁵

Em conseqüência de suas boas relações com *Deuiciacos*, vimos perto do fim da guerra, no ano 52 a.C, Júlio César, servindo de juiz entre dois magistrados supremos eleitos concorrentemente pelos *Aedui* e declarando válida

¹ "Multi in disciplinam conueniunt et a parentibus propinquisque mittuntur. Magnum ibi numerum uersuum ediscere dicuntur. Itaque annos nonnulli uicenos in disciplina permanent, neque fas esse existimant ea litteris mandare". De bello gallico, l. VI, c. 14, par. 2,3.

² "Summum in populum Romanum studium, summtam in se uoluntatem." De bello gallico, l. I, c. 19, par. 2. Holder, Altceltischer Sprachschatz, tomo I, col. 1260-1262, reuniu os textos do De bello gallico concernentes a *Deuiciacos*.

³ "Aeduos fratres consanquinosque sepe numero a senatu appellatos." De bello gallico, l. I, c. 33, par. 2. Cf. Cícero, Ad Atticum, l, 19, 2 (60 a. C.) Sob o império romano, os *Aedui* tiveram o título de foederati.

⁴ "In Gallia druidae sunt e quibus ipse *Deuiciacum Aeduum*... cognoui, qui et naturae rationem, quam φρσιολογίαν Graeci appellant, notam esse sibi profitebatur, et partim auguriis partim coniectura, quae essent futura, dicebat." De diuinatione, l,41, 90.

⁵ "*Deuiciacus auxilii petendi causa Romam ad senatum profectus*." De bello gallico, l. VI, c. 12, par. 5.

a eleição que tinha o concurso dos sacerdotes,⁶ evidentemente druidas. Um texto épico irlandês os mostra em número de quatro intervindo na eleição de um rei supremo da Irlanda.⁷ A boa vontade do Druida *Deuiciacos* e o poder dos druidas facilitaram o *sucesso* de Júlio César na Gália.

⁶ "Conuictolitaum, qui per sacerdotes more civitatis intermissis magistratibus esset creatus, potestatem optinere iussil." *De bello gallico*, l. VII, c. 33, par. 3.

⁷ Serglige Conculainn, par. 23. *Windisch, Irische Texte*, t. I, pág. 213.

Capítulo X

Os Druidas na Gália sob o Império Romano

Quando o imperador Augusto organizou na Gália o governo romano, tudo mudou. A pretensão dos magistrados enviados de Roma para a Gália foi transformar os Gauleses em romanos e eles conseguiram. A prova é a língua francesa, que é um dialeto do latim. Sobre o solo da França, cinco séculos de dominação romana bastaram para assegurar à língua latina um triunfo que não foi possível na Grã-Bretanha, após cerca de três séculos e meio de uma ocupação incompleta e frequentemente interrompida por revolta dos súditos, ou perturbada pelas incursões dos povos vizinhos ao território romano, pelas incursões dos Pictas e dos Irlandeses.

Os druidas, com seu ensinamento independente da tradição greco-romana e por sua jurisdição arbitrai, eram o principal obstáculo à romanização da Gália. A luta contra eles apareceu já no Império de Augusto. Em 1º de agosto do ano 12 a.C., Druso reuniu na cidade de Lyon, perto do altar de Roma e de Augusto, uma assembléia de deputados da Gália;¹ essa assembléia se reunia desde então todos os anos na mesma data e foi uma das instituições principais do império romano.² Era uma concorrência temível à assembléia anual convocada pelos druidas nos arredores de Chartres e na qual, no tempo da independência gaulesa, julgavam os processos que a boa vontade das partes submetesse a sua arbitragem.³ Se tomássemos ao pé da letra o texto de Júlio César, *todos* os processos seriam julgados pelos druidas. Existe aí um evidente exagero. Os *Comentários* de Júlio César mencionam diversas contestações entre Gauleses e não dão nenhum exemplo de julgamento ou, mais exatamente, de sentença arbitrai que tenha sido obra de druidas.

Mas essa jurisdição arbitrai, independente do governo romano, não podia, qualquer que fosse sua importância, conciliar-se com a conquista. Os magistrados imperiais não podiam admiti-lo.

Os mais importantes entre os processos submetidos à arbitragem dos

¹ Ver os textos reunidos por Hirschfield, *Corpus inscriptionum latinarum*, t. XIII 237; cf. E. Desjardins, *Geografia histórica... da Gália Romana*, t. III. pág 186 e seguintes.

² Mommsen, *Römische Geschichte*, t. V, 2ª edição, págs. 84-89.

³ "Hi cetero anni tempore in finibus Carnutum, quae regio totius Galliae media habetur, considunt in loco cosecrato. Huc Omnes, qui controuersias habent, conueniunt eorumque decretis iudicisque parent." *De bello gallico*, l. VI, c. 13, par. 10. Cf. Mommsen, *Römische Geschichte*, t. V, 2ª edição, págs. 95, 96.

druidas eram aqueles a que crimes, tais como assassinatos, davam origem.⁴ O papel dos druidas como árbitros era fixar o montante da composição que o culpado seria obrigado a pagar, sem o que deveria sofrer a lei de talião, a menos que tivesse a grande sorte de fugir. Mas a lei romana não admitia nem o direito das famílias de matar os assassinos de seus membros, nem o direito ao assassino de escapar à pena capital, pagando à família do morto a multa fixada por um árbitro conforme o costume local.

A jurisdição sobre os súditos de Roma que não eram cidadãos pertencia aos legados imperiais. Quanto aos cidadãos romanos, Augusto lhes tinha proibido a religião dos druidas⁵ e por conseqüência também os acessórios dessa religião, entre os quais a arbitragem druídica. Os Gauleses que não tinham obtido o direito de cidadania podiam então conservar seu antigo culto, mas não tinham mais independência que os cidadãos romanos no que tocava aos processos criminais.

Se eles se obstinassem em levar seus processos criminais diante da jurisdição arbitrária exercida pelos druidas, uma das conseqüências seria a condenação à morte e a execução dos homens culpados de assassinato ou roubo que não pudessem pagar a multa fixada pela sentença arbitrai. Esses homens seriam entregues à morte pelo fogo e seu suplício seria considerado um sacrifício agradável aos deuses.⁶ Os sacrifícios humanos são de uso geral em um certo grau de civilização.⁷

Mas uma reunião do Senado no ano 97 a. C. decidira proibir os sacrifícios humanos.⁸ Uma outra lei da república romana, a *lex Cornelia de sicariis*, punia o assassino com a pena de morte.⁹ Essa lei teria sido aplicada aos druidas sob o império romano, se ousassem fazer morrer com fogo, não apenas inocentes, mas culpados condenados por eles à morte por não ter podido pagar a multa.

Havia então, sob o ponto de vista do direito criminal, incompatibilidade entre o druidismo e a civilização romana. Isso não era tudo: os druidas eram professores, ensinavam a teologia e todas as outras ciências: astronomia,

⁴ "Si quod admissum facinus, si caedes Jacta." De bello gallico, l. VI, c. 13, par. 5.

⁵ "Druidarum religionem... tantum civibus ab Augusto interdictam". Suétone, Divus Claudius, 25.

⁶ "Immani magnitudine simulacra habent quorum contexta uiminibus membra uiuis hominibus implent, quibus succensis circumuenti flamma exanimantur homines. Supplicia eorum, qui in furto aut latrocínio aut in aliqua noxa comprehensi, gratiora diis immortalibus, esse arbitrantur; sed, cum eius generis copia deficit, etiam ad innocentium supplicia descendunt." De bello gallico, l. VI, c. 16, par. 4, 5. O suplício de inocentes mortos pelo fogo era apenas, propriamente falando, um sacrifício humano, (cf. adiante, págs. 74, 75). O suplício dos condenados era uma execução agradável aos deuses.

⁷ Sobre os sacrifícios humanos entre os Germanos, ver Grimm, Deutsche Mythologie, 3ª edição, pág. 38 e seguintes; cf. L. Léger, A Mitologia Eslava, pág. 184 e seguintes.

⁸ "DCLVII demum anno Urbis, Cn Cornelio Lentulo, P. Licinio Casso consulibus, senatus consultum factum est, ne hommo immolaretur." Plínio, l. XXX, par. 12.

⁹ Digeste, l. XLVIII, título 8, lei I. *Lege Cornelia de sicariis et ueneficiis tenetur qui hominem oceiderit. No ano 66 a. C essa lei foi citada por Cícero, Pro Cluentio, XX, 55. É atribuída a Sila.*

geografia, ciências naturais¹⁰ e história.¹¹ Esse ensinamento não era o mesmo que os jovens romanos recebiam dos pedagogos gregos e de seus discípulos.

Tomemos como exemplo a mitologia. Júlio César impõe como princípio a identidade entre o panteão celta e o panteão romano, com uma única diferença: entre os Gauleses, Mercúrio vinha no primeiro escalão e depois dele vinham Apolo, Marte, Júpiter e Minerva.¹² Mas esses nomes divinos eram desconhecidos dos Gauleses. Havia, evidentemente, tanta diferença entre a mitologia céltica e a dos romanos quanto entre esta e a dos alemães, quanto entre a mitologia romana primitiva e a dos Gregos antes do triunfo da literatura grega e conseqüentemente de sua mitologia em Roma, triunfo do qual veio, por exemplo, a confusão de Marte com Ares, de Diana com Artemis, de Mercúrio com Hermes.

No momento em que se admitia a realidade objetiva de concepções mitológicas subjetivas, era necessário chegar a uma série de identificações que na Gália começou com Júlio César e que desde então tornou-se a lei do mundo galo-romano. Marte, identificado com o deus grego Ares, o foi também com o deus gaulês *Toutatis*; Minerva, confundida com a deusa grega Atenas, o foi igualmente com a deusa gaulesa *Belisama*,¹³ etc. Mas, como essas identificações eram arbitrarias, podiam tornar-se contraditórias; assim *Esus* e *Tutatis* são, ambos, às vezes Marte, às vezes Mercúrio,¹⁴ os *Suleuiae* são *Iunones* em uma inscrição, *Mineruae* em outra.¹⁵

Enfim, deixando de lado as crenças religiosas, passemos ao aspecto político das questões. Os Gauleses tornados romanos deviam ser designados pelas três denominações usadas em Roma: prenome, gentílico e sobrenome (ou apelido): assim *Trogos* tornou-se Cn. Pompeius Trogus;¹⁶ *Camulatos*, C. Valerius Camulatus;¹⁷ *Licinos*, C. Iulius Licinus;¹⁸ *Sagro-uiros*, C.(?) Iulius Sacrouir.¹⁹ Os *Burros* tomaram gentílicos diversos: C. Varius Burrus, L.

¹⁰ "In primis hoc uolunt persuadere, non interire animas, sed ab allis post mortem transire ad alios... Multa praetera de sideribus atque eorum motu, de mundi ac terrarum magnitudine, de rerum natura, de deorum immortalium ui ac potestate disputant et iuuentuti tradunt. " De bello gallico, l. VI, c. 14, par. 5, 6; cf. Mela, l. III, c. 2, par. 19; Mommsen, Roemische Geschichte, t. V, 2ª edição, pág. 102.

¹¹ "Drasidae memoram reuera fuisse populi partem indigenam, sed alios quoque ab insulis extimis confluisse ei tractibus transrhenanis crebritate bellorum et alluione feruidi maris sedibus suis expulsos. " Timágeno em Amião Marcelino, l. XV, c. 9, par. 4.

¹² "Deum maxime Mercurium colunt. Huiussunt plurima simulacra, hunc omnium inventorem artium ferunt, hunc uiarum atque itinerum ducem, hunc ad quaestus pecuniae mercaturasque habere uim maximam arbitrantur. Post hunc Apollinem et Martem et louem et Mineruam. De his eandemfere quam reliquae gentes habent opinionem: Apollinem morbos depellere, Mineruam operum atque artificiorum initia tradere, louem imperium caelestium tenere, Martem bella regere. " De bello gallico, l. VI, c. 17, par. 1,2,3.

¹³ Holder, Altceltischer Sprachschatz, tomo I, col. 386.

¹⁴ Ver os textos reunidos por Holder, no artigo *Esus*, t. I, col. 1479, no artigo *Belisama* t. I, col. 386, nos artigos *Teutates*, *Toutatis*, *Totatis*, *Tutatis*, t. II, col. 1805, 1806, 1895, 1896, 1897, 2022.

¹⁵ 15. Holder, ibidem, t. II, col. 1664.

¹⁶ Holder, Altceltischer Sprachschatz, t. I, col. 1967, 1968.

¹⁷ Holder, ibidem, t. I, col. 724.

¹⁸ Holder, ibidem, t. II, col. 209.

¹⁹ Holder, ibidem, t. II, col. 1282.

Valerius Burrus, L. Anistius Burrus.²⁰ O nome de homem gaulês foi dessa forma reduzido ao estado de apelido. Os nomes de deuses gauleses tiveram a mesma sorte, de onde as consagrações *deo Apollini Boruoni*²¹ e *Apollini Granno*,²² que de nomes de duas divindades gaulesas tornaram-se simples apelidos de uma divindade greco-romana. Tal foi, também, sob o império romano, o nome do deus gaulês da luz, *Belenos* ou *Belinos*, que virou um apelido do mesmo Apolo nas consagrações a *Apollini Beleno*.²³

Seria um grande engano acreditar que houvesse entre o deus gaulês *Belenos*, de um lado, e os deuses gauleses *Grannos* e *Boruo*, de outro, uma analogia qualquer, mesmo superficial.

Os Gauleses tinham um deus, *Moccos*, ou seja, "porco", e um deus urso, *Artaios*; para romanizá-los, imaginaram dizer *Mercurius Moccos*,²⁴ *Mercurius Artaios*;²⁵ não se pode deduzir por isso que os gauleses considerassem o porco e o urso como a mesma espécie de animal. O deus *Maponus*, "jovem filho", provavelmente só tinha de comum com Apolo a juventude eterna; isso bastou para fazer criar um *Apollo Maponus*.²⁶ Não havia, de resto, mais semelhança entre o deus *Maponus* e Apolo que entre *Cn. Pompeius Trogus* e o grande Pompeu, *Cn. Pompeius Magnus*, ou que entre *C. Iulius Licinus* e *C. Iulius Caesar*, o conquistador da Gália. A confusão de deuses gauleses com os deuses do império romano é um dos procedimentos por meio dos quais se cumpriu a assimilação das populações gaulesas vencidas com os Romanos conquistadores.

Apesar disso, a mitologia ensinada pelos druidas, da qual a mais antiga literatura épica da Irlanda nos conserva alguns destroços, era evidentemente em tudo diversa da mitologia greco-romana. As doutrinas dos druidas, em matéria de astronomia, ciências naturais, geografia e história, deviam também diferir bastante do ensino dado tanto em Roma quanto na Grécia aos jovens romanos.

Em todo o caso, os alunos dos druidas saíam da escola sem saber nada da língua latina nem da língua grega.

Já falamos da assembléia política anual de Lyon criada no ano 12 a.C. e oposta à assembléia igualmente política que os druidas faziam a cada ano nos arredores de Chartres. Na mesma época ou pouco depois, os romanos, se opuseram ao ensino céltico dos druidas, um ensino rival cuja sede foi primeiro Autun, *Augusto-dunun*, "forte de Augusto", "do imperador Augusto", construído para substituir a velha fortaleza gaulesa de *Bibracte*, capital dos *Aedui*. Essa

²⁰ Holder, *ibidem*, t. I, col. 642.

²¹ Holder, *ibidem*, t. I, col. 494.

²² Holder, *ibidem*, t. I, col. 2037-2039.

²³ Holder, *ibidem*, t. I, col. 71, 372.

²⁴ Holder, *ibidem*, t. II, col. 603.

²⁵ Holder, *ibidem*, t. I, col. 224.

²⁶ Holder, *ibidem*, t. II, col. 414; cf. Roscher, *Ausführliches Lexicon der griechischen und römischen Mythologie*, t. I, col. 442.

rivalidade pedagógica levou a uma revolta no ano 12 de nossa era. Uma passagem de Tácito mostra-nos dois fatos correlatos: um é a existência da escola de Autun onde os jovens das mais nobres famílias da Gália recebiam, provavelmente a contragosto, o ensino greco-romano; outro, conseqüência do primeiro, é a ocupação de Autun pelo Eduano *Iulius Sagrouiros*, o *Sacrouir* dos textos latinos, ao qual o governo imperial dera o título de cidadão romano, mas que considerava esse título, dito glorioso, um jugo humilhante. Os jovens alunos da escola de Autun, tão descontentes quanto ele, se deixaram alistar no exército da revolta, se falarmos à maneira romana. Ou, como pensavam os gregos, nas fileiras dos amigos da liberdade e da antiga independência.²⁷

Os alunos, em imensa maioria, são quase sempre inimigos dos mestres. É uma lei psicológica. Os convencionais que fizeram conduzir tantos padres à guilhotina eram todos alunos do clero, os alunos da Universidade Imperial se mostraram em geral francamente a favor do rei em 1814 e em 1830 os alunos da Universidade Real aplaudiram a queda de Charles X. "Nosso inimigo é nosso mestre", disse o grande fabulista francês.²⁸

A revolta de Sacrouir foi reprimida. Teve como principal resultado uma votação no Senado proposta pelo imperador romano Tibério que declarou os druidas suprimidos.²⁹ Tibério morreu no ano 37. Cláudio, seu segundo sucessor (41-54), renovou essa prescrição e proclamou a completa abolição da religião dos druidas.³⁰ O objetivo dessa nova medida era, confirmando a decisão de Tibério, estendê-la à Grã-Bretanha, cuja conquista começara no ano 42 com A. Plautius. O imperador Cláudio em pessoa tinha passado ali uma temporada de seis dias; por conseqüência, foi o próprio Cláudio, e não Plautius, que obteve as honras do triunfo.³¹

Na Gália, o efeito imediato da supressão do druídismo por Tibério e sua abolição igualmente oficial por Cláudio pode ser comparado ao resultado da revogação de Édito de Nantes, pronunciada por Luís XIV em 1685. O protestantismo, suprimido ou abolido, como se queira, pelo grande rei, persistiu: dos templos demolidos os pastores foram ao *deserto*;³² este foi o termo

²⁷ "Augustodunum, caput gentis, armatis cohortibus Sacrouir occupauerat, ut nobilissimam Galliarum subolem liberalibus studiis ibi operatam, et eo pignore parentes propinquosque eorum adiungeret, simul arma occulte fabricata iuventuti dispersit." Tácito, *Ab excessu Augusti*, l. III, c. 43.

²⁸ *La Fontaine*, *Fábulas*, l. VI, *fábula* 8.

²⁹ "Tiberii principatus sustulit druidas eorum et hoc genus uatum medicorumque persenatus consultum". Plínio, l. XXX, par. 13. Mommsen, *Roemische Geschichte*, t. V, 2ª edição, pág. 96. Duruy, em *História dos Romanos*, t. VI, pág. 675, supõe que a sessão do Senado de que se trata é aquela mencionada no *Digeste*, l. XLVIII, t. 8, l. 13. "Ex senatus consolto eius legis poena damnari iubetur qui mala sacrificia fecerit, habuerit." Uma parte apenas das disposições da sessão seria mencionada aqui.

³⁰ *Druidarum religionem apud Gatos dirae immanitatis, tantum civibus sub Augusto interdictam, penitus aboleuit*. Suétone, *Diuus Claudius*, 25.

³¹ *Dion Cassius*, l. LX, c. 19-23; Tácito, *Agrícola*, c. 13; cf Mommsen, *Roemische Geschichte*, t. V, 2ª edição, pág. 159 e seguintes.

³² *Henri Martin*, *História da França*, 4ª edição, t. XV, pág. 441; *Charles Coquetel* publicou em 1844 a *História das igrejas do deserto*; em 1842 foi lançada a *História dos pastores do deserto*, de *Nap. Peyrat*.

consagrado. Refugiados em lugares inabitados onde reuniam à sua volta o seu rebanho, conseguiam escapar das violentas medidas de repressão prescritas pelo soberano francês.

Um pouco mais de dezesseis séculos mais cedo, os druidas na Gália fizeram uso do mesmo ardil. Havia muito tempo, respeitando a decisão do Senado do ano 97 a. C. e a *lex Comelia de sicariis*, que eles não queimavam mais nem os culpados condenados por eles, nem, sobretudo, os inocentes. Limitavam-se a tirar algumas gotas de sangue dos homens de boa vontade que se lhes ofereciam como vítimas aparentes. Mas essa mudança de usos rituais não bastava aos magistrados romanos. Os druidas precisaram procurar a impunidade nas cavernas no fundo das florestas.³³ Era em segredo (*ciam*), escondidos em cavernas e ou bosques, que davam seus ensinamentos tão variados, era lá que alunos pertencentes às mais nobres famílias da Gália, recusando o ensino greco-romano, estudavam as doutrinas proscritas dos druidas.³⁴ Mela escreveu isso pouco após o triunfo de Cláudio, que ocorreu no ano 43 de nossa era.³⁵

Qual a diferença entre essa situação dos druidas e a que Júlio César descrevera menos de um século antes da data em que escrevia Mela?

Não será espantoso ver, em seguida, os druidas mostrarem com estrondo seu ódio pelos Romanos. Fizeram-no fora da Gália quando, no ano 58 de nossa era, Suetonius Paulinus, encabeçando uma armada romana, foi conquistar a ilha de Anglesey. Em torno das tropas celtas opostas aos romanos, viam-se druidas que, com as mãos erguidas para o céu, dirigiam a seus deuses orações acompanhadas de imprecações contra os soldados romanos. Quando estes começaram o ataque, os druidas ficaram imóveis como estátuas, sendo feridos sem se defender.³⁶ Sabiam-se imortais e contavam encontrar em outra parte do mundo um corpo novo e ainda jovem.

Na Gália, o ódio dos druidas contra Roma manifestou-se de outra forma, da qual a história moderna deu dois exemplos bem conhecidos.

Um dos resultados que, no século XVII, a perseguição aos protestantes produziu foi uma profecia. Em 1686, um ano após a revogação de Édito de Nantes, anunciou-se no mundo protestante que três anos mais tarde, em 1689, ver-se-ia a rendição da Igreja e a ruína da Babilônia papista.³⁷ Essa profecia não

³³ *...nemora alia remotis.*

Incolitis siluis.

Lucain, Pharsale, l. 1, versos 453, 454. Esses versos foram escritos entre o ano 60 e o ano 65. Martin Schanz, Geschichte der römischen Litteratur, 2ª parte, 2ª edição, pág. 85.

³⁴ *"Docent multa nobilissimos gentis ciam et diu uicenis annis aul in specu aut in abditis saltibus". Mela, III, 2, 19.*

³⁵ *Martin Schanz, Geschichte der römischen Litteratur, 2ª parte, 2ª edição, pág. 263; cf. Dion Cassius, l. LX, c. 23.*

³⁶ *"Druidae, circum preces diras, sublatis ad caelum manibus, fundentes, nouitates aspectus perculere milites, ut, quasi haerentibus membris, immobile corpus uulneribus praeberent." Tácito, Ab excessu Augusti, l. XIV, c. 30.*

³⁷ *Henri Martin, História da França, 4ª edição, t. XIV, pág. 117.*

se realizou. Da mesma forma, no século XIX, sob a Restauração, os oficiais bonapartistas de meio soldo que pensavam em Napoleão, prisioneiro dos ingleses, diziam com firme confiança: "Ele voltará". Pensavam vê-lo voltar vivo e vitorioso. De Santa Helena retornou apenas seu cadáver.

No ano 71, os druidas espalharam também uma predição. O Capitólio de Roma fora incendiado. Em outros tempos, os Gauleses, apoderando-se de Roma, não haviam podido penetrar no templo de Júpiter capitolino. Daí provinha, dizia-se, a supremacia de que Roma gozara durante quatro séculos e meio; mas uma vez esse templo destruído, a dominação pertenceria aos povos estabelecidos a norte dos Alpes.³⁸

Isso não aconteceu tão rápido. Estávamos no século I de nossa era. Foi preciso esperar até o século V para que essa predição se realizasse.

Nem os druidas no século I, nem os protestantes franceses no século XVII, nem os oficiais bonapartistas no século XIX viram produzir-se os eventos com os quais contavam; mas, malgrado as diferenças de tempo e de homens, as predições de que acabamos de falar eram expressões dos mesmos sentimentos: a dor causada pela opressão, o ódio pelos opressores, a esperança de ver brilhar dias melhores. Há leis psicológicas que produzem em qualquer época os mesmos efeitos.

Plínio, o Velho, morto no ano 79 de nossa era, sem ter dado os últimos retoques em sua *História Natural* dedicada ao imperador Tito no ano 77, não fala do ensino dos druidas. Esse ensino parece ter desaparecido durante os trinta e quatro anos que separam a *Chorographia* publicada por Mela da *Naturalis Historia* de Plínio. Plínio mostra-nos os druidas na Gália reduzidos a praticar a medicina para viver; era uma medicina charlatã. Um dos principais remédios era o visgo do carvalho, arrancado da árvore no sexto dia da lua com uma foice de ouro pelo Druida em pessoa. Para proceder a essa operação, o Druida se vestia de branco; fazia-a seguir do sacrifício de dois touros brancos; depois esse visgo servia para a fabricação de uma tisana que, dizia-se, tornava as mulheres férteis e anulava todos os venenos. Duas outras plantas, chamadas *selago* e *samolus*, forneciam também aos druidas remédios ditos de maravilhosa eficácia, com a condição de que essas plantas fossem colhidas conforme as prescrições de um ritual mágico no qual, como para a colheita do visgo, a roupa branca era obrigatória.³⁹

Provavelmente, foi no século II de nossa era que a medicina grega, introduzida pelos pedagogos greco-romanos, suplantou a medicina druídica da qual, após Plínio, não se falou mais. O que é certo é que, na primeira metade do

³⁸ "Captam olim a Gallis Urbem, sed, integra lous sede, mansisse imperium: fatati nunc igne signum caelestis irae datum, et possessionem humanarum rerum Transalpinis gentibus portendi superstitione uana Druidae canebant." Tácito, *Historiae*, l. IV, c. 54.

³⁹ Plínio, l. XVI, par. 249-251; l. XXIV, par. 103, 104.

século V, Marcellus de Bordeaux, em seu tratado *De medicamentis*, não fala nada: nem de visgo, nem de *selago* nem de *samolus*. Em sua obra não se e de druidas; as autoridades que ele cita são Hipócrates, Comelius Celsus e outros médicos menos célebres, gregos e romanos.⁴⁰

Desde o século II, nenhum texto nos mostra druidas na Gália. Mais tarde, as *Dryades* de que falam Lamprídio em sua vida de Alexandre Severo, morto em 235, e Vopiscus nas vidas de Aureliano, morto em 275, e de Numeriano, morto em 284,⁴¹ não são druidas, pois são mulheres. Provavelmente, como as virgens de Sena, pertencem à corporação dos *Uatīs, fáithi ou filid=*ueletes*.

Chamavam-nas no singular, na Irlanda, *ban-fili*. Uma *ban-fili* aparece no início da grande epopéia da criação das vacas de Cooley. A profetisa *Uelaeda* (corrigir *Ueleta*), que agitou os Germanos no ano 70 de nossa era,⁴² traz um nome que é o feminino do gaulês **ueles*, no genitivo **ueletos*, em irlandês *fili*, no genitivo *filed*. É uma Gaulesa descendente de Gauleses que ficaram a leste do Reno sob a dominação germânica, quando da conquista pelos Germanos das regiões célticas situadas a nordeste.

No século IV, Ausone fala de dois professores de Bordeaux que contavam druidas entre seus ancestrais: um se chamava Attius Patera,⁴³ o outro Phoebitius.⁴⁴ Esses ancestrais tinham vivido, provavelmente, ao menos três séculos antes. Isso não tem nada de espantoso, pois hoje, na França, não faltam pessoas que, a torto e a direito, pretendem descender dos cruzamentos, ou seja, ter uma genealogia que remonta a seis séculos.

⁴⁰ Ver os índices postos por George Helmreich no fim de sua edição de *De medicamentis*, Leipzig, Teubner, 1889.

⁴¹ Lampride, *Alexandre Severo*, LX, 6; Vopiscus, *Aureliano*, XLIX, 4; Numeriano, XIV, 2.

⁴² Tácito, *Historiae*, l. V, c. 61.

⁴³ Ausone, *Professores*, V, verso 12, edição de Charles Schenkl, *Monumenta Germaniae histórica*, in-4, pág. 58: *Stirpe Druidarum satus*.

⁴⁴ Ausone, *Professores*, XI, verso 17, mesma edição, pág. 64: *Stirpe satus Druidum*.

Capítulo XI

Os Druidas na Grã-Bretanha fora do Império Romano e quando o Império Romano conheceu seu Fim

Plínio constata que, em seu tempo, por volta do ano 77 de nossa era, o druidismo existia ainda em seu primeiro esplendor na Grã-Bretanha.¹ A conquista o fez desaparecer rapidamente na região submetida à dominação romana.² Ele só se manteve na Irlanda e na parte setentrional da Grã-Bretanha, que continuou independente do jugo romano. Os Galeses e Bretões são descendentes de populações que, na Grã-Bretanha, foram durante mais de três séculos sujeitas aos imperadores romanos. Quando, em 410, o império romano abandonou essas populações, não havia mais druidas no meio delas.

Em galês e em bretão, os nomes que designam os druidas são palavras de fabricação relativamente recente devidas à imaginação dos que se dizem sábios. O nome dos druidas não aparece nas mais antigas leis galesas: não as encontramos nem nas três leis redigidas em Galés, cujos prefácios as atribuem a um rei do século X, Howel-dda,³ nem nos três textos latinos que, a crer em seus prefácios, teriam sido escritos por ordem do mesmo rei.⁴

Uma compilação jurídica relativamente moderna, as *Anomalous Laws from various Manuscripts*,⁵ fala-nos de um *derwidd-vardd*, ou seja, segundo a tradução inglesa, um *druid-bard*, que estaria na terceira fileira entre os bardos, tendo imediatamente acima dele o *ovydd*, título que se traduziu em inglês *ovate*, depois no primeiro escalão o *privardd* ou *primitive bard* se adotarmos a tradução inglesa.⁶ Esse texto não tem qualquer valor histórico. *Ovydd*, *ovate* são o resultado de uma má leitura do ούάτεις=uatis de Strabon.⁷ Quanto a *derwydd*, é

¹ Após ter falado dos sacrifícios humanos celebrados na Gália pelos druidas até o reinado do imperador Tibério, Plínio continua assim: "Quid ergo haec commemorem in arte Oceanum quoque transgressa et ad naturae inane peruecta? Britannia hodieque eam adtonita celebri tantis caerimoniis ut dedisse Persis uideri possit". Livro XXX, par. 13. Plínio parece crer que o druidismo na Grã-Bretanha é originário da Gália, o que é o inverso da verdade.

² J. Rhys e David Brenmor-Jones, *The welsh people*, pág. 255.

³ Aneurin Owen, *Ancient Laws and Institutes of Wales*, 1º in-fº, p. 1-388; 2º in-8º, t. I, págs. 1-797.

⁴ *Ibidem*, 1 op. 771-862; 2º-1. II, págs. 749-907.

⁵ *Ibidem*, 1 op. 389-770; 2º t. II, p. 1-747; cf. J. Rhys e David Brenmor-Jones, *The welsh People*, págs. 184, 185.

⁶ Aneurin Owen, *Ancient Laws and Institutes of Wales*, 1º in-fº, pág. 649, 2º in-8º, t. II pág. 510.

⁷ Παρά πάσι δὲ ὡς ἐπίπαν τρία φύλα τῶν τιμωμένων διαφερότω; ἐστί, Βάρδοι τε καὶ ποιηταί, Ούάτεις δὲ ἱεροποιή καὶ φυσιολόγοι, Δρυΐδαι δὲ πρὸς τή φυσιολογία καὶ τήν ἠθικὴν φιλοσοφίαν ἀσκοῦσι. Strabon, l. IV, c. 4, edição Didot, pág. 164, l. 19-23; cf. William Owen, *A Dictionary of the welsh Language*, Ed. de 1806, no verbete Ovyz.

uma palavra de fabricação pretensamente sábia que data da Idade Média, derivada do galês *derw*, "carvalho". O semi-sábio que a inventou conhecia a passagem de Plínio em que se diz que, como os druidas habitam de preferência os bosques de carvalhos e usam a folhagem dos carvalhos em suas cerimônias, o nome dos druidas deriva, provavelmente, do grego $\delta\rho\upsilon\varsigma$, "carvalho".⁸ Mas como *drws* em galês quer dizer "porta", foi preciso fabricar a palavra *derwydd* para conservar no nome sacerdotal o sentido que Plínio havia proposto. Inventou-se essa expressão no séc. XII, tendo sido posta em uso por poetas galeses que pensavam se dar importância, apresentando-se como continuadores dos célebres e antigos druidas desaparecidos há muito tempo.⁹ O bretão *drouiz*, *druz* é ainda mais recente e não tem qualquer valor, a não ser como testemunho das aberrações às quais conduziu a celtomania.

O nome céltico dos druidas pertencia à declinação consonântica, a terceira declinação da língua latina. Júlio César o trata segundo as leis da gramática latina. Emprega essa palavra apenas no plural.

Nominativo	<i>druides</i>	De bello gallico	VI, 14
Genitivo	<i>druidum</i>	id.,	VI, 13
Dativo	<i>druidibus</i>	id.,	VI, 18
Acusativo	<i>druides</i>	id.,	VI, 21
Ablativo	<i>druidibus</i>	id.,	VI, 16, 18

Dizia-se provavelmente em gaulês:

Nominativo, *druides*,

Genitivo, *druidon*,

Instrumental, *druidebis*,

Acusativo, *Druidas*.

A desinência em *as* do acusativo plural dos temas consonânticos galeses é estabelecida, não apenas pela gramática comparada, mas também por diversos textos que remontam à antigüidade clássica; um desses textos é uma inscrição.¹⁰

Do acusativo plural céltico *druidas*, autores latinos concluíram erradamente que essa palavra pertencia à declinação vocálica em *a*, a primeira

⁸ "Ita per se roborum eligunt lucos, nec ulla sacra sine eorum frnde conficiunt, ut inde appellatine graeca possint Druidae uideri." Plínio, l. XVI, par. 249.

⁹ Silvan Evans: A Dictionary of the welsh Language, 4ª parte, págs. 1418,1419; J. Rhys e David Brenmor-Jones, The welsh People, pág. 255; comparar o artigo Dryw, p. 1694 do Dicionário de Silvan Evans, em que se diz que essa palavra, empregada recentemente para designar os druidas, foi primitivamente o nome de um pássaro, a cambaxilra. Este sentido é o único que dá a essa palavra, em 1632, Davies, Antiquae linguae britannicae... dictionarium duplex; ele define druidas como derwyddon.

¹⁰ Ceutronas, C. I. L, XII, 113; Allobrogas, De bello gallico, I, 14; Vil, 64; Curiosolitas, ibidem, II, 34; III, 7; Lingonas, ibidem, I, 26; Brigantas, Tácito, Ab excessu Augusti, XII, 32; Ordouicas, Siluras, ibidem, XII, 33; cf. Brugmann, Grundriss, t. II, pág. 671; cf. t. I, 2ª edição, pág. 411, 442.

da gramática latina;¹¹ daí o nominativo plural *druidae* em Cícero em uma passagem já citada do *De divinatione*,¹² em Lucain,¹³ em Plínio,¹⁴ em Tácito,¹⁵ depois o genitivo *druidarum* em Aurelius Victor¹⁶ e em Ausone.¹⁷

No singular, o nominativo devia ser *druis* e no genitivo *druidos*. A melhor explicação parece ser *dru-uids*, *dru-uid-os*, "muito sábio". Devemo-la a M. Thurneysen.¹⁸ Ela tem uma raiz indo-européia que tem três formas: *deru*, o gaulês *deruo*- "carvalho", em galês *derw*, em bretão *derv*, *dero*, empregadas no sentido de plural desde a introdução do singulativo *derwen*, *derven*.¹⁹

A terceira forma *dru* é o primeiro elemento do nome dos druidas: quanto ao segundo elemento, *uid*, é a terceira forma da raiz *ueid*, *uoid*, *uid*, "ver", de onde o grego εἶδον, para *euidon*, "eu vi": οἶδα para *uoida*, "eu sei", o latim *uideo* "eu vejo", o alemão *weiss* "[eu] sei", *wissen* "saber".²⁰ Supõe-se que aquele que viu lembra-se e sabe.

Quando, no século V de nossa era, o império romano do Ocidente sucumbiu, havia cerca de quatro séculos que na Gália os druidas haviam desaparecido sem deixar nenhum traço além de lembranças. Da mesma forma, na Grã-Bretanha, a dominação romana suprimira o druidismo onde quer que ele tivesse podido estabelecer-se. Os druidas só tinham-se mantido na Grã-Bretanha entre as populações célticas que continuaram independentes a norte do *uallum Antonini* e sua situação primitiva continuava intacta na Irlanda.

Falemos primeiro dos druidas da Grã-Bretanha. Quando, na segunda metade do século VI de nossa era, São Columba, *Columcille*, "pombo de igreja",²¹ vindo da Irlanda, foi pregar o Evangelho aos Pictas, população gaulesa da Escócia setentrional, encontrou druidas que, segundo o costume do tempo, Adamnân, um século mais tarde, escrevendo a vida do santo, chamou *magi*.²²

"Um dia, perto do castelo de Brude, rei dos Pictas, Columba, com alguns de seus monges, cantava vésperas ao ar livre; alguns druidas se aproximaram deles e quiseram impor-lhes silêncio. Mas então o santo, elevando a voz, entoou o salmo 44: *Eructavit cor meum uerbum bonum*. Seu poderoso órgão teve nesse momento tanto resplendor que o rei e os outros assistentes creram ouvir um

¹¹ *Ebel na Revue celtique*, t. II, pág. 404.

¹² I, 41, 90, cf. acima, pág. 50, nota 147.

¹³ *Lucain*, l. I, verso 451.

¹⁴ L. XVI, par. 249; l. XXIV, par. 103; l. XXIX, par. 52.

¹⁵ *Tácito*, *Ab excessu Augusti*, l. XIV, c. 30; *Historiae*, l. IV, c. 54.

¹⁶ *Aurelius Victor*, *De Caesaribus*, IV, 2.

¹⁷ *Ausone*, *Professores*, V, verso 7; cf. *Druidum*, XI, 27, edição Schenkl, págs. 58, 64.

¹⁸ *Holder*, *Altceitlicher Sprachschatz*, tomo I, col. 1321.

¹⁹ *Curtius-Windisch*, *Grundzuege der griechischen Etymologie*, 5ª edição, pág. 238, 239; *Brugmann*, *Grundriss*, t. I, 2ª edição, pág. 445.

²⁰ *Curtius-Windisch*, *Grundzuege der griechischen Etymologie*, 5ª edição, pág. 241, 243. *Brugmann*, *Grundriss*, t. I, 2ª edição, pág. 293.

²¹ *Cille* é o genitivo singular de *cell*, *ceall*, provindo do latim *cella*, que penetrou em irlandês com o duplo sentido de *monastério* e de *igreja*, parecendo ambos inseparáveis.

²² *Vita S. Columbae*, por *Adamnân*, l. I, c. 1, 37; l. II, c. 11, 32, 33, 34; edição *Reeves*, págs. 12, 73, 119, 145, 146, 147. *Pinkerton 's*, *Lives of the Scottish Saints*, edição *Metcalf*, t. 1, pág. 78, 112, 137, 153-157. *Essa expressão já fora empregada nesse sentido por Plínio: "Druidae, ita suos appellat magos."* l. XVI, par. 249.

trovão; Columba triunfara sobre os druidas.²³ Tal é a narrativa do hagiógrafo."

Ele conta, ainda, isto:

"Um desses druidas se chamava Broichan. Ele tinha uma escrava irlandesa. Columba pediu-lhe que a libertasse; Broichan recusou. Ouvindo isso, Columba o ameaçou de morte. Broichan, com efeito, caiu doente e quase morreu, mas tendo dado a liberdade à escrava irlandesa foi curado por Columba.²⁴ Ainda uma vez, os druidas eram vencidos."

Essas passagens da vida de São Columba por Adamnân têm um lado fantástico que pode torná-las em parte suspeitas. Mas um fato histórico estabelecido de maneira incontestável é que ainda havia druidas na Grã-Bretanha, a norte do *uallum Antonini*, entre os Pictas, pelo fim do século VI. Mantiveram-se lá até essa data.

Quando, em 410, as legiões romanas evacuaram a parte da ilha situada a sul do *uallum Antonini*, alguns druidas, vindos da terra dos Pictas, se aventuraram na região meridional, onde não tinham mais que temer o rigor das leis romanas e a severidade dos magistrados enviados pelo imperador. Em meados do século V, o rei bretão Vortigern, excomungado pelo clero cristão por ter esposado sua própria filha, travou relações com os maiores inimigos desse clero, ou seja, com os druidas. Pediu a eles que lhe indicassem o lugar propício para a construção de um forte. Depois recebeu deles a opinião de que antes de começar o trabalho era preciso regar o solo com o sangue de uma criança.²⁵

Esta prescrição estava em conformidade com a doutrina celta. A imolação de um ser humano era necessária para assegurar a solidez das fundações de um edifício importante. Os Irlandeses, mesmo cristãos, acreditavam nisso ainda no século VI. Quando, em 563, São Columba fundou a célebre abadia de Ioua, vulgo Iona, Odrân, um de seus monges, se consagrou e foi, dizem, enterrado vivo sob as fundações do monastério.²⁶ Esta superstição homicida não nos deve espantar: como entre os celtas, ela existiu entre os Germanos, entre os Eslavos²⁷ e entre muitos outros povos.

Após Voltigern, não se falou mais de druidas nas regiões meridionais da Grã-Bretanha. Eles não puderam resistir ao clero cristão.

²³ Adamnân, *Vita S. Columbae*, l. I, c. 37.

²⁴ Adamnân, *Vita S. Columbae*, l. II, c. 35. Não falaremos aqui do druida Drostan que pertence à história mitológica dos Pictas. William F. Skene, *Chronicles of the Picts*, págs. 31, 326, 327.

²⁵ Nennius, *Historia Brittonum*, em Mommsen, *Chronica Minora*, t. III, pág. 180 e seguintes. M. H. Zimmer colaborou nessa edição. Cf. James Henthorn Todd e Algernon Herbert, *The Irish Version of the Historia Brittonum of Nennius*, pág. 90 e seguintes, em que a palavra *magi* do texto latino é trocada em irlandês por *druid*.

²⁶ Whitley Stokes, *Lives of saints from the book of Lismore*, págs. 30, 178. Reeves, *Vita sancti Columbae*, págs. 203-204, nota, põe em dúvida a veracidade dessa narrativa. Pouco importa que seja exata ou não; o fato de ter sido escrito prova que na Irlanda uma crença popular atribuía uma poderosa eficácia ao enterro de um homem sob as fundações de uma casa.

²⁷ J. Grimm, *Deutsche Mythologie*, 3ª edição, pág.40.

Capítulo XII

Os Druidas na Irlanda

Os adversários de São Patrício na Irlanda no século V, como de São Columba na Escócia no século VI, foram os druidas. "Ele combateu os druidas com o coração duro", diz o hino de Ninine.¹ A narrativa dessa guerra entre o apóstolo cristão e os representantes mais eminentes da antiga religião forma uma parte das duas biografias mais antigas de São Patrício. Estamos falando das compilações de notas formadas no século VII, uma entre 660 e 670 por Tirechân² e outra, pouco depois, no fim do mesmo século, por Muicchu Maccu Machtheni.³ Tirechân diz que escreve de acordo com os ensinamentos que lhe deu de viva voz o bispo Ultan e segundo o livro desse. Ele se refere a um bispo de Ardraccan morto em 656.⁴ Mas se serve, além disso, de uma obra de São Patrício, hoje desaparecida, que se intitulava *Commemoratio laborum*. São Patrício falava de suas viagens nas Gálias, na Itália e pelas ilhas do litoral Tirreno. Ora, no *Confesso Sancti Patricii*, tipo de tratado justificativo escrito por Patrício,⁵ não se trata dessas viagens.⁶ O único documento atribuído a São Patrício em que elas aparecem é a curta peça intitulada *Dieta Patricii* que parece ser um trecho da *Commemoratio laborum*, escrito em estilo mais conciso que a *Confessio* e provavelmente que a *Commemoratio*.⁷ Dessas observações não se deve concluir que tudo em Tirechân tenha valor histórico: as narrativas que ele nos fornece, assim como as de Muirchu Maccu Machtheni, contém muitos fatos fantásticos que se devem restringir; o resto pode ser histórico.

Quando esses dois autores tomaram da pluma, havia cerca de dois séculos que Patrício estava morto. Muitas lendas miraculosas já embelezavam sua vida. Não se pode concluir daí que em sua biografia, do modo que a escreveram Tirechân e Muirchu Maccu Machtheni, tudo seja apócrifo, notadamente no que

¹ "Kathaigestarfri Druide dur-chride". Whitley Stokes, *The tripartite life*, t. II, pág. 426; Windisch, *Irische Texte*, t. I, pág. 23.

² Whitley Stokes, *The tripartite life of st. Patrick*, t.II, págs. 302-333, cf. Bury, *The Life of St. Patrick*, pág. 248.

³ Whitley Stokes, *ibidem*, págs. 269-300.

⁴ Nos *The works of sir James Ware concerning Ireland*, 1739, t.1, pág. 138, lê-se em 657; 656 é a data dada pelos *Anais dos quatro mestres*, edição de O' Donovan, t. I, pág. 268.

⁵ "Influctibus, in campistibus locis, et in conuallibus montanis per Gallias atque atque Italiam lotam atque in insolis quae sunt in mari Terreno, ui ipse dixit in commemoratione laborum". Whitley Stokes, *The tripartite life*, t. II, pág. 302, l. 19-23. A Itália dessa época não compreendia Roma. Não podemos, portanto, concluir desse texto que São Patrício tenha estado em Roma. A expressão Gallias está conforme à geografia daquele tempo.

⁶ Cf. Whitley Stokes, *The tripartite life*, t. I, pág. XCI.

⁷ "Timorem Dei habui ducem itineris mei per Gallias atque Italiam, etiam in insolis quae sunt in mari Terreno". Whitley Stokes, *ibidem*, t. II, pág. 301.

concerne aos druidas, pois a velha organização druídica subsistia ainda em uma data próxima daquela em que viveram os dois autores. Vimos o Druidismo querer vencer com um procedimento mágico em 560, cerca de um século após a morte de São Patrício, ou seja, a batalha de Culdreimne, quando São Columba lhes opôs Jesus Cristo, "meu Druida", dizia ele, e os derrotou.

Diarmait mac Cerbaill era então rei supremo da Irlanda; ele fizera matar Curnan mac Aeda, protegido de São Columba. Veio daí uma revolta contra Diarmait; o rei de Connaught fez parte dela. Diarmait, em seu castelo de Tara, tinha uma sala de festins em que os druidas tinham à mesa um lugar reservado;⁸ ele teve o apoio dos druidas; quando, em Culdreimne, seu exército estava na presença do inimigo, o druida Fraechân mac Teniusân pôs na frente das tropas de Diarmait a barreira druídica, *airbe drùad*.⁹ Um dos revoltos ousou atravessar essa linha mágica e foi morto. Foi então que Columba invocou seu Druida Jesus. Logo após, um dos rebeldes derrubou a *airbe drùad*; sem essa proteção, o exército de Diarmait perdeu a confiança e foi batido.¹⁰ O número de mortos chegava a três mil.¹¹ Foi um violento golpe na influência druídica na Irlanda.

No ano precedente, Diarmait realizara ainda, em Tara, o grande festim no qual os druidas tinham cadeira cativa.¹² Eles não a tiveram mais.¹³ Pouco tempo depois, em 563, dizem, o rei Diarmait pôs numa prisão em Tara um sobrinho de São Ruadân e, apesar das súplicas do piedoso tio, recusava pôr em liberdade seu prisioneiro. Ruadân, acompanhado de um bispo, deu a volta no castelo de Tara; tinham um sino cada um e o tocavam; ao mesmo tempo, maldiziam o rei e seu palácio, pediram a Deus que fizesse algo para que, a partir de então, nem rei nem rainha pudessem morar ali. Essa oração teve efeito. Diarmait, amedrontado, abandonou seu castelo, que tombou rapidamente em ruínas e do qual logo só se viam os aterros.¹⁴

Os druidas, efetivamente vencidos, pararam de aparecer nos banquetes reais de Tara que foram para sempre suprimidos. Porém, sua influência se manteve ainda durante algum tempo, sendo necessária para explicar a crença de que Mongân, rei do Ulster, morto em 620, era filho do deus Manannân.¹⁵

Em conseqüência, quando Tîrechân e Muirchu Maccu Machtheni

⁸ Petrie, On the History and Antiquities of Tara Hill, pág. 205, 208, pranchas 8 e 9; cf. Livro de Leinster, pág. 29; Leabhar buidhe Leacain, pág. 418.

⁹ Sobre essa palavra, ver Kuno Meyer, Contributions to Irish Lexicography, pág. 44.

¹⁰ Anais de Tigernach, publicados por Whitley Stokes, Revue celtique, t. XVII, págs. 143, 144; cf. William Reeves, The Life of Saint Columba, págs. 247-255; Anais dos quatro mestres, edição de O'Donovan, t. I, págs. 190-195.

¹¹ Anais do Ulster, publicados por Hennessy, t. I, págs. 56, 57.

¹² Segundo o Livro de Leinster, a décima, que eles dividiam com os fáthi.

¹³ Anais de Tigernach, publicados por Whitley Stokes, Revue celtique, t. XVII, pág. 142.

¹⁴ The Annals of Clonmacnoise, tradução de Conall Mageoghagan publicada por Denis Murphy, S. J., págs. 85-88; Petrie. On the History and Antiquities of Tara Hill, págs. 125-128.

¹⁵ Compert Mongân, publicado por Kuno Meyer, The voyage of Bran, págs. 42-45. Anais de Tigernach, publicados por Whitley Stokes, Revue celtique, t. XVII, pág. 178.

escreviam a vida de São Patrício, um entre os anos 660 e 670, outro um pouco mais tarde, no fim do mesmo século, ambos deviam falar dos druidas com conhecimento de causa, atribuindo tanto a eles quanto ao clero cristão um poder mágico imaginário.

Eis uma das lendas contadas por Tirechân. Um dia, uma grande multidão de druidas reuniu-se a pedido de Recrad, primeiro Druida, ou seja, chefe dos druidas da Irlanda. Recrad queria matar o apóstolo cristão. Acompanhado por uma elite de nove druidas vestidos de branco, postou-se à frente de Patrício; o resto dos druidas, que marchava atrás, parecia um exército. Patrício ficou de pé; depois, levantando o braço esquerdo para o céu, maldisse Recrad. Esse infeliz caiu morto no meio dos druidas que vieram com ele e que imediatamente se dispersaram. O cadáver de Recrad pegou fogo e queimou sob os olhares dos assistentes. A vista desse milagre, muitos dos irlandeses presentes creram em Jesus Cristo, tendo Patrício batizado a todos no mesmo dia.¹⁶

Dessa narrativa, o que nos fica é que no século VII de nossa era, no mundo cristão da Irlanda, lembravam-se que os druidas da ilha, no período de sua dominação, que acabara no século precedente, tinham um chefe *primus magus*; ora, sabemos que era assim para os druidas da Gália, no século I a.C.¹⁷ Não se tinha esquecido, também, no século VII d.C. que, na Irlanda, sua roupa oficial era branca, nos séculos precedentes: ora, era também vestidos de branco que na Gália, no século I, druidas subiam em carvalhos, munidos de foices de ouro, para proceder à colheita do visgo,¹⁸ ou que ficavam no chão, com os pés nus e bem lavados, recolhendo com a mão direita, sem instrumento cortante, a planta chamada *selago*.¹⁹

Falamos mais acima do ensinamento dado pelos druidas na Gália. Ensinavam também na Irlanda. A grande epopéia que conta a criação das vacas de Cooley mostra-nos o Druida Cathbu rodeado de alunos aos quais dá suas lições. Na redação mais antiga, os alunos são em número de cem. O escriba cristão ao qual devemos esse texto teve trabalho para constatar esse número: são, escreveu, "cem estouvados que estudam perto de Cathbu a ciência druídica".²⁰ Uma redação mais recente os reduz a oito.²¹ O famoso herói

¹⁶ "Congregata est multitudo nimis magorum ad primum magum Recradum nomine, qui uoluit sanctum occidere Patricium. Et uenit ad illos cum nouem magis indutis uestibus albis cum hoste magico... Et ecce uir sancius surrexit Patricius et eleuauit manum sinistram Deo caeli, et maledixit magum. Et cecidit mortuus in médio magorum eius, et dispersus est uíngus in totum campum Domnón, et exustus est ante faciem omnium in uindictae signum. Cum uiderunt omnes homines hoc miraculum, et babtizauit muitos in illa die." Whitley Stokes, The tripartite life of st. Patrick, t.II, págs. 325, 326.

¹⁷ "His omnibus Druidibus praest unus, qui summam inter eos habet auctoritatem." De bello gallico, l. VI, c. 13, par. 8.

¹⁸ "Sacerdos candida ueste cultus, arborem scandit, falce áurea demetii." Plínio, l. XVI, par. 251.

¹⁹ "Legitursineferro dextra manu pertunicam, qua sinistra exuitur velut ajurante, candida ueste uestito, pureque lautis nudis pedibus". Plínio, l. XXIV, par. 103.

²⁰ "Cét fer deinmech dó oc foglaim druidechta uad; is é lin do-n-inchoisced Cathbad." Lebor na h-Uidre, pág. 61, col. 1, l. 21-23.

Cûchulainn, o Aquiles da mais antiga epopéia irlandesa, recebera as lições de Cathbu. Fazendo a corte a Emer, com quem vai casar, faz o elogio de si mesmo: "Cathbu de belo rosto", diz ele, "me deu seu ensinamento, de modo que sei fazer buscas nas artes do deus da ciência druídica."²²

No século I a.C, o druida gaulês Deuciacos gabou-se a Cícero de poder prever os eventos futuros.²³ No século seguinte, os druidas da Gália acreditaram poder predizer que a ruína do império romano estava próxima.²⁴

Na Irlanda, os druidas profetizam também. O Druida Cathbu, que teria sido quase contemporâneo de Deuciacos, anunciava com antecedência os eventos futuros. No trecho épico intitulado *Exílio dos filhos de Usnech*, que é um dos prefácios do *Rapto das vacas de Cooley*, a grande epopéia irlandesa, vemos Cathbu dizer que uma criança, ainda não nascida, seria uma moça de espantosa beleza, que seria disputada e que por sua causa diversos assassinatos seriam cometidos na Irlanda.²⁵ Os eventos preditos se realizaram.

No *Rapto das vacas de Cooley*, no dia em que Cûchulainn toma pela primeira vez das armas, Cathbu publica antecipadamente a glória futura do jovem herói.²⁶

Mais tarde, segundo Muirchu Maccu Machtheni, os dois druidas Lochru e Lucetmael predisseram, graças à sua arte mágica, a vinda de Patrício, que chegando do além-mar seduziria, disseram, os povos apesar de sua resistência e destruiria todos os seus deuses, ou seja, seus ídolos.²⁷

Na Irlanda, os druidas presidiam, como na Gália, os sacrifícios humanos? Não sabemos nada a respeito. Um texto formal ensina-nos que eles celebravam na Irlanda, assim como na Gália, sacrifícios de touros brancos.²⁸ Quanto aos sacrifícios humanos, faziam-nos na Irlanda, em uma localidade chamada Campo da Adoração, *Mag Slecht*.²⁹ Ali se encontrava o principal ídolo da Irlanda; era de ouro, rodeado de doze ídolos de pedras; chamavam-no *Crom croich* ou *Crom cruaiach*, sacrificavam-lhe os primogênitos dos animais e das mulheres. Não era

²¹ "Cathbad drúí búí oc-tabairt d-a-daltaib fri h-Emain an-air túaith ocus ocht n-dalta do aes in dana druidechta n-a-farrad." Livro de Leinster, pág. 64, col. 2, l. 10-13.

²² "Ro-m-thecoisc Cathbad cóem-aínech... conid am fissid fochmairc hi cerdaib dê druidechta". Tochmarc Emere, Windisch, Irische Texte, t. I, p. 325, l. 23, 24; Kuno Meyer, Zeitschrift für celtische Philologie, t. III, pág. 236, par. 25; The archaeological Review, t. I, pág. 74.

²³ Cícero, De diuinatione, l. I, c. 41, par. 90, e mais atrás, pág. 58.

²⁴ Tácito, Historiae, l. IV, c. 54.

²⁵ Windisch, Irische Texte, t. I, págs. 69, 70.

²⁶ LL, pág. 64, col. 2, l. 15-17. LU, pág. 61, col. 1, l. 25-27.

²⁷ Trans maria aduuctum,

.....
Resistentes turbas seducturum,

Omnes eorum deos distructurum.

Whitley Stokes, The tripartite life, t. I, pág. 274.

²⁸ "In tarb-fes sin tarbfmd do marbad." Serglige Conculaind, par. 23. Windisch, Irische Texte, t. I, pág. 213. "Duos admovent candidi coloris tauros... tum deinde uictimas immolant precantes." Plínio, l. XVI, par. 250, 251.

²⁹ Perto de Bally Magauran, nos condados de Cavan e de Leitrim, no limite do Ulster e do Connaught.

em triunfo, disse um antigo autor irlandês, que se imolavam assim as crianças, mas na tristeza e em meio a muitos lamentos.³⁰ Segundo a velha biografia de São Patrício dita Via Tripartita, este ídolo se chamava *Cenn Critaich*; Patrício o ameaçou com seu báculo e imediatamente os doze ídolos menores afundaram na terra até o pescoço. Naquele local, o apóstolo construiu uma igreja³¹ e uma lei ordenou que os primogênitos dos animais e das mulheres, no lugar de serem sacrificados, tornar-se-iam propriedade do clero cristão. Quando se trata de crianças, o texto é formal.³² Era bem rigoroso mas conforme à lei judaica.³³ O antigo direito pagão, qualquer que fosse, facilitou a aceitação desse direito novo, apesar de sua dureza.

Quanto à imolação dos primogênitos, tanto de animais como de mulheres, é a forma céltica do que em Roma se chamava *uer sacrum*. Quando os romanos acreditavam estar a pátria em perigo, ofereciam a um deus, provavelmente a Marte, todos os animais e todas as crianças que deveriam nascer nos meses de março e de abril seguintes. Os animais eram imolados. Quanto aos meninos e meninas, uma vez adultos, eram expulsos do território romano; iam para qualquer lugar procurar fortuna como podiam. Eram os pontífices que procediam a sua expulsão.³⁴ Na Irlanda, eram provavelmente os druidas que no Mag Slecht presidiam à imolação dos primogênitos. Na Gália, segundo Júlio César, eles faziam ordinariamente queimar os condenados à morte e só recorriam ao suplício de inocentes quando faltavam os criminosos. Podemos supor que os inocentes eram primogênitos.

Quando os Irlandeses eram pagãos, tomariam freqüentemente por árbitros os druidas, assim como os Gauleses? Os textos a esse respeito faltaram. Os documentos jurídicos que possuímos são todos posteriores ao triunfo do Cristianismo. Por conseqüência, talvez não tenha havido uma jurisdição arbitrai exercida pelos druidas, ou seja, pelos inimigos, definitivamente vencidos, do clero cristão.

Mas foi provavelmente como herdeiro dos druidas que em 574 Columba, abade de Iova, foi, na assembléia de Druim Ceta na Irlanda, o árbitro aceito para julgar a contestação que se elevava entre a corporação dos *fáthi ou filid* e o rei supremo da Irlanda, Aed, filho de Ainmire.³⁵

³⁰ "Is dó idpradis cét-geine cacha sotha, ocus primgéne cacha cloinde." Dindsenchus, editado por Whitley Stokes. *Revue celtique*, t. XVI, págs. 35, 36. "Dó cen búaid marbtais a cland toirsech (ou melhor, toissech) con immud guil." Livro de Leinster, pág. 213, col. 2, l. 45, 46.

³¹ Whitley Stokes, *The tripartite life of st. Patrick*, t. I, págs. 90, 92. Segundo esse texto, o principal ídolo não era de ouro, mas ornado de ouro e prata. Os outros ídolos teriam ornamentos de bronze.

³² *Cach cét tuisdin cacha lanamna daenda ocus cach fermac a-ro-sloice broind a máthar*. Senchus Mor, 3ª parte, *Ancient Laws of Ireland*, t. III, pág. 38.

³³ Numeri, c. II, versículo 12; cf. Êxodo, c. XXIII, versículo 19; Numeri c. XVIII, versículo 15.

³⁴ Marquardt, *Roemische Staatsverwaltung*, t. III (tomo VI do Handbuch der römischen Alterthümer, 2ª edição, págs. 265, 281). *Essas crianças eram civilmente mortas. Nós sabemos por Tito Lívio, L XXXIV, c. 44, que houve em Roma um uer sacrum, no ano 195 a. C Ele não era celebrado regularmente. Recomeçaram no ano seguinte.*

³⁵ *Sobre a assembléia de Druim Ceta, ver os prefácios do Amra Choluimb Chille em Whitley Stokes, Goidelica,*

No século seguinte, Adamnân, outro abade de Iova, dispensando do serviço de guerra as mulheres irlandesas, parece com isso constatar também a transmissão ao clero cristão de uma influência em outros tempos exercida na Irlanda e na Gália pelos druidas nas questões jurídicas.

Esses dois fatos tão notáveis não estão isolados. A coleção canônica irlandesa enuncia em seu livro XXXII os princípios jurídicos em matéria de sucessão. Ora, esses princípios não têm qualquer relação com o direito eclesiástico; citaremos por exemplo a regra do capítulo 20, que decide que as mulheres herdeiras de seus pais não transmitirão a herança a seus filhos e que esses devolverão a herança aos agnatos de seu avô materno.³⁶ No livro XXIX, capítulo 5, essa compilação trata da pena para o roubo, restituição em dobro, em quádruplo, em quádruplo, em sêxtuplo, segundo o caso.³⁷ Esses textos mostram, no clero cristão, a pretensão de se armar em júri do direito civil e criminal; essa pretensão parece ser herança dos druidas.

Uma causa que facilitou a ruína dos druidas na Irlanda pelo clero cristão foi a rivalidade existente na ilha entre os druidas e os *fáthi* ou *filidi*, ou seja, os adivinhos, μάντις, que na Gália, segundo Diodoro de Sicília, pela observação dos pássaros e de seu vôo e pelo exame das vítimas imoladas aos deuses, prediziam os eventos vindouros. Segundo o historiador grego, que evidentemente exagera, todo o povo lhes era submisso.³⁸ Strabon os designa por seu nome gaulês, no plural *Uätis*,³⁹ em irlandês *fáthi*, que ele escreve em grego ούάταις; eles fazem sacrifícios, diz, e estudam a natureza;⁴⁰ evidentemente o objetivo desses sacrifícios e desse estudo era a adivinhação dos eventos futuros. Mas os druidas também prediziam o futuro. Havia, portanto, e forçosamente, uma rivalidade entre as duas corporações.

Os *fáthi* ou *filid* irlandeses, ao contrário do costume druídico, tinham entre eles mulheres, notadamente moças, como Fedelm, *a fili* de Connaught.⁴¹ Ela vinha da Grã-Bretanha, onde aprendera sua arte,⁴² e anunciou à Medb, rainha de

2ª edição, págs. 157, 158; J.-H. Bernard e R. Atkinson, *The Irish Liber Hymnorum*, t. I, págs. 162, 164; t. II, págs. 53-56; Keating, *História da Irlanda*, tradução de O'Mahony, págs. 446-456. A data da assembleia é dada nos *Anais do Uister*, edição Hennessy, t. I, págs. 64, 65. Cf. Reeves, *The Life of Saint Columba*, pág. 37, nota b.

³⁶ "Auctores ecclesiae hic multa addunt ut feminae heredes dent ratas et stipulationes ne transferatur hereditas ad alienos... Si genuerint filios, uiris suae cognationis dabunt hereditatem." H. Wasserschleben, *Die irische Kanonensammlung*, 2ª edição, p. 116.

³⁷ Wasserschleben, *Ibidem*, p. 100. ὄντιδ.

³⁸ Χρονται δὲ καὶ μάντεσιν, ἀποδοκῆς μεγάλης ἀξιοῦντες αὐτούς. Οὐτούς δὲ διὰ τε τῆς οἰωνοσκοπίας, καὶ διὰ τῆς τῶν ἱερίων θυσίας τὰ μέλλοντα πρὸς ἑαυτοῖς, καὶ πᾶν τὸ πλῆθος ἔχουσιν. Diodoro de Sicília, l. V, c. 31, edição Didot, t. I, p. 272, l. 45-48.

³⁹ No nominativo singular em latim *uates* e *uatis*.

⁴⁰ Ούάταις δὲ ἱεροποιοὶ καὶ φυσιολόγοι. Strabon, l. IV, c. 4, par. 4, edição Didot, p. 164, l. 21, 22. Em Amiã Marcelino, XV, 9, lê-se Euhages, o que é uma má lição.

⁴¹ *Ingin macdacht*, Lebor na h-Uidre, pág. 855, col. 1, l. 39. "Fedelm banfili do Chonnachtaib mo ainm-sea", ou *indingen*. *Ibidem*, pág. 55, col. 2, l. 11, 12. Cf. LL, p. 56, col. 1, l. 5-7. Ela é chamada *banfháith* na linha 17. Para outros exemplos de fórmulas *banfháith* e *banfhli*, ver Kuno Meyer, *Contributions to Irish Lexicography*, pág. 176.

⁴² "Can dotkéig?" ou Medb: "A hAlbain iar foglaim fdidechtaim", ou *ind-ingen*. Lebor na h-Uidre, pág. 55, col.

Connaught, as perdas dolorosas que sofreria seu exército ao partir à conquista do touro de Cooley. Assim eram, na Gália, as virgens profetisas de Sena.⁴³

Os *fáthi ou filid* faziam aos druidas uma concorrência da qual só poderia resultar o ódio.

Na Irlanda, *os fáthi ou filid* formavam uma corporação que tinha à frente um chefe, *rig-fhili, ard-fhili, rig-ollam*. Na data em que começa a missão de São Patrício, o chefe era Dubthach, de quem conhecemos dois sucessores, Dallân Forgail no século VI e Senchân Torpeist no VII.

Quando São Patrício fez sua primeira aparição no castelo real de Tara, em uma sala em que o rei supremo da Irlanda, Loégairé, estava rodeado de muitas pessoas, todos ficaram sentados, salvo um homem que se levantou para render honras ao bispo cristão, cujo ensinamento e fé vitoriosa destruiriam a velha religião dos irlandeses. Esse homem era Dubthach.⁴⁴ Esse foi o começo da aliança dos *fáthi ou filid* da Irlanda com o clero cristão contra os druidas. Um de seus efeitos foi a transferência aos *fáthi ou filid* da jurisdição arbitrai que os druidas exerciam provavelmente tanto na Irlanda como na Gália, na época paga. Patrício, educado em meio à organização romana, deve ter achado muito natural que uma jurisdição civil julgasse a maior parte das questões contenciosas. Em direito civil, o clero cristão não se mete nas questões contenciosas, exceto em circunstâncias excepcionais. Uma das mais importantes foi precisamente um processo que ameaçava a própria existência dos *fáthi ou filid*, seus aliados, graças ao apoio dos quais os druidas foram esmagados. Estamos falando do papel representado por São Columba na assembléia de Druim Ceta em 574.

2, l. 12, 12.

⁴³ "Sena Gallici numinis oráculo insignis est, cuius antistitesperpetua virginitate sanctae nouem esse traduntur. Galli Senas uocant." Mela, l. III, c. 6, par. 9. Não consideramos decisivas as razões dadas por Salomon Reinach para negar sua existência, Cultos, mitos, religiões, t. I, págs. 195-203.

⁴⁴ Betha Patraic, em Whitley Stokes, The tripartite life of st. Patrick, t. I, pág. 52, onde, l. 26, 27, Dubthach é chamado rigfhile indsi hErenn,- comparar com Muirchu Maccu Machtani, ibidem, t. II, pág. 283; prefácio do hino de Fiacc, ibidem, pág. 402 (onde se encontra, l. 5, a expressão ardfhile). Em uma homília sobre São Patrício, ibidem, pág. 458, l. 9, Dubthach é chamado fili in rig. No prefácio a Amra Choluimb Chille, Columba pede aos reis irlandeses para dar a Dallân Forgail a situação de chefe dos filid da Manda, toisigechtfilidn-Erend, Liber Hymnorum, edição Bernard e Atkinson, 1.1, pág. 162, l. 33-35. Sobre Dállan Forgaill e Sernchân Torpeist, ver o trecho intitulado Imtheacht na tromdhaime publicado por Connellan no tomo V das Transactions of the Ossianic Society; cf. Zimmer em Zeitschrift für vergleichenden Sprachforschung, t. XXVIII, págs. 426-435.

Capítulo XIII

Eram Monges os Druidas da Irlanda?

Um sábio muito distinto, morto há pouco, imaginou que na Irlanda os druidas levavam uma vida monástica à maneira tibetana, em mosteiros pagãos que teriam precedido os mosteiros cristãos, aos quais teriam fornecido um exemplo. Mas o modelo que os monges cristãos da Irlanda imitaram deve ter sido dado pelos mosteiros fundados na Gália, no século IV. Citaremos Ligugé, criado perto de Poitiers por São Martinho, que em 371 foi tirado desse mosteiro e elevado ao assento Arquiepiscopal de Tours;¹ e Lérins, em que o primeiro abade foi Santo Honorato em 375, depois arcebispo de Arles (426-429).

Lérins é hoje em dia a ilha Saint-Honorat, vizinha da ilha Sainte-Marguerite.² Uma se chamava na Antigüidade *Lerina* e a outra *Lero*. São, provavelmente, as ilhas situadas *in mari Tirreno*, ou seja, no mar Tirreno, que São Patrício contava ter visitado em sua viagem à Gália e à Itália; e aquela que segundo o bispo Ultan chamava *Aralanensis* e onde teria passado trinta anos(?), segundo o mesmo bispo, é provavelmente Lérins, onde Patrício deve ter aprendido a vida monástica com o santo abade Honorato.³ Foi do monasticismo galo-romano que nasceu o monasticismo irlandês, não sendo anterior à introdução do Cristianismo na Irlanda.

Os druidas irlandeses não viviam em comunidade, exerciam o direito de propriedade individual e eram casados.

O Druida Miliuc, que comprou o jovem Patrício, raptado da Grã-Bretanha por piratas e que o teve como escravo por sete anos,⁴ parece ter sido proprietário de uma casa que ganhou do rei e onde se suicidou, ateando fogo a ela e todos os

¹ Sulpício Severo, *De vita beati Martini*, c. 7 e 9; Migne, *Patrologia latina*, t. 20, col. 164 C, 165 B; *Corpus Scriptorum ecclesiasticorum da Academia de Viena*, t. 1, pág. 117, l. 11; p. 118, l. 24; cf. Gregoire de Tours, *De uirtutibus S. M c. 30*, Arndt e Krusch, *Gregorii Turonensis opera*, t. II, pág. 657, l. 1-3.

² Ptolomeu, edição Didot, t. I, pág. 247, nota da linha 6. Hadrien de Valois, *Notitia Galliarum*, págs. 272-274.

³ "*Septem annis ambulauit et nauigauit in fluctibus, in campistibus locis et in conuallibus montanis per Gallias atque Italiam totam, atque in insolis quae sunt in mari Tirreno, ut ipse dixit in commemoratione laborum. Erat autem in una ex insolis quae dicitur Aralanensis annis íriginta, mihi testante Ultano episcopo.*" *Notas de Tirechân*, em Whitley Stokes, *The tripartite life*, t. II, pág. 302, l. 19-25. *Aralanensis é uma má interpretação para Lerinensis*; cf. Bury, *The Life of St. Patrick*, pág. 38, 294. *Os trinta anos de estada em Lérins não se conciliam com os sete anos passados ao todo na Gália, na Itália e nas ilhas do mar Tirreno*, cf. Bury, *ibidem*, pág. 338, *que supõe que fossem três anos.*

⁴ Muirchu Maccu Machteni, em Whitley Stokes, *The tripartite life*, t. II, pág. 275; cf. *Tirechân*, *ibidem*, p. 302.

seus bens mobiliários em um momento de desespero.⁵ Ele era também proprietário desse escravo que, tendo escapado e recobrado sua liberdade, acreditou que devia devolver a seu antigo mestre o preço de compra pago aos piratas.⁶ Miliuc, portanto, era proprietário, o que é proibido pelas regras monásticas. Esse mesmo Druida tinha um filho e filhas;⁷ seu filho e uma de suas filhas se deitavam com ele,⁸ o que também não pertence aos hábitos dos monges. Na vida de Santa Brígida, publicada por Whitley Stokes, segundo o livro de Lismore, aparece um Druida que possui uma casa. Ele compra uma escrava e dá em sua casa uma grande festa ao rei. Na casa desse Druida, a rainha uma noite deu à luz, e a escrava na manhã seguinte.⁹ Esses também não são modos monásticos.

O início da vida de Cathbu, o grande Druida épico do Ulster, também não é muito monacal. Encabeçando uma tropa de três vezes nove guerreiros, ele surpreendeu e matou no meio de um festim os doze tutores de Ness, filha do rei do Ulster, depois foi surpreendê-la em um lugar deserto, no banho, em um regato onde ela entrara após haver pousado na margem suas armas e vestimentas; ele a engravidou e a criança que ela pôs no mundo foi Conchobar, o famoso rei épico do Ulster.¹⁰ Mais tarde, essa aventura de amor pareceu pouco decente e, contrariando a tradição que dizia que Cathbu era o pai de Conchobar, disseram que o pai de Conchobar era Fachtna, que se casando com Ness tornou-se por algum tempo rei do Ulster.¹¹ Mas a versão primitiva foi conservada em um documento do fim do século IX, o Glossário de Cormac; nesse velho monumento é citado um texto mais antigo no qual o herói Cûchulainn cita Conchobar com as palavras "filho de Cathbu".¹² Concluir a partir desses fatos que Cathbu era um monge seria algo ousado. Teria sido um monge de maneiras pouco conformes à regra de São Columba.¹³

Se do mais antigo ciclo épico da Irlanda passamos ao segundo, o de Find e Oisín, encontraremos maneiras menos equívocas que as de Cathbu, o que não as torna monásticas. Nuadu, druida de Cathair o Grande, rei supremo da Irlanda no século II de nossa era, construiu um castelo para si. Esse castelo foi herdado por seu filho Tadg, que foi após ele druida de Cathair. Em seguida, Tadg teve uma filha que deu à luz Find, pai de Oisín, o célebre Ossian. Tadg ainda vivo deu o

⁵ *Muirchu Maccu Machteni*, ibidem, t. II, pág. 276, l. 20, 23.

⁶ *Muirchu Maccu Machteni*, ibidem, t. II, pág. 276, l. 6, 7.

⁷ *Tirechân*, ibidem, t. II, 329, l. 28-30, pág. 330, i 4-9.

⁸ *Prefácio ao hino de Secundinus*, ibidem, pág. 392, l. 9, 10.

⁹ *Whitley Stokes*, *Lives of saints from the book of Lismore*, págs. 35, 36, 183, 184.

¹⁰ *Ver a edição do Compert Conchobar, "Concepção de Conchobar", feita por M. Kuno Meyer na Revue celtique*, t. VI, pág. 173 e seguintes, segundo o ms. Stowe 992.

¹¹ *Compert Conchobair*, *Revue celtique*, t. VI, págs. 178, 182.

¹² *Mac Cathbad*. *Whitley Stokes*, *Three irish glossaries*, pág. 13; *Cormac's Glossary*, pág. 39; cf. *Goidelica*, 2ª edição, pág. 158.

¹³ *Regra de São Columban*, c. VI, em *Migne*, *Patrologia latina*, t. LXXX, col. 211.

castelo a Find.¹⁴ Não há nada de monástico nessas narrativas. Constata-se entre outras coisas que Nuadu e Tadg eram proprietários. Ora, conforme o direito comum dos cristãos, a coleção canônica irlandesa proibia aos monges a propriedade.¹⁵ Aufere-se, além disso, que Nuadu e Tadg eram casados como os druidas da Gália, ancestrais, segundo Ausone, de seus contemporâneos Patera e Phoebitius:¹⁶ o casamento não é uma instituição monástica.

Os druidas da Irlanda, como os da Gália, formavam uma corporação de sacerdotes casados que não tinham vida comum; cada um deles morava em sua casa com mulher e filhos, aos quais podiam juntar-se um ou alguns alunos internos. Os druidas irlandeses Mael e Caplait tinham cada um, em casa, uma filha do rei supremo Loégairé, contemporâneo de São Patrício. Cada um deles era encarregado da educação de uma das jovens.¹⁷ Mas não vemos em parte alguma que Cathbu hospedasse e alimentasse os cem alunos aos quais ele dava a instrução. Os druidas não eram padres ou pastores, não tinham paróquias, como os *Gutuatri* de Júlio César e das inscrições romanas na Gália¹⁸ em quem devemos reconhecer simples capelãos como o *Beleni aedituus* de Ausone,¹⁹ como o Crises do primeiro canto da *Ilíada*. Se supuséssemos que os Sulpicianos e Oratorianos se tornaram pagãos, transformados em homens casados e transmitindo sua propriedade aos filhos, poderíamos fazer uma idéia aproximada do que seria a corporação druídica.

Essa corporação era docente, sendo isso um ponto de semelhança com as duas ordens religiosas de que acabamos de falar e com os Jesuítas. Com estes há um outro ponto semelhante. Jesuítas foram ligados à pessoa dos reis da França com o título de confesores. Assim foi com o padre de Ia Chaise, confessor de Luís XIV. Da mesma maneira, os druidas foram sucessivamente ligados à pessoa de Cathair, rei supremo da Irlanda no século II; já falamos deles: um se chamava Nuadu e o outro Tadg.²⁰ Conn, sucessor de Cathair,²¹ teve também um Druida; esse, chamado Corân, cantou em vão invocações mágicas, não tendo podido impedir uma deusa de arrebatá-lo e levá-lo ao mundo dos mortos: Condla, filho de Conn.²²

¹⁴ Fotha Calha Cnucha, em *Windisch, Kurzgefassté irische Grammatick*, págs. 121-123.

¹⁵ "Monachusqui... habere aliquid praesumpterit proprium, omnia, quae acquisiuerit, abbati deferantur secundum monasterii regulam", l. XXXIX, c. 8; 2ª edição de *Wasserschleben*, pág. 151.

¹⁶ Ausone, *Professores*, V, 12; XI, 15. Edição feita por Schenkl, nos *Monumenta Germaniae histórica*, in-4º, págs. 58, 64.

¹⁷ *Tirechán*, em *Whitley Stokes, The tripartite life*, t. II, págs. 312, 317.

¹⁸ *Ver mais adiante*, págs. 13-14.

¹⁹ Ausone, *Professores*, XI, versos 22-25.

²⁰ *Ver mais acima*, pág. 81.

²¹ *Echtra Condla*, em *Windisch, Kurzgefassté irische Grammatick*, págs. 118-120. *Tigernach* editado por Whitley Stokes, *Revue celtique*, t. XVH, págs. 7-9, feito por Cathair e Cond dos contemporâneos de Marco Aurélio e de Cômodo, 161-193. Segundo os *Anais dos quatro mestres*, Cathair reinou três anos (de 119 a 122) e Conn trinta e cinco anos (de 122 a 157).

²² *Ver mais adiante*, pág. 86.

Os druidas da Irlanda não confessavam os reis, pondo sua arte à disposição para assegurar-lhes a vitória sobre os inimigos com maior ou menor sucesso. A batalha de Culdreimne em 560 oferece um exemplo de insucesso²³ que pode ser comparado com o de Corân. Pensamos que os outros druidas tiveram mais sorte. Com efeito, pouco antes de nossa era, Dalân, druida do rei supremo Eochaid Airem, ensinou-lhe onde estava escondida a rainha Êtân, raptada pelo deus Mider. Seguindo os conselhos desse Druida, o rei pôde recuperar sua mulher²⁴ e assim triunfar sobre um deus.

²³ *Ver mais acima, págs. 70, 71.*

²⁴ *Windisch, Irische Texte, t. I, págs. 129-130.*

Capítulo XIV

O Ensino dos Druidas A Imortalidade da Alma

Nenhum manuscrito irlandês nos conservou o texto das aulas que o Druida Cathbu dava a seus alunos, nem o das aulas feitas por seus colegas na Irlanda. Podemos supor que o ensinamento dos druidas irlandeses era, salvo a diferença de língua, idêntico ao dos druidas da Gália. Destes sabemos que o ensinamento consistia em fazer decorar por seus alunos um longo poema didático que cantavam¹ e que certos alunos só sabiam bem após vinte anos de estudo.²

Supondo-se por ano duzentos dias de trabalho e por dia vinte versos, seriam quatro mil versos por ano e, em vinte anos, oitenta mil, mais de cinco vezes o número de versos da *Ilíada*. Dessa massa de versos druídicos resta-nos apenas uma tríade conservada sob forma de tradução grega por Diógenes Laércio:

"Adorar os deuses—não fazer nada de mal — praticar a bravura."³

Entre as doutrinas filosóficas ou, digamos, teológicas, ensinadas pelos druidas, a que mais parece haver tocado os antigos é a da imortalidade da alma. "Aquilo de que os druidas querem persuadir-nos em primeiro lugar, diz Júlio César, é que as almas não morrem e que de um corpo, após a morte, elas passam a um outro."⁴ Essa segunda vida, os defuntos a encontravam em um mundo diferente daquele em que haviam vivido. "Segundo vós, Oh druidas", diz Lucain, "os mortos não vão às moradas silenciosas do Érebo, aos reinos profundos e descobridos de Plutão; é em outro mundo que a alma do morto reina sobre novos membros e, se sabeis o que ensinam os versos que cantais, a morte é o caminho para uma longa vida."⁵

¹ Canitis si cognita, I, 457.

² "Magnum ibi numerum uersuum ediscere coguntur. Ilaque annos nonnulli uicenos in disciplina permanent." De bello gallico, l. VI, c. 14, par. 3.

³ Σέδειν Θεούς, - καί μηδέν κακόν δρᾶν, - καί ἀνδρείαν ἄσκειν. Diógenes Laércio, Proemium, 5, edição Didot, pág. 2, l. 22, 23.

⁴ "Imprimis hoc uolunt persuadere non interire animas, sed ab aliis post mortem iransire ad alios." De bello gallico, l. VI, c. 14, par. 5.

⁵ Vobis auctoribus umbrae

Non táctas Erebi sedes Ditisque profundi

Pallida regna petunt, regit idem spiritus artus

Orbe alio: longae, canitis si ognila, uitae

A fórmula de que se serve Lucain, pondo em um outro mundo, *in orbe alio*, a segunda vida dos mortos, é mais clara do que aquela por meio da qual Mela procura exprimir a mesma idéia: segundo ele, os druidas ensinavam que as almas eram eternas e que havia uma outra vida entre os Manes.⁶ O que significa essa expressão: entre os Manes? Encontramo-la claramente desenvolvida na peça irlandesa intitulada: "Aventuras de Condla, o corcunda", *Echtra Condla Chaim*, que remonta ao século II de nossa era.

Condla era um dos dois filhos do rei supremo Conn, apelidado Cêthathaig, ou seja, capaz de enfrentar sozinho cem guerreiros, o que não o impede de ser morto no fim por um rei do Ulster.⁷ Anteriormente a esse desastre, a deusa da morte vem roubar Condla da afeição paterna. Ela se apresenta sob a forma de uma jovem e linda mulher. "O país de onde venho", diz ela, "é a terra dos vivos, ninguém morre e passamos a vida em fesüns contínuos que não temos trabalho para preparar."⁸ Lá reina um rei vitorioso, Téthra, em cujos Estados não há jamais queixa nem dor. Ver-te-emos todos os dias em meio à assembléia de teus pais, no meio daqueles que conheces e que te amam." Levado pela sedutora deusa, Condla, que estava às margens do Oceano, saltou com ela em uma barca de vidro que ela trouxera; viu-se pouco a pouco se afastarem, até que estavam tão longe que não se podia mais percebê-los: jamais foram vistos de novo.⁹ Condla fora ao outro mundo, *orbis alius*, como diz Lucain, *ad Manes* para empregar a expressão de Mela.

É nesse outro mundo que certos Gauleses, tendo em vida contraído dívidas, deviam após a morte quitar-se com seus credores que estariam lá. Era o costume na Gália independente, mas a conquista o suprimiu; estava fora de moda já na primeira metade do século I de nossa era, quando escreviam Valério Máximo e Mela.¹⁰ A Gália então fora invadida pelo ceticismo romano. Mas no século I a.C, esse costume devia ainda estar em vigor. Diodoro de Sicília, que escreveu por volta de 40 a.C, relata que nos funerais de seus parentes certos Gauleses jogavam cartas na pira, pensando que seriam lidas pelos mortos.¹¹ Na mesma data e em épocas anteriores, reporta-se uma asserção de Mela: que de boa vontade, em outros tempos, certos gauleses se precipitavam na pira de seus

Mors media est.....

Lucain, I, versos 454-458. Cf. Salomon Reinach, Cultos, mitos e religiões, págs. 184-194.

⁶ "Aeternae esse animas, uitamque aeternam ad Manes." *Mela, l. III, c. 2, par. 19.*

⁷ *Tigernach, editado por Whitley Stokes, Revue celtique, t. XVII, págs. 8, 9.*

⁸ *Cf. Hesíodo, Opera et dies, verso 173, 174, mais adiante, pág. 132.*

⁹ *Echtra Condla em Windisch, Kurzgefasste irische Grammatik, págs. 118-120.*

¹⁰ "Vetus ille mos Gallorum occurrit, quos memoria proditum est, pecunias mutuas, quae eis apud inferos redderentur, dare solitos." *Valério Máximo, l. II, c. 6, par. 10. "Olim negotiorum ratio et exactio crediti deferabatur ad inferos." Mela, l. III, c. 2, par. 19.*

¹¹ Διο καί κατά τάς ταφάς τών τετελευτηκοτών ένίονς έπισζολάς γεγραμμένας τοις οίκειοις τετελευτηκόσιν έμδάλλειν είς τήν πυράν ώς τών τετελευτηκοτών αναγνωτομένων ταύτας. *Diodoro de Sicília, l. V, c. 28, par. 6, edição Didot, t. I, pág. 271, l. 18-21.*

parentes, contando assim ir viver com eles.¹² Mas no século I d.C. o aviltamento progressivo e a destruição do druidismo em seguida levou à supressão dessas práticas: a aristocracia gaulesa não acreditava mais na *orbis alius*, o *mag meld*, "planície agradável", da mais velha literatura irlandesa¹³ onde os mortos moram, dizem, em companhia de deuses e de onde os homens não voltam, salvo alguns heróis privilegiados como Cûchulainn e seu cocheiro Lôeg mac Rîangabra.¹⁴ Cûchulainn, filho de um deus e de uma mulher mortal, era um semideus, como na mitologia grega Hércules que voltou são e salvo da morada dos mortos trazendo o cão do terrível Hades.¹⁵

Mas alguns traços de velhas doutrinas se mantiveram por muito tempo na Gália, nas massas populares. Claudiano fez alusão a isso quando, em 395, escreveu seus versos contra Rufino:¹⁶

"Lá onde se estende da Gália a margem mais distante, há um lugar rodeado pelas águas do Oceano e onde, dizem, Ulisses, com libações de sangue, pôs em movimento o povo silencioso dos mortos. Lá se ouve um fraco assobio, é o gemido queixoso que soltam as sombras quando voam; os camponeses vêm partir pálidos espectros, as tropas dos mortos".¹⁷

No século IV, uma noção algo desfigurada dessas crenças antigas tinha penetrado da Gália até o império do Oriente. Encontramo-la em Procópio, segundo o qual a nova pátria dos defuntos gauleses seria a Grã-Bretanha, que ele chama *Britia*. Ele conta que na costa oposta à Grã-Bretanha se encontram aldeias habitadas por pescadores e trabalhadores. A condução das almas lhes é incumbida vez a vez. À noite, quando eles dormem, alguém bate em suas portas e os põe de prontidão para cumprir suas tarefas. Imediatamente, eles se levantam e vão ao rio, obedientes, embora sem nada compreender, à força que os empurra; então eles vêm navios prontos que não conhecem e que parecem vazios; embarcam, tomam dos remos e sentem o peso de uma multidão invisível de passageiros; esse peso faz afundar no mar o navio que só fica acima da água na altura de um dedo. Mesmo assim eles não vêem ninguém. Mas, após uma hora de navegação, chegam em *Britia*, enquanto que com seus próprios navios, sem fazer uso de velas, matando-se de remar, seria-lhes necessário ao menos um dia

¹² "Erantque qui se in rogos suorum, uelut una uicturi, libenter immitterent." *Mela*, l. III, c. 2, par. 19.

¹³ Echtra Condla em *Windisch*, Kurzgefasste irische Grammatik, pág. 119, l. 10.

¹⁴ *O tema principal do Serglige Conculainn (Windisch, Irische Texte, t. I, págs. 205-277) é a viagem de Cûchulainn ao Mag Meld cujo nome aparece no par. 13, pág. 209, l. 30.*

¹⁵ *Ilíada*, VIII, 367-369; *Odisséia*, XI, 623. Cûchulainn é por vezes dito filho do deus Lug, por vezes do mortal Sualtam. Da mesma forma Hércules tem como pai, além de Zeus, Anfitrão, rei de Tebas. *Ilíada*, V, 392, 396.

¹⁶ *Teuffel-Schwabe*, Geschichte der römischen Literatur, 5ª edição, t. II, pág. 1125.

¹⁷ *Est locus, extremum qua pandit Gallia litus,*

Oceaní praetentus aquis, ubifertur Ulixes

Sanguine libato populum movisse silentem.

Illic imbrarum tenui stridore volantum.

Flebilis auditur questus; simulacro coloni Pallida defunctasque uident migrare cateruas.

In *Rufinum*, I, 123-128; edição feita em Teubner por Louis Jeep em 1876, t. 1, pág.20.

e uma noite. Quando atingem a ilha e se livram de sua carga, partem imediatamente, os navios se tomam leves e se elevam acima da água. Não viram ninguém durante a viagem, não viram ninguém na chegada, mas na chegada ouviram vozes que pareciam anunciar aos hospedeiros invisíveis desses invisíveis viajantes os nomes e as dignidades desses últimos. Para as mulheres, dava-se o nome de seus maridos.¹⁸

Os que vieram da Gália e contaram essa história a Procópio tomaram intencionalmente ridícula a crença gaulesa com os ornamentos com que pretendiam embelezá-la. Mas dessa narrativa se pode concluir que na Gália, no século VI, alguns pescadores acreditavam ainda que as almas dos mortos estabelecer-se-iam além do Oceano.

O resto é imaginário. Voltemos aos druidas.

A doutrina dos druidas sobre a imortalidade da alma é muito diferente da de Pitágoras, à qual diversos autores gregos pretenderam assemelhar a crença céltica. Foi neste mundo que Pitágoras dizia ter tido várias vidas sucessivas.

Ele tinha primeiro sido Aithalides, quando passava por filho de Hermes; esse deus lhe tinha concedido um favor especial, que deveria ser o de jamais perder a memória de suas vidas vindouras. Ele morreu e sua alma passou para o corpo de Eufórbio, que foi morto por Menelau na guerra de Tróia, como se vê no canto XVII da *Iliada*. Ora, dizia Pitágoras, Eufórbio se lembrava de sua vida precedente sob o nome de Aithalides e ainda as viagens que fizera após a sua morte, as plantas, os corpos dos animais que habitara, enfim sua existência nos infernos e o que vira.

Eufórbio morto, sua alma passou ao corpo de Hermotimos. Hermotimos conservara a lembrança dos combates que, sob o nome de Eufórbio, sustentara contra Menelau; reconheceu em um templo de Apoio os restos do escudo que Menelau consagrara a esse deus; era o escudo que Menelau trazia no momento do combate com Eufórbio.

Após a morte de Hermotimos, a alma desse último passou, dizia Pitágoras, para o corpo de Pirro, pescador de Delos, e foi do corpo de Pirro que ela veio animar o de Pitágoras. Assim, pretendia o célebre filósofo, Aithalides, Eufórbio, Hermotimos, Pirro e Pitágoras são cinco corpos de homens que a mesma alma sucessivamente habitou, sendo ainda necessário contar um certo número de plantas e de corpos de animais.¹⁹

A narrativa de Pitágoras é uma espécie de aplicação prática da metempsicose pitagórica. Certos autores antigos acreditavam que a doutrina celta da imortalidade da alma era idêntica a essa metempsicose. É o que afirmam

¹⁸ *Procópio*, De bello gothico, l. IV, c. 20; *Petrie*, Monumenta histórica britannica, pág. LXXXVI; *Henri Marlin*, História da França, 4ª edição, t. I, pág. 73.

¹⁹ *Diógenes Laércio*, l. VIII, par. 4,5; edição Didot, pág. 205, l. 34-43; pág. 206, l. 1-15.

no século I a.C. Diodoro de Sicília,²⁰ no século seguinte Valério Máximo²¹ e no século IV Amião Marcelino, traduzindo uma passagem do grego Timágeno, contemporâneo de Augusto.²² Esta doutrina penetrou nos escritos de Origène, que na primeira metade do século III disse que os druidas foram alunos de um discípulo de Pitágoras, Zalmoxis, trácio de origem, que fora escravo do grande filósofo grego. Após a morte de Pitágoras, Zalmoxis fora à terra celta ensinar a filosofia do mestre.²³

Pitágoras ensinava na segunda metade do século VI a.C. Morreu no fim do mesmo século.²⁴ Seria então mais ou menos do início do século V que datariam a viagem de Zalmoxis ao país dos Celtas e o ensinamento das doutrinas pilagóricas nessa região. Mas a imortalidade da alma assim como os druidas a ensinavam difere notavelmente da metempsicose pitagórica. Já a encontramos em Hesíodo, com as ilhas dos bem-aventurados, μακάρων νήσοι, que são "o outro mundo" *orbis alius*, dos Gauleses, segundo Lucain, "a planície feliz", *mag meld*, dos Irlandeses pagãos. Podemos definir a data em que Hesíodo escrevia como sendo cerca do ano 700 a. C.,²⁵ mais ou menos dois séculos antes da morte de Pitágoras, antes do ensinamento que após essa morte Zalmoxis teria dado aos celtas.

Para bem entender a doutrina de Hesíodo, é preciso lembrar a de Homero. Na *Ilíada*, não se fala nada sobre a ilha dos bem-aventurados, embora o autor cresse na imortalidade da alma. De todos os guerreiros mortos no cerco de Tróia pelo funesto efeito da cólera de Aquiles, as almas foram enviadas ao deus invisível Hades, enquanto que eles mesmos, ou seja, os corpos, eram presa de cães e aves.²⁶ As almas dos mortos não encontravam um corpo novo na morada de Hades e sua estadia nada tem de alegre, pois o reino de Hades situa-se sob a

²⁰ Ἐνιοχίει γάρ πάρ' αὐτοῖς, ὁ Πυθαγόρου λόγος οτι τὰς ψυχὰς τῶν ἀνθρώπων ἀθανάτους εἶναι συμδέδηκε, καὶ δι' ἔτων ὀρισμένων βιοῦν, εἰς ἕτερον σῶμα τῆς Ψυχῆς εισδουμένης. *Diodoro de Sicília l. V, c. 28, par. 6; edição Didot, t. I, pág. 271, l 14-18.*

²¹ "Dicerem stultos, nisi idem bractati sensissent, quod palliatus Pythagoras credit." *Valério Máximo, l. II, c. 6, par. 10.*

²² "Inter hos Drysiadae, ingeniis celsiores, ut auctoritas Pythagorae decreuit... pronuntiarunt animas immortales." *Amião Marcelino, l. XV, c. 9, par. 4.*

²³ Δρῆνδαι οἱ ἐν Κέλτοις τῆ Πυθαγορείῳ φιλοσοφία κατ' ἄκρον ἐγκύψαντες, αἰτίῳ αὐτοῖς γενομένου ταύτης τῆς ἀσκήσεως Ζαμόλξιδος, δούλου Πυθαγόρου γένει Θρακίου, ὅς μετὰ τὴν Πυθαγόρου τελευτὴν ἐκεῖ χωρήσας αἰτίος αὐτοῖς ταύτης τῆς φιλοσοφίας ἐγένετο. *Origène, Philosophumena, 25.* Ὁ τοῦ Πυθαγόρου οἰκέτης Ζάμολξις ὅς καὶ τοὺς παρά Κέλτους Δρῆνδας λέγεται διδάξει φιλοσοφεῖν τὴν Πυθαγορείου φιλοσοφίαν. *Origène, Philosophumena, 5.*

²⁴ *Alfred Croiset, História da Literatura grega, t. II, 2ª edição, pág. 598. Seu estabelecimento em Crotona, na Itália, onde fundou sua escola, data de meados de 530. W. Christ, Geschichte der griechischen Litteratur, 3ª edição, pág. 412.*

²⁵ *É a data proposta por W. Christ, Geschichte der griechischen Litteratur, 3ª edição, pág. 91; Maurice Croiset, História da Literatura grega, t. I, 2ª edição, pág. 458, prefere uma data um pouco mais antiga (800-750).*

²⁶ Μηνιν αειδε, θεά, Πηληιάδεω Ἀχιλῆος
Οὐλομένην, ἣ μυρ' Ἀχαιοῖς ἀλγέ εοηκε,
Πολλάς δ' ἰφθίμους ψυχὰς Ἄϊδι προΐαψεν
Οἴωνοῖσι τε δαῖτα
Ilíada, c. I, versos 1-5.

terra,²⁷ em profundas trevas,²⁸ sendo a própria escuridão.²⁹

Tal é a doutrina da *Ilíada*. Na *Odisséia*, há uma tese oposta. Menelau, esposo de Helena, filha de Zeus, genro em consequência do deus supremo, não morrerá, os deuses o enviarão aos Campos Elíseos, nos confins da terra; lá mora o loiro Radamantis, a vida é muito fácil aos homens, a neve não cai, não há inverno, a tempestade é desconhecida, apenas o sopro agradável do vento do oeste enviado pelo oceano vem refrescar os homens.³⁰

Em Hesíodo, todos os heróis que tomaram parte na guerra de Tróia estão mortos, sem excetuar Menelau. Mas esses guerreiros ilustres não estão exilados no domínio subterrâneo e sombrio do Hades. Sua sorte é a dos guerreiros que morreram na funesta guerra de Tebas das sete portas: Zeus, filho de Cronos, deu-lhes na extremidade da Terra uma vida e uma pátria novas, separadas da morada dos deuses imortais (assim como das dos outros homens). Cronos reina sobre eles. Sem nenhuma preocupação no espírito, eles moram nas ilhas dos bem-aventurados, perto do Oceano de turbilhões profundos. Como são favorecidos esses heróis! A terra lhes dá três vezes por ano frutos excelentes, doces como mel.³¹

Nos Campos Elíseos da *Odisséia*, o rei é Radamantis; é Cronos quem reina nas ilhas dos bem-aventurados cantadas por Hesíodo. Píndaro, no século V, põe de acordo Hesíodo e Homero de forma radical, suprimindo os Campos Elíseos e fazendo reinar conjuntamente Radamantis e Cronos na ilha dos bem-

²⁷ Ἐνέροισιν ἀνάσων, *Ilíada*, XV, 188. "Ἀναξ ἐνέρων, *Ilíada*, XX, 61. Cf. *O artigo Hades em Roscher, Ausführliches Lexicon der griechischen und römischen Mythologie, t. I, col. 1780; e Schrader, Reallexicon der indogermanischen Altertumskunde, t. II, págs. 869-871.*

²⁸ Ἐλαχε ζόφον ἠερόεντα. *Ilíada*, XV, 191.

²⁹ Ἐξ Ἐρέδευς ἀζοντα κύνα στυγερού Ἀΐδαο, *Ilíada*, VIII, 368. "Ἐκλυεν ἐξ Ἐρέδεσφιν, *Ilíada*, IX 572. *Os dicionaristas gregos trocam* "Ἐρεδος por σκότος.

³⁰ Σοί δ' οὐ θέσφατόν ἐστι, διοτρερές ω Μενέλαε,
"Ἀργεὶ ἐν θπποδότῳ θανέειν καὶ πότμον ἐπισπεῖν,
Ἀλλὰ σφ' ἐς Ἠλύσιον πεγίον καὶ πείρατα γαίης
Ἀθάνατοι πέμπουσιν, ὅθι ξανθός Ραδάμανθους,
Τηπερ ρηῖστη βιοτὴ πέλει ἀνθρώποισιν
Οὐ νιφετός, οὔτ' ἄρ χεμών πολὺς, οὔτε ποτ' ὄμβρος,
Ἀλλ' αἰεὶ ζεφύροιο λιγύ πείοντος ἄητας
Ωκεανός ἀνησιν ἀναψύχειν ἀνθρώπους
Οὔνεκ' ἔχεις Ἐλένην, καὶ σφιν γαμδρός Διός ἐσσι.
Odisséia, IV, 561-569.

³¹ "Ἐνθ ἦτοι τοὺς ἀμφεκάλυψε
Τοῖς δέ δίχ' ἀνθρώπων βίοντα καὶ ἦθε' ὅπασσας
Κρονίδης κατένασσε πατήρ ἐς πείρατα γαίης
Τηλοῦ ἀπ' ἀνανάτων φτοῖσιν Κρόνος ἐμδασιλεύει
Καὶ ποί μεν ναίουσιν, ἀκηδέα θυμόν εχοντες,
Ἐν μακάρων νήσοισι παρ' Ωκεανόν βαθυδίνην
"Ὀλδιοὶ ἠρωες, τοῖσιν μελιθεῖα καρπὸν
Τρίς ετεος θάλλοντα φέρει ζεΐδωρος αρουρα.
Hesíodo, Opera et dies, versos 166-174.

aventurados.³² Conforme a doutrina de Homero e de Hesíodo, a mitologia irlandesa dá apenas um rei, Téthra,³³ à planície feliz em que habitam os mortos.

Assim, a mitologia grega concebe para certos homens não apenas a persistência da vida da alma, mas também a possessão de um corpo novo em uma região inacessível aos vivos. Encontramos a mesma crença na antiga Índia.³⁴ Mas, segundo a doutrina recebida na antiga Índia, os sedutores gozos da pátria bem-aventurada dos mortos são reservados aos homens piedosos, como entre os gregos aos heróis que a guerra fez ilustres. É um favor especial, enquanto que o paraíso céltico, a planície feliz, *mag meld*, é a última morada de todos os Celtas sem exceção.

Um ponto sobre o qual a mitologia céltica está de acordo com Hesíodo é que, para chegar na morada onde os mortos encontrarão nova vida e felicidade, é preciso atravessar o mar. Coisa curiosa: é igualmente além de um mar que se encontra a pátria nova dos mortos egípcios. Em uma data muito mais remota que aquela à qual remonta Hesíodo na *Odisséia*, conhecia-se no Egito a navegação que da Irlanda levou Condla ao país misterioso dos mortos.³⁵

Segundo a doutrina egípcia, a admissão definitiva nesse país maravilhoso não ocorria senão após um julgamento favorável ao morto. Esta doutrina do julgamento após a morte era desconhecida dos Celtas, tendo sido introduzida na Irlanda pelo Cristianismo, e o esforço necessário para obter sua aceitação explica a praga de São Patrício: "Meu Deus de julgamento!", em gales do século V: *mo dê brôt!*. Essas palavras galesas no meio de uma frase irlandesa tocaram tanto os irlandeses, que eles ainda conservavam essa lembrança quatro séculos mais tarde; um sábio irlandês do fim do século IX as copiou em um glossário, dando sua tradução irlandesa e a pronúncia galesa de seu tempo; é difícil, diz ele, acreditar que a língua galesa tenha mudado tanto desde a época em que viveu São Patrício. Ele acha que *mo dê brôt* é uma má lição, mas podemos afirmar que dizendo *mo dê brôt*, São Patrício, galês de nascimento, falava a língua galesa do século V.³⁶

³² "Ἐνθα μακάρων

Νάσος, ὠκεανίδες

Αὔραι περιπνέουσιν...

Βουλαῖς ἐν ὀρθαῖσι Ραδαμάνθυος

"Ὁν πατήρ ἔχει Κρόνος ἔτοιμον αὐτό παρεδρον.

Píndaro, Olympionicae, II, versos 71-76, edição Schneiderwin, 1843, pág. 17, 1850, pág. II. A edição dada por W. Christ em Teubner em 1882, pág. II, v. 129-137, apresenta no verso 137 uma variante: o nome de Κρόνος é substituído por um equivalente: Γας πάς, "filho da terra".

³³ *Windisch, Kurzgefasste irische Grammatik, pág. 120, l. 3.*

³⁴ *H. Zimmer, Altindisches Leben, die Cultur der vedischen Arier, pág. 409 e seguintes.*

³⁵ *Maspero, História antiga dos povos do Oriente clássico. As origens, Egito e Caldéia. Paris, 1895, pág. 186 e seguintes. Cf. acima, pág. 87.*

³⁶ *Sanas Cormaic, em Whitley Stokes, Three irish glossaries, pág. 28. Cormac's Glossary do mesmo autor, pág. 106. No bretão doué, "deus", oué é a notação moderna do ê do gaulês déuos e o u caiu. Doué supõe um dê mais antigo que se intercala cronologicamente entre deuos e doué.*

Capítulo XV

A Metempsicose na Irlanda

Os Celtas acreditavam na imortalidade da alma, mas não admitiam como os pitagóricos que, como regra geral, as almas dos mortos, deixando o corpo que habitaram, ficavam nesse mundo para animar um corpo novo. Conhecemos apenas dois exemplos célticos de metempsicose, cada um dado por um fato sobrenatural, como a maravilhosa memória da qual Pitágoras se gabava.

Falaremos primeiro do nascimento de Mongân, cuja mãe era mulher de um rei do Ulster, Fíachna¹ Lurgan, filho de Baetan.² Essa rainha, durante uma ausência de seu marido, havia engravidado do deus Manannân mac Lir³ que, em reconhecimento do bom acolhimento que a rainha lhe deu, assegurou, dizem, a vitória a Fíachna em uma batalha travada no dia seguinte com os Saxões na Grã-Bretanha. Foi em 603. Bède falou dessa batalha.⁴

Nove meses após essa batalha, Mongân nasceu. Ora, Mongân era Find ressuscitado; Find, o célebre herói irlandês que foi pai de Ossin, também chamado Ossian. Os Anais de Tigernach localizam a morte de Find no ano 273, na batalha de Athbrea, dois anos antes de Tácito se tornar imperador romano.⁵ Os Anais dos quatro mestres localizam a morte de Find dez anos mais tarde, em 283.⁶ Pouco importa essa diferença de dez anos, dada a incerteza e o vago da cronologia irlandesa nessa época remota. Em 603, havia trezentos e vinte ou trezentos e trinta anos que Find morrera, então ele voltou à vida neste mundo sob o nome de Mongân. Passava por ser filho de Fíachna, ao qual sucedeu.⁷ Morreria em 624: é a data que dão para sua morte os Anais do Ulster.⁸ Os anais dos quatro mestres dizem 620,⁹ o *Chronicon Scotorum*, 625.¹⁰ Sua morte foi também mencionada nos Anais de Tigernach; ele foi morto por um Bretão, ou seja, por um galês chamado Artur. Um poeta irlandês cantou sua morte em

¹ Há uma variante, *Fiachra*, Livro de Leinster, pág. 41, col. 3 na margem das linhas 12 e 13.

² *Mionannala em Standish Hayes O'Grady*, Silva gadelica, texto irlandês, págs. 390, 391, tradução, págs. 424, 425.

³ *Manannân ainda está vivo na literatura popular da Irlanda*. W. Larminie, *West-irish Folktales*, págs. 64-84. *E o Manawyddan dos Gauleses*.

⁴ História eclesiástica, l. II, c. 34; edição de Alfred Holder, págs. 37, 38: cf. Curso de literatura céltica, t. II, págs. 333-336; Kuno Meyer e Alfred Nutt, *A viagem de Bran*, t. I, pág. 42-45.

⁵ Anais de Tigernach, publicados por Whitley Stokes, *Revue celtique*, t. XVII, pág. 21.

⁶ Anais dos quatro mestres, edição de O'Donovan, t. I, págs. 118, 119.

⁷ Anais do Ulster, edição Hennessy, t. I, págs. 94, 95.

⁸ *Mionannala em Standish Hayes O'Grady*, Silva gadelica, texto irlandês, pág. 391, tradução, pág. 425.

⁹ Edição de O'Donovan, t. I, págs. 242-245.

¹⁰ Edição Hennessy, págs. 78, 79.

quatro quartetos.¹¹ Ora, eis a lenda que se conta sobre esse rei:

Mongân brigou um dia com um desses *filid* ou *fáthi* que sobre as ruínas dos druidas se elevaram muito alto na Irlanda graças ao apoio do clero cristão. Esse personagem pretensioso se chamava Forgoll. Mongân perguntou a Forgoll como morrera Fothad Airgdech. Fothad Airgdech, rei supremo da Irlanda na segunda parte do século III de nossa era, havia sido morto por Cailte na batalha de Ollarba,¹² ou seja, de Larne no Ulster, no condado de Antrim. Forgoll pretendia que Fothad Airgdech perdera a vida em Dubthar, hoje Duffry, no condado de Wexford em Leinster.¹³

O condado de Wexford está na extremidade meridional da Irlanda, o condado de Antrim na extremidade setentrional. Mongân disse a Forgoll: "Mentes". Forgoll se encolerizou e ameaçou Mongân com as mais amedrontadoras maldições se ele não retirasse o desmentido, de outra forma ele exigia que Mongân abandonasse seu reino a ele. Deu-lhe, porém, um prazo de três dias. O terceiro dia acabava quando chegou Cailte, o último sobrevivente dos guerreiros que pereceram na batalha de Gabra em 284.¹⁴ Cailte, já com a idade de trezentos anos, mais valente ainda, que reconheceu em Mongân seu antigo companheiro de armas, Find, e pôde mostrar a Forgoll, perto de Ollarba, a tumba de Fothad; ela estava coberta por uma pedra com epitáfio, não deixando margem a dúvidas. Forgoll fora vencido. Esta lenda é devido provavelmente à invenção de um Druida, sendo o mais recente monumento da luta sustentada pela corporação druídica contra a coalizão do clero cristão e dos *filid*.¹⁵

O outro exemplo de metempsicose que a história legendária da Irlanda nos oferece remonta a uma época muito mais antiga, na qual é difícil de distinguir a verdade histórica da mitologia. Algum tempo antes de nossa era, Eochaid Airem era o rei supremo da Irlanda,¹⁶ tendo-se casado com Êtâin, filha de Êtar, mas Êtâin, mil e doze anos antes de seu nascimento como filha de Êtar, nascera uma primeira vez como filha de Ailill e, durante a vida que seguira esse primeiro nascimento, tinha sido mulher do deus Mider, idêntico provavelmente ao deus Gaulês Medros,¹⁷ embora a lenda irlandesa lhe dê uma morada na Irlanda.¹⁸

¹¹ Anais de Tigernach, publicados por Whitley Stokes, *Revue celtique*, t. XVII, pág. 178.

¹² Anais dos quatro mestres, edição de O'Donovan, t. I, págs. 120-121, localizam sua morte em 285, o que não concorda com a data de 283 indicada pelos mesmos anais para a morte de Find.

¹³ Kuno Meyer, *The voyage of Bran*, p. 49, nota 3; cf. págs. 46, l. 6, e 48, L 1. O sábio autor supõe que Forgoll confundia, com esta localidade, Dubthor dháil Araide, mencionada no *Diálogo dos velhos*. Silva gadelica, texto irlandês, pág. 118, l. 30. A dáil Araide é na região oriental do Ulster.

¹⁴ Anais dos quatro mestres, edição de O'Donovan, t. I, págs. 120, 121.

¹⁵ Kuno Meyer publicou o texto e a tradução desta lenda em uma obra dele em colaboração com Alfred Nutt, *The voyage of Bran*, t. I, págs. 45-52.

¹⁶ Conforme os Anais dos quatro mestres, edição de O'Donovan, t. I, págs. 88-89, Eochaid Airem teria reinado quinze anos, do ano 130 ao 116 a. C. Seu reinado é mencionado em Flathiusa Erend, *Livro de Leinster*, pág. 23, col. 1, l. 37, 38.

¹⁷ Franz Cumont, na *Revue celtique*, t. XXV, págs. 47-50, estabelece que esse deus não pode ser confundido com Mithra. Mider vira Midir no genitivo, *Windische, Irische Texte*, t. 1, pág. 132, l. 20; Mider pode então se explicar com um nominativo Medros como o dativo Medru da inscrição citada por M. F. Cumont.

Durante a segunda vida de Êtâin, após seu casamento com Eochaid Airem, o deus Mider raptou Êtâin de Eochaid: Mider e Êtâin escaparam do castelo real sob a forma de dois cisnes, mas mais tarde Eochaid, com o concurso de um Druida, conseguiu retomar sua mulher ao deus Mider.

Entre essa narrativa e a metempsicose pitagórica não há nenhuma relação. Mas é possível que a lenda de Mider e de Êtâin tenha sido levada à Gália pelos druidas e que seja uma das causas do erro dos sábios gregos, que atribuíram aos druidas a crença na metempsicose de Pitágoras.

Mider, fugindo do castelo real com Êtâin, tomou a forma de cisne. Os deuses nas lendas irlandesas freqüentemente se mostram aos olhos na forma de animais. Veremos mais adiante Badb ou Morrigan, deusa do assassinato e das batalhas, tornar-se sucessivamente enguia, loba e vaca; da mesma maneira, os dois porqueiros divinos dos dois reis dos gênios de Munster e de Connaught tomam, além de sua forma primitiva, seis outras formas sucessivas, a saber: 1º) corvos, 2º) baleias ou focas, 3º) campeões, 4º) fantasmas, 5º) vermes, 6º) touros, de modo que sua alma divina habitou sete corpos diferentes. Essas concepções mitológicas constituem historicamente uma fase intermediária entre a noção mais antiga dos deuses com forma de animais e a noção de deuses de forma exclusivamente humana; mas elas não devem ser confundidas com a metempsicose pitagórica que concerne os seres humanos e não os deuses ou gênios. Se a lenda dos dois porqueiros foi levada à Gália pelos druidas, ela pode, malcompreendida, ter sido como a lenda de Êtâin uma das causas do equívoco que fez crer aos gregos que os druidas ensinavam a metempsicose pitagórica.

¹⁸ *Sobre Êtâin, ver Windische, Irische Texte, t. 1, págs. 112-133; Zimmer, na Revista de Kuhn, t. XXVIII, p. 585-594; Alfred Nutt, The voyage of Bran, t. 1, págs. 47-53.*

Capítulo I

Os Deuses Celtas com forma de Animais

Noções gerais

Os pagãos, a princípio, adoraram a natureza tal qual ela se apresentava a eles: em primeiro lugar, o céu de onde vêm o dia, o calor e a tempestade; em segundo lugar, o mar, tão propício e freqüentemente tão perigoso para os navegantes; e em terceiro lugar a terra que habitamos. Quando os Gregos deram forma humana a todos os seus deuses, o céu personificado era Zeus, esposo de Hera;¹ Poseidon, esposo de Anfítrite,² tomou o lugar do mar; Άίσις, Άι δωυεύς, Hades, esposo de Perséfone ou Persefonéia,³ vem em terceiro, no lugar da terra. Eles eram filhos de Cronos, nascidos na ordem que indicamos: Zeus primeiro, Poseidon em segundo, Hades o terceiro.⁴ É a ordem seguida em uma passagem do *Táin bó Cûailngi*, "rapto das vacas de Cooley", ou seja, da grande epopéia irlandesa, onde encontramos a mais antiga forma de juramento céltico; esse juramento ainda não tomara sua roupagem antropomórfica sob a qual se apresenta a mais antiga mitologia grega. O juramento é um ato freqüente sobretudo nos atos jurídicos, e a língua do direito é sempre eminentemente conservadora e rotineira, como dizem os inimigos dos juristas. Eis em quais circunstâncias esse juramento é pronunciado na famosa epopéia céltica.

¹ Τούς δέ ιδών έλέησε Κρόνου παῖς άικυλομήτεω

"Ηρην δέ προσέειπε κασιγνήτην άλοχόν τε.

Ήιάδα, XVI, versos 431, 432.

² Έκ δ' Άμφιτρίτης καί έρικτύπου Έννοσιγαίου

Τρίτω εύρυδής γένετο μέγας.

Hesíodo, Teogonia, versos 930, 931.

³ Δήμητηρ' ήύκομον, σεμνήν θεόν, άρχομ' άείδειν

Αύτήν, ήδέ θύγατρα τανύσφρον, ην Αΐδωνεύς

"Ηρπαξεν.

Hino a Deméter, versos 1-3.

⁴ Τήν δέ μέγ' όχθήσας προσέφη κλυτός Έννοσίγαιος

.....

Τρεῖς γάρ τ'έκ Κρόνου ειμέν άδελφοί, ούς τέκετο Ρέα,

Ζρεύς καί έγώ, τρίτατο δ' Αΐδης, έnéροισιν.

Ήιάδα, XV, 184, 187, 188.

É inútil mencionar aqui a maneira pela qual Hesíodo explica esta ordem de primogenitura, Teogonia, versos 453-496.

Contaram a Sualtam, pai putativo do herói e semideus Cûchulainn, que esse maravilhoso campeão caíra em combate contra Calatin, que estava acompanhado de vinte e oito guerreiros dos quais vinte e sete eram seus filhos e o vigésimo oitavo seu neto. Sualtam jura que isso não é verdade. É, segundo diz, inverossímil como se o céu se abrisse, se o mar se esvaziasse e se a terra se fendesse.⁵ Algumas linhas mais adiante, o rei Conchobar faz o mesmo juramento sob uma forma mais literária e invertendo a ordem dos termos. Acabavam de anunciar-lhe que um exército inimigo invadira seu reino e que raptavam as vacas e as mulheres. "O céu, diz, está acima de nós, a terra sob nós, o mar nos rodeia em toda a volta; se o céu não cair com sua chuva de estrelas sobre a face da terra onde estamos, se a terra não se quebrar separando-se da terra, se o deserto do mar não vier de seu domínio azul para a testa cabeluda da vida, devolverei cada vaca a seu estábulo, a sua fazenda, cada mulher a sua morada, a seu lar."⁶

A ordem não é exatamente a mesma que na mitologia grega na qual Poseidon, deus do mar, está no segundo lugar e em que Hades, deus da terra, vem em terceiro; aqui a terra toma o segundo lugar e o mar vem em terceiro. A ordem adotada no juramento de Conchobar, segundo o texto irlandês, é a mesma que os delegados gauleses observaram quando, no século IV, Alexandre, o Grande, antes de partir para fazer a conquista do império persa, concluiu um tratado de aliança com eles. Esse tratado deve ter sido, segundo o costume, confirmado primeiro com uma libação após a qual o resto do vinho foi bebido, depois com dois juramentos, um do rei macedônico e outro dos Gauleses. "Observaremos o tratado", disseram os Gauleses, "a menos que o céu caia sobre nós e nos esmague, ou que a terra se entreabrindo nos enguia, ou que o mar transbordando nos afogue." "Desses três perigos, quais temeis mais?", perguntou Alexandre. "Nós não tememos nada", responderam os gauleses, "a não ser a queda do céu".⁷ Eles haviam visto, sem dúvida, cair aerólitos, mas no território ocupado por esses Gauleses ninguém, até onde soubessem, jamais morrera em um tremor de terra, jamais se vira o exemplo de uma população destruída por um transbordamento do mar que ultrapassasse os limites da maré alta.

⁵ "Is dochéin gid so, bas Sualtaim, in nem maides, ná in muir thráges, ná in talam con-da-scara." Livro de Leinster, pág. 93, col. 1, l. 36, 37; Cf. Zimmer, Zeitschrift de Kuhn, t. XXVIII, págs. 496-470.

⁶ "Nem úasaind ocus talam isaind ocus muir immaind immácuard. Acht mu nu tháeth in ftrmiment con a frossaib retland bar dunad-gnuis in talma, ná mo-no-mae in talam as-sa-thalam cumscung, ná mo no thí in fhairge-éithrech o-chor-gormfor tulmoing in bethad; dobér-sa cach bó ocus cach ben díb ca-lias ocus ca-machad, co aitte, ocus co adbáifadessin." Livro de Leinster, pág. 94, col. 1, l. 16-23; Cf. Zimmer, Zeitschrift de Kuhn, t. XXVIII, pág. 470.

⁷ Ptolomeu, filho de Lagos, traduziu mal a resposta dos gauleses, fazendo-os dizer: "Nós não tememos ninguém." Τί μάλιστα, ο φοδοϊντο; ...Αυτούς δ' άποκρίνασθαι οτι ούδένα, πλίν εί άρα μή δ ούρανός αύτοϊς έπιπέσοι.

Ptolomeu, fragmento 20 (Didot, Scriptores Alexandri Magni, pág. 87; cf. Strabon, I. VII, c. 3, Par. 8; edição Didot, pág. 250; e Arrien, t. I, c. 4, par. 6; edição Didot, pág. 5. Ele deveria ter dito ούδέν.

Aristóteles concluiu, a partir disso, que os Gauleses eram loucos ou insensíveis à dor, uma vez que não temiam nem um tremor de terra nem as ondas.⁸

O juramento dos Judeus no tempo de Jesus Cristo conservava ainda traços da velha doutrina paga. Juravam pelo céu e pela terra. O juramento pelo mar caíra em desuso. Jesus Cristo proibiu de jurar pelo céu, que é o trono de Deus, e pela terra, que é o escabelo sobre o qual repousam Seus pés.⁹

Podéramos, na Irlanda, substituir no juramento o céu pelo sol e o mar pelo vento. É o que fez no século V o rei supremo Lôégairé, contemporâneo de São Patrício: ele violou seu juramento, a terra o engoliu, o sol o queimou, o vento, ou seja, o ar para respirar, faltou-lhe.¹⁰

Na *Ilíada*, Agamenon, jurando, justapõe a Zeus o sol,¹¹ substitui o mar por rios, mas conserva a terra em seu lugar primitivo, o terceiro.¹²

A intervenção dos rios, dos cursos d'água, no juramento homérico prova que, na época, eles já eram divinizados pelos gregos. Não o foram somente na Grécia. Os rios franceses com o nome de Dive são os *Diua* galo-romanos,¹³ cujo nome é uma deformação do gaulês *Dêua*, "deusa", conservado como nome de rio sob o império romano na Espanha e na Grã-Bretanha.¹⁴

Podemos comparar a isso:

1º) *Divona*, nome de uma fonte vizinha de Bordeaux, em Ausone, *Ordo urbium nobilium*:

Divona Celtarum lingua fons addite divis;

2º) Divonne, no século XII *Divona*, nome de um riozinho no departamento de Ain. *Divona* é o sucedâneo galo-romano de um primitivo gaulês *Dêuona*, Δηούονα, nome ainda trazido, em Ptolomeu, no século II de nossa era, por uma fonte situada em Cahors (Lot);¹⁵ esse nome, no mesmo autor, aparece também uma vez na nomenclatura das localidades situadas na Germânia;¹⁶ A. Holder crê que se trata de Dewangen em Wurtemberg,¹⁷ região que foi gaulesa anteriormente à conquista germânica.

Deuona não passa de uma forma céltica do latim *divina*.

Ao lado da divindade dos rios aparece a das montanhas e das florestas. O

⁸ Εἴη δ' ἂν τις μαινόμενος ἢ ἀνάληγτος; εἰ μὴδὲν φοδοῖτο μήτε σεισμόν, μήτε τὰ κύματα κάθαπερ φασὶ τούς Κελτοῦς. *Ethica Nichomachea*, l. III, c. 7 9. *Aristóteles de Didot*, t. II, pág. 32, l 39-41.

⁹ Μήτε ἐν τῷ οὐρανῷ, οὐθὲν ἐστὶ τοῦ θεοῦ, μήτε ἐν τῇ γῆ· ὅτι ὑποποδιὸν ἐστὶ τῶν ποδῶν αὐτοῦ. *Mateus*, V, 34, 35.

¹⁰ "Tucsat na dúile dáil báis do Láegairiu i taeb Chaise, idon talam d-á shlucud, ocus grían d-á loscud, ocus gáeth, do dula úad." Boroma, em *Slandish Hayes O'Grady*, Silva gadelica, texto irlandês, pág. 369; tradução, pág. 407.

¹¹ Ζεῦ πάτερ "Ἰδηθεν μεδέων, κύδστε, Ἥλιος θ' ὅς πάντ' ἐπακούεις. *Ilíada*, III, 276, 277.

¹² Καὶ ποταμοί, καὶ Γαῖα. *Ilíada*, III, 278.

¹³ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 1289.

¹⁴ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 1273-1274.

¹⁵ Ptolomeu, l. II, c. 7, par. 9; edição Didot, l.1, pág. 204; cf. Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 1275-1276.

¹⁶ Ptolomeu, l. II, c. 11, par. 14; edição Didot, t. I, pág. 273.

¹⁷ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 1276.

mons Abnoba de Plínio e de Tácito, que é a Floresta Negra, *Schwarzwald*, é divinizado em três inscrições romanas.¹⁸ A *silva Arduenna* de Júlio César, de Strabon, de Tácito, aparece também como deusa nas inscrições contemporâneas ao império romano.¹⁹

Por fim, adoram-se os animais. Os primeiros deuses dos quais, no solo que hoje é francês, o homem reproduziu a imagem com a pintura, nos tempos pré-históricos, foram os animais. As grutas ocupadas pelo homem no período neolítico e que os arqueólogos exploram há alguns anos são ornadas de pinturas que representam animais e esses animais parecem divinizados.

Os deuses que, fixados em mastros, conduziam os exércitos romanos à vitória, consistiam em estátuas de animais; as insígnias romanas não eram outra coisa. Havia cinco durante os primeiros séculos da república. A primeira era a águia, a segunda o lobo, a terceira o touro, a quarta o cavalo e a quinta o javali.²⁰

Mário suprimiu as quatro últimas e ficou com a primeira, a águia. Não há a águia entre os pássaros divinizados pelos celtas. Mas nos textos irlandeses é freqüente aparecerem divindades sob forma de pássaros. Por exemplo *Badb*, deusa da guerra e do assassinato, normalmente invisível, que se oferecia aos olhares dos guerreiros sob forma de gralha ou de corvo.²¹

Na grande epopéia irlandesa cujo título é *Táin bô Cúailngi*, *Badb*, também chamada *Morrigan*, aparece sob diversas formas, sendo a última a de pássaro.²² No *Serglige Conculainn*, no qual uma doença de Cúchulainn é um dos principais acidentes, a deusa *Fand*, apaixonada pelo célebre herói, oferece-se a ele primeiro sob forma de pássaro.²³

O segundo animal divino que aparece nos estandartes romanos é o lobo. Uma loba, dizem, serviu de ama-de-leite ao fundador de Roma. Salomon Reinach publicou na *Revue celtique*, tomo XXV, diversas representações do deus lobo, encontradas tanto na França como na Inglaterra e na Itália setentrional; o deus lobo foi, portanto, conhecido pelos celtas e pelos romanos. Na Irlanda, não há nome comum correspondente ao latim *lúpus*. Para designar o lobo, é preciso chamá-lo "cão selvagem", *cú allaid*. Um traço do culto ao deus lobo foi-nos conservado no nome do herói e semideus Cúchulainn, filho do deus *Lugus* e de uma irmã do grande rei do Ulster, *Conchobar*.

¹⁸ Holder, *Allcellischer Sprachschatz*, tomo I, col. 8.

¹⁹ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 187, 188.

²⁰ Plínio, l. X, par. 16, apor ter falado da águia, aquila, continua assim: "*Romanis eam legionibus C. Marius in secundo consulatu suo proprie dicavit; erat et antea prima cum quatuor aliis; lupi, minotauri, equi, apri que singulos ordines anteibant*". A doutrina de Plínio é confirmada por uma passagem de Festus: "*Porci effigies inter militaria signa quintum locum obtinebat*". A forma semi-humana dada ao Minotauro pelos artistas gregos evidentemente não é primitiva: era, na origem, um touro.

²¹ Hennessy, na *Revue celtique*, t. I, pág. 34 e seguintes. Cf. mais adiante, pág. 117.

²² "*In deilb éuin*", Lebor na hUidre, pág. 64, col. 2, l. 30-31; L. Winifrid Faraday, *The Cattle of Cualnge*, pág. 40; H. Zimmer, na *Zeitschrift de Kuhn*, t. XXVIII, pág. 450.

²³ E. Windisch, *Irische Texte*, t. I, pág. 206, l. 10; pág. 207, l. 29.

Cûchulainn significa "cão de Culann". Mas nas estrofes que se intercalam na narrativa do combate singular do herói contra Ferdiad, este, dirigindo a palavra a seu adversário, o chama simplesmente cão, "oh, cão", *a-chúa*,²⁴ com um *a* final para completar a rima e, mais exatamente, *a-chú* em outro lugar;²⁵ trata-o também de "cão de carnagem", *ár-chú*.²⁶

No terceiro escalão das insígnias romanas encontramos, com um nome grego, o Minotauro, ou seja, o touro.

Encontramo-lo também na Irlanda: é o touro de Cooley, um dos personagens mais importantes da principal epopéia irlandesa, o *Táin bo Cúailngi*, rapto, não de Helena, mas das vacas de Cooley. O Minotauro nascera da união de Pasífae, filha do sol, com um touro do rei de Creta, Minos. O touro de Cooley era resultado da última metamorfose de Friuch, guardião dos porcos do rei Bodb. Friuch mudara primeiro em corvo, depois em animal marinho, em seguida em guerreiro, ulteriormente em fantasma; por fim se tornara verme e seu domicílio era um poço: bebendo a água desse poço, uma vaca engoliu esse verme fantástico e deu à luz o touro, *tarb*=**taruos*, de Cooley.²⁷ O nome desse touro era Donn, que empregado como adjetivo quer dizer "moreno" e, como nome, "juiz, nobre, rei".

A lenda desse touro maravilhoso deve ter sido conhecida na Gália, pois Júlio César, *De bello gallico*, VII, 65,2, fala de um chefe dos *Heluii* chamado *Donno-aurus*, leia-se *Donno-taruos*, que trazia por conseqüência o nome desse touro mitológico; comparem-se os nomes próprios masculinos gregos Διονύσιος, de Δiónυσος, Ἀθηναίος, de Ἀθηνα, Ἀπολλώνιος, de Ἀπόλλων, Ποσειδώνιος, de Ποσειδών etc., e os nomes de santos empregados entre nós como prenomes.

Os nomes divinos e os nomes de santos entraram na nomenclatura geográfica: Ἀπολλώνια, Διονυσαί, Ποσειδώνιας são nomes gregos de cidades. A origem desses nomes gregos é devida quase ao mesmo sentimento que os de Saint-Denys, Dammartin e outros análogos, tão freqüentes após o triunfo do Cristianismo. O mesmo fenômeno psicológico se produziu no mundo céltico.

De lá vem o nome de lugar *Tarva*, em Grégoire de Tours, hoje Tarbes, na França (Hautes-Pyrénées). Explicam-se da mesma maneira dois derivados: Ταρουάννα em Ptolomeu, *Taruenna* no Itinerário de Antonino, hoje Théroutanne na França, departamento de Pas-de-Calais, e *Tarvisus*, Tarvisio, na Itália do norte. São as cidades do deus "touro", em gaulês *Taruos*.

²⁴ Livro de Leinster, pág. 83, col. 2, l. 27; cf. O' Curry, On the manners and Customs of the ancient Irish, t. III, pág. 430.

²⁵ Livro de Leinster, pág. 87, col. 1, ll. 41; cf. O' Curry, On the manners and Customs of the ancient Irish, t. III, pág. 450.

²⁶ Livro de Leinster, pág. 87, col. 2, l. 11; cf. O' Curry, On the manners and Customs of the ancient Irish, t. III, pág. 452.

²⁷ E. Windisch, Irische Texte, 2ª série, 1ª remessa, pág. 235 e seguintes.

Havia ao norte da Grã-Bretanha, segundo Ptolomeu, um promontório Ταρουεδούμ; talvez possamos ler Ταρουό-δουνον,²⁸ ou seja, promontório da fortaleza do deus "touro"; podemos comparar o nome desse promontório ao do cabo de São Vicente, situado na extremidade sudoeste de Portugal.

O quarto lugar entre os animais divinizados que serviram de insígnias aos Romanos é o cavalo; os gauleses tinham, como se sabe, uma deusa *Epona* cujo nome deriva de *epo-s*, "cavalo".²⁹ Os monumentos a essa deusa nos representam uma mulher e um cavalo. A mulher é uma adição devida à influência da arte grega. *Epona* deve ser a jumenta divinizada.

No quinto lugar entre as insígnias romanas está o javali, *aper*. Sua imagem ornava também as insígnias gaulesas; nos baixo-relevos do arco do triunfo de Orange, pode-se ver esta insígnia entre os despojos tirados dos Gauleses vencidos. Alexandre Bertrand e Salomon Reinach assinalaram alguns outros exemplos da insígnia gaulesada javali.³⁰

Há um animal cujas imagens não foram postas nos estandartes romanos e que foi elevado ao nível divino no mundo celta. Trata-se do urso. Desse animal há, em irlandês, dois nomes antigos: um é *art*, idêntico ao grego ἄρκτος e ao gaulês *arth-arto-s*, urso. O outro é *math*, no genitivo *matho*, que supõe um prefixo primitivo *matu-*.

Art em velho irlandês chegou a ser um sinônimo de *dia*, "deus". Dizia-se de Eochaid, príncipe irlandês do século III, que era belo como *art*, ou seja, "como urso"; isso significava que era belo como um deus. Quando o herói *Cûchulainn* foi morto, não cessou porém de viver; apareceu a seus amigos e lhes disse: "Um nobre *art* foi ceifado", *romemaid art ùasal*. Que quer dizer *art* nesta frase? Uma glosa nos ensina: *art* significa *dia*, ou seja, "deus". Eis o que se lê no glossário composto por Cormac, um bispo irlandês que morreu no início do século X.³¹

Na Gália, divinizara-se a fêmea do urso, chamando-a *Artio*. Salomon Reinach estudou no tomo XXI da *Revue celtique* um grupo em bronze, encontrado na Suíça perto de Berna, que representa um urso acompanhado de uma mulher; abaixo há uma inscrição dedicatória: *Deae Artioni*. A intervenção da mulher se deve ao gosto dos artistas gregos que, para deuses, não admitia outra senão a forma humana e que reduzia os animais divinos ao papel de acessórios.

Da *dea Artio* de Berna podemos aproximar a *dea And-Arta* de Die

²⁸ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo II, col. 1741.

²⁹ Sobre *Epona*, ver Salomon Reinach na *Revue archéologique*, t. XXVI, págs. 163-195, 309-335.

³⁰ Cf. Alexandre Bertrand, *Arqueologia céltica e gaulesa*, pág. 419; Salomon Reinach, *Antigüidades nacionais*, Descrição racional do Museu de Saint-Germain, Bronzes figurativos da Gália Romana, págs. 255, 256, 257, 269; Repertório da estatuária grega e romana, págs. 746, 747; *Revue Celtique*, t. XXII, pág. 157.

³¹ Whitley Stokes, *Three Irish glossaries*, pág. 2; Sanas Chormaic, *Cormac's Glossary translated*, págs. 3, 4.

(Drôme);³² *And-Arta* é uma grande urso elevada ao grau de divindade, enquanto que da expressão *dea Artio* nada se deve concluir quanto ao tamanho do animal sagrado.

Parece-nos possível, então, explicar com o nome *Artos* do urso divinizado os nomes de lugar *Arto-briga* em Vindélicie e * *Arto-dunum*, hoje Arthun (Loire);³³ *Arto-dunum*, "fortaleza do deus *Artos*", pode ser semelhante a *lugu-dunum*, "fortaleza do deus *Lugus*".

Desses nomes de lugar podemos aproximar o nome masculino gaulês *Arth-gen*, "filho do urso",³⁴ ou seja, do deus urso; é o nome de um rei gaulês morto em 807.³⁵ Esse nome era em gaulês *Arto-gehos* ou *Arti-gehos*; na *Descriptio mancipiorum ecclesie Massiliensis*, publicada por B. Guérard em seguida ao Cartulário de São Vítor de Marselha, menciona-se uma *colonica in Artigenis*:³⁶ é um grupo de colonos estabelecidos *emjundi Artigeni*, assim chamados por causa de um proprietário antigo chamado *Arti-gehos* ou *Arto-gehos*, "filho do deus urso". A forma irlandesa desse nome é *Artigan*: daí o nome de família *O'h Artigan*, "neto do filho do urso".³⁷

Encontramos, sob o império romano, exemplos do nome divino *Mercurius* empregado como apelido de homem:³⁸ *Art*, nos textos irlandeses, aparece como nome de homem. Houve na Irlanda no século II um rei supremo chamado *Art oenfer*, "Art o único",³⁹ "Urso único". Segundo crônicas de 825 e 827, *Art*, filho do rei irlandês Diarmait, foi decapitado.⁴⁰ Desse nome masculino (*Art*) vem o nome *Ua hAirt*, que encontramos no *Chronicon Scotorum* sob as datas 1012, 1083, 1095:⁴¹ dizemos hoje em dia *O'Hart*, o que quer dizer "neto de urso".⁴² Encontramos também *Mac Art*, "filho de urso",⁴³ ou seja, do deus urso ou de um homem chamado *Art*, "urso".

Passemos à palavra irlandesa *math* = **matus*, "urso". Essa palavra, hoje inusitada, pode ser reconhecida no primeiro termo de *math-ghamhuin*,

³² Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 227.

³³ Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo I, col. 38.

³⁴ *Arth* significa "urso" em galês.

³⁵ *Annales Cambriae*, edição feita por John Williams ab Ithel, pág. 11. Seu nome se escreve *Arthen* no Brut y Tywysogyon, edição feita pelo mesmo, pág. 8, e na de *Gwenogvryn Evans*, pág. 258.

³⁶ Cartulário de São Vítor de Marselha, t. II, pág. 641.

³⁷ Joyce, *The origin and history of irish names of places*, t. II, pág. 154.

³⁸ *C. I. L.*, t. XII, n^{os} 449, 3709, 3894.

³⁹ *Echtra Condla*, em *Windisch*, *Kurzgefarste irische Grammatik*, pág. 120. *Anais de Tigerlach*, editados por *Whitley Stokes*, *Revue celtique*, t. XVII, pág. 9, II. *Anais dos quatro mestres*, edição de *O'Donovan*, t. I, págs. 106, 109.

⁴⁰ *Anais do Ulster*, editados por *William M. Hennessy*, t. I, pág. 322; *Chronicon Scotorum*, editado pelo mesmo, pág. 134; cf. *Anais dos quatro mestres*, edição de *O'Donovan*, t. I, pág. 436, em que esse evento é localizado em 824.

⁴¹ Edição *Hennessy*, págs. 254, 296, 304.

⁴² *P. W. Joyce*, *The Origin and History of irish Names of Places*, t. II, pág. 154.

⁴³ *Anais de Tigerlach*, editados por *Whitley Stokes*, *Revue celtique*, t. XVII, pág. 419.

"ursinho", que na tradução irlandesa da Bíblia, vem do hebreu áéê, *dôb*, "urso".⁴⁴ *Gamhuim*, *gamhain* significa "vitelo", de modo que o sentido literal de *mathghamhain* é "vitelo de urso". *Matus*, "urso", aparece como primeiro termo nos nomes de homem gauleses *Matu-geños*, "filho de urso", ou seja, "do deus urso",⁴⁵ *Matu-marus*, "grande como um urso", ou seja, como o deus urso.⁴⁶

O deus gaulês *Matunus*⁴⁷ traz um nome derivado do prefixo *matu-* *Matunus*, forma latinizada do céltico *Matunos*, tinha uma variante *Matunnos* que forneceu o segundo termo do nome galo-romano de Langres, *Ande-matunnum*.⁴⁸ *Ande-matunnos* significaria "grande urso"; *Ande-matunnum* é a fortaleza do grande urso divinizado. Podemos comparar a isso *Ande-camulum*, "fortaleza do grande deus *Camulus*", de onde *Andecamulenses*, os habitantes de Rançon (Haute-Vienne).⁴⁹

Quanto ao nome composto *Matu-geños*, "filho do deus urso", seu segundo termo é idêntico ao de *Camulo-geños*, "filho do deus *Camulos*", nome de um chefe dos *Aulerici Eburouices* que Júlio César venceu e que foi uma das muitas numerosas vítimas da guerra impiedosa na qual sucumbiu a independência gaulesa.⁵⁰

Há um nome próprio irlandês quase sinônimo da palavra gaulesa *Matu-geños*, que é *Mac-Mathghamhna*, hoje escrito, em ortografia inglesa, *Mac-Mahon*, nome de família muito comum e que se encontra pela primeira vez nos Anais dos quatro mestres em 1283.⁵¹ Esse nome quer dizer "filho de ursinho". Vemos aparecer desde o século XI o nome de *Ua Mathghamhna*, trazido por um rei do Ulster morto pelo ano 1068;⁵² escrevemos hoje O'Mahony, sendo um nome de família com exemplos numerosos; quer dizer "neto de ursinho". Naturalmente, na Irlanda, certos homens receberam o nome do deus ursinho como outros hoje em dia trazem, por exemplo, o nome do patriarca José e do santo homônimo. Data do ano 974 a morte de um rei de Munster chamado *Mathghamhain*.⁵³ Podemos relevar exemplos posteriores.

Estudamos, portanto, seis formas animais que os Celtas divinizaram; dessas formas, cinco estão nas insígnias que as armadas romanas levavam ao combate — touro, cão ou lobo, jumento ou cavalo, javali, pássaro — e um sexto está fora dos cinco *signa* dos romanos, o urso.

⁴⁴ Ver, por exemplo, *Samuel*, l. I, c. XVII, versículo 34.

⁴⁵ *Holder*, *Altceltischer Sprachschatz*, tomo II, col. 480.

⁴⁶ *Ibid.*, t. II, col. 481.

⁴⁷ *Ibid.*, t. II, col. 482.

⁴⁸ *Ibid.*, t. I, col. 144.

⁴⁹ *Ibid.*, t. I, col. 139.

⁵⁰ *De bello gallico*, l. VII, c. 57, 59, 62.

⁵¹ *Edição de O'Donovan*, t. III, pág. 438.

⁵² *Anais de Tigerlach*, editados por *Whitley Stokes*, *Revue celtique*, t. XVII, pág. 405; *Anais do Ulster*, editados por *B. Mac Carthy*, t. II, pág. 14; *William M. Hennessy*, *Chronicum Scotorum*, pág. 287.

⁵³ *Anais dos quatro mestres*, edição de *O'Donovan*, t. II, pág. 700; *Anais de Tigerlach*, editados por *Whitley Stokes*, *Revue celtique*, t. XVII, pág. 338; *Chronicum Scotorum*, pág. 222.

Os celtas parecem ter também divinizado outros animais. A questão foi sabiamente tratada por Salomon Reinach. Não queremos aqui fazer plagiário copiando-o.⁵⁴ Mas daremos, a título de complemento, dois trechos épicos irlandeses em que vemos deuses tomarem forma de animais.

⁵⁴ *Salomon Reinach, Cultos, mitos e religiões, t. I, págs. 30-78.*

Capítulo II

Os Deuses que tomam a forma de Animais na Literatura Épica da Irlanda

*I — O Rapto das Vacas de Regamain*¹

Cûchulainn [o grande herói épico irlandês] estava mergulhado no sono em Dün Imrid, quando ouviu, vindo do norte, um grito, diretamente em sua direção. Esse grito lhe pareceu feio e muito assustador, de forma que, acordando, caiu de sua cama como uma massa sobre o solo, na parte da casa voltada para o levante. Saiu sem armas [nem vestimentas], depois, quando estava no gramado, sua mulher, chegando por trás dele fora da casa, lhe trouxe suas armas e suas vestimentas.

Então ele viu Lôeg [seu cocheiro] que vinha de Ferta Laig, ao norte, em seu carro, ao qual estavam atrelados [seus dois cavalos]. "Que causa trazes?", perguntou Cûchulainn. — "Um grito que atravessou a planície e que ouvi", respondeu Lôeg. — "De que lado vinha esse grito?", retomou Cûchulainn. — "Do noroeste", replicou Lôeg; "ele seguia a grande rota que leva a Caill Cûan".² — "Vamos", disse Cûchulainn.

Foram, até Ath dâ Ferta.³ Chegando lá, ouviram o barulho de um carro que estava ao lado de Grelcha Culgairi.⁴ Então viram diante deles um carro ao qual só estava atrelado um cavalo vermelho. Esse cavalo tinha apenas um pé, o timão do carro lhe passava através do corpo, a ponta do timão saía do alto da testa do cavalo e essa testa sustentava o timão.

Sobre o carro estava uma mulher ruiva com duas sobrancelhas ruivas, um manto vermelho, uma túnica vermelha. Seu manto pendia entre as duas rodas de trás do carro e varria a terra. Perto do carro andava um homem de grande altura, uma túnica vermelha lhe embrulhava o corpo, trazia uma lança cinza e um forcado maciço de noqueira e empurrava à sua frente uma vaca. "A vaca não está contente de ser levada por vocês", disse Cûchulainn. — "Ela não te

¹ Táin bó Regamna, *Windisch*, *Irische Texte*, segunda série, segundo caderno, págs. 241-254.

² *Porto do bosque*.

³ *Vau das duas maravilhas*.

⁴ *Lamas do barulho do carro*.

pertence", respondeu a mulher, "ela não é nem a vaca de um de teus amigos, nem de um de teus companheiros". — "Todas as vacas do Ulster são minhas", replicou Cûchulainn. — "Tu decides assim que é proprietário da vaca", replicou a mulher, "tu estendes a mão longe demais, Cûchulainn". — "Por quê", perguntou Cûchulainn, "Por que é a mulher que me dirige a palavra? Por que razão não é o homem?" — "Não foi ao homem que você mesmo dirigiu a palavra", respondeu a mulher. — "É verdade", disse Cûchulainn, "mas se o fiz, é porque falas por ele". — "Este homem", retomou ela, "chama-se Húar-gáeth-sceo Lúachair-sceo".⁵ — "Nossa", gritou Cûchulainn, "eis um nome espantosamente longo. Que sejas então tu a falar comigo, pois que o homem não fala. Qual é o teu nome?" Então o homem tomou a palavra: "A mulher a quem falas", disse, "se chama Fáebor, Beg-béoil, Cuimduir-folt, Scenb-gairit, Sceo-úath".⁶

"Vocês me enlouquecem", respondeu Cûchulainn. Então, ele saltou no carro da mulher, pôs seus dois pés sobre os ombros da mulher e lhe encostou a ponta de sua lança no alto da cabeça. "Não brinque com a ponta sobre mim", disse ela. — "Digas então teu verdadeiro nome?", replicou Cûchulainn. — "Eu sou feiticeira", ela respondeu. "É a Daire, filho de Fíachna de Cooley, que pertencia a vaca que eu trouxe,⁷ eu a recebi como pagamento de um poema." — "Eu gostaria", disse Cûchulainn, "de ouvir esse poema". — "Eu te peço somente para te afastares", replicou a mulher, "não há qualquer vantagem em te agitares como o fazes sobre minha cabeça". Ele recuou, mantendo-se porém entre as duas rodas do carro, e ela cantou seu poema.

Quando terminou, Cûchulainn se precipitou, querendo saltar sobre o carro dessa mulher, mas então não viu mais cavalo, nem mulher, nem carro, nem homem, nem vaca. O que viu foi que a mulher tinha-se transformado em um pássaro negro pousado em um galho perto dele. "Tu és uma terrível mulher", disse ele. — "Grellach [ou seja, lama]", respondeu ela [nome da localidade onde estamos] "se chamará agora Grellach Doluid [quer dizer Lama Insuportável]". Desde então se disse sempre: Grellach Doluid.

"Se eu soubesse que eras tu, [Badb, deusa do assassinato]", retrucou Cûchulainn, "não seria assim que nos separaríamos". — "O que fizeste", disse ela, "trará o mal para ti". — "Nada podes contra mim", respondeu Cûchulainn. — "Eu posso tudo, é inevitável", replicou a mulher. "Eu sou e serei protetora da morte pela qual sucumbirás, trouxe esta vaca do palácio dos gênios de Cruachan para fazê-la cobrir pelo Negro de Cooley, ou seja, pelo touro de Daire, filho de Fíachna. Tu estarás vivo até que o vitelo que está no ventre desta vaca tenha

⁵ Frio vento muito, caniço muito.

⁶ Cortante. Pequenos lábios. Também pequena cabeleira. Farpa curta. Muito terrível.

⁷ Tratar-se-á dessa vaca na peça seguinte, par. VII, pág. 127.

atingido a idade de um ano. Será ele⁸ que ocasionará o rapto das vacas de Cooley."

— "Tornar-me-ei mais célebre graças a esse rapto", disse Cûchulainn. "Matarei seus guerreiros. Serei vencedor em suas grandes batalhas. Sobreviverei ao rapto das vacas de Cooley."

— "Como o poderias?", respondeu a mulher. "Na ocasião do rapto das vacas de Cooley deveras bater-te contra um homem tão forte, tão vitorioso, tão sagaz, tão terrível, tão infatigável, tão nobre, tão grande quanto tu.⁹ Eu serei uma enguia, eu me enroscarei em torno de teus pés no vau, o que será de grande dano para ti."

— "Eu juro", retrucou Cûchulainn, "eu juro pelo deus que juram os habitantes do Ulster, eu te esmagarei contra as pedras verdes do vau, e tu não obterás jamais de mim tua cura, se tu não me deixares tranqüilo".

— "Eu serei", retomou ela, "uma loba cinzenta que virá te atacar, eu te morderei a mão direita e te devorarei até o braço esquerdo".

— "Quando te aproximares", respondeu Cûchulainn, "eu te surpreenderei com minha lança, te atingirei na cabeça e te furarei um olho, seja o esquerdo, seja o direito; e tu não obterás jamais de mim tua cura, se tu não me deixares tranqüilo".

— "Eu serei", disse ela, "uma vaca branca de orelhas vermelhas; irei à água perto do vau, quando estarás ocupado em combater o homem que é tão destro quanto tu; e cem vacas brancas de orelhas vermelhas me seguirão. Nós nos precipitaremos atrás de ti no vau e nesse dia manifestar-se-á a verdade sobre os guerreiros: tua cabeça será tomada".

— "Eu te lançarei", respondeu Cûchulainn, "uma pedra de minha funda, teu calcanhar esquerdo ou teu calcanhar direito será quebrado e tu só serás socorrida por mim se me deixares tranqüilo".

Depois Badb [chamada também Morrigan, a deusa do assassinato] partiu e Cûchulainn voltou à sua casa.

Comentário

Na grande epopéia do *Rapto das vacas de Cooley*, vemos Badb, sob o nome de Morrigan, anunciar de novo e fazer contra Cûchulainn as tentativas enumeradas acima, mas todas falham, como este previra.¹⁰

⁸ O touro chamado Donn Cúailngi, ou seja, moreno de Cooley.

⁹ Loch mac Emonis.

¹⁰ Cf. Lebor na hUidre, págs. 72-77; L. Winifrid Faraday, *The Cattle-rad of Cualnge*, págs. 74-82; Eleanor Hull, *The Cuchullin Saga*, págs. 164-169. Este episódio da grande epopéia irlandesa está faltando no Livro de Leinster, mas foi conservado pelo manuscrito do British Museum, adicional 18748, no qual encontramos a mesma redação do Táin que no Livro de Leinster.

II — Geração dos Dois Porqueiros¹¹

Perguntar-se-á de onde vem o *Rapto das Vacas de Cooley*. Não é difícil responder. A causa primeira desse rapto é a "Geração dos dois porqueiros", tema e título do trecho seguinte.

I — Os Dois Porqueiros

Friuch era porqueiro de Bodb e Rucht era porqueiro de Ochall Ochné. Entre Bodb e Ochall Ochné houvera uma querela. Entre eles a paz fora feita, entre Ochall Ochné, rei dos gênios¹² de Connaught, e Bodb, rei dos gênios de Munster. Após isso Bodb foi a seu palácio dos gênios, o *síd* de Femen, e Ochall Ochné para o seu, o *síd* de Crúachan. Bodb e Ochall sendo amigos, seus porqueiros Friuch e Rucht o eram também....

Eis a marca de amizade que se deram os dois porqueiros. Quando havia abundância de bolotas ao sul, ou seja, em Munster, Rucht, o porqueiro do norte, ou seja, de Connaught, levava seus porcos a comer bolotas no sul; quando havia bolotas no norte, ou seja, em Connaught, Friuch, o porqueiro do sul, ou seja, de Munster, levava seus porcos magros para comer bolotas no norte em Connaught, e na volta eles estavam gordos. Mas então, surgia uma desavença entre os dois porqueiros. Quando os porcos de Connaught foram engordar em Munster, os gênios de Munster, súditos de Bodb, diziam que Friuch, seu porqueiro, era mais forte que Rucht, porqueiro de Connaught e de Ochall. Quando os porcos de Munster iam engordar em Connaught, os gênios de Connaught pretendiam que Rucht, seu porqueiro, era mais forte que o de Munster.

Um ano, houve abundância de bolotas em Munster e Rucht, o porqueiro de Connaught e de Ochall levou seus porcos para comer bolotas em Munster com os de seu colega Friuch, porqueiro de Munster e de Bodb.

Após ter desejado as boas-vindas a Rucht, Friuch continuou assim: "Já que vieste aqui, haverá briga entre nós. As pessoas de Munster dizem que és mais forte que eu, que tua habilidade é superior à minha". — "Não sou menos hábil que tu", respondeu Rucht, o porqueiro de Connaught. — "Vamos verificar isso", replicou Friuch, "impedirei que teus porcos engordem por mais que comam bolotas e os meus engordarão."

A proibição mágica pronunciada por Friuch se realizou, Rucht voltou a

¹¹ *Windisch, Irische Texte, terceira série, 1ª remessa, pág. 235 e seguintes.*

¹² *Arriscamos traduzir assim a palavra irlandesa síde, que poderíamos também entender como deus ou como fada, se a palavra em português não fosse feminino.*

Connaught com seus porcos magros, em estado tão lamentável que quase não podiam andar; os gênios de Connaught troçaram dele. "Escolheste mal a época de tua viagem a Munster", diziam-lhe todos, "teu colega é mais forte que tu". — "Não é verdade", respondeu Rucht, "um ano virá em que haverá bolotas em Connaught e eu pregarei em Friuch a peça que ele me pregou." Ele fez como havia dito.

Com efeito, ao fim de um ano, Friuch, o porqueiro de Munster, foi ao norte com seus porcos magros para fazê-los comer bolotas, e Rucht, o porqueiro de Connaught, lançou sobre os porcos de Munster a maldição que, no ano precedente, Friuch lançara sobre os de Connaught e os porcos de Munster desfaleceram esse ano como no ano anterior haviam desfalecido os de Connaught. Todo mundo disse que os dois porqueiros eram tão fortes um como o outro.

II — Os Dois Corvos

Friuch voltou a Munster com seus porcos magros, quase sem vida. Bodb, rei dos gênios de Munster, lhe tirou seus porcos; Ochall, rei dos gênios de Connaught, retirou de Rucht a guarda dos seus. Friuch e Rucht viveram sob a forma de corvos dois anos inteiros. Passaram o primeiro ano no norte, em Connaught, acima da fortaleza de Crûachan, o segundo ano no sul, em Munster, perto do palácio dos gênios que se chama Sîd de Femen. Esse ano terminara quando os habitantes de Munster se reuniram um dia em assembléia; disseram-se um ao outro: "Não é pouco o barulho que fazem esses pássaros diante de vós; eis um ano inteiro que eles se batem, esse ano termina hoje".

Tinham acabado de assim falar, quando diante deles, sobre a colina onde ocorria a assembléia, viram aparecer o intendente de Ochall, rei dos gênios de Connaught. Ele se chamava Fuidel, era filho de Fiadmir. Os habitantes de Munster lhe desejaram as boas-vindas: "É grande", disse ele, "o barulho que fazem diante de vocês os pássaros. Parece que são aqueles que, no ano passado, estavam em nossa terra em Connaught, fazendo o mesmo barulho até o fim daquele ano".

Depois os habitantes de Munster viram uma coisa fantástica: os dois corvos retomaram a forma humana, reconheceram-se os dois porqueiros. A assembléia lhes desejou as boas-vindas. "Vocês erram em nos desejar as boas-vindas", disse Friuch, porqueiro de Bodb; "de nossa luta resultará a morte de muitos homens queridos e muitos lamentos serão a consequência". — "Que lhes aconteceu?", perguntou Bodb. — "Não foi o bem que nos aconteceu", respondeu Friuch, "desde nossa partida, vivemos sob a forma de corvos durante dois anos inteiros que terminaram hoje. Vocês viram o que fizemos um ano inteiro sob a

forma de corvos perto do palácio dos gênios de Crûachan em Connaught, depois durante outro ano sob a mesma forma perto do palácio dos gênios de Femen em Munster, de forma que os habitantes de Connaught a norte e os de Munster ao sul nos viram bater-nos um contra o outro. Vamos agora ser metamorfoseados em animais aquáticos. Viveremos sob os mares e sob as águas até o fim de dois anos".

III — As Duas Focas ou Baleias

Então, os dois porqueiros partiram da colina onde se reunia a assembléia e se dirigiram cada um para um lado diferente: um foi ao Shannon, o outro ao Suir.¹³ Viveram dois anos inteiros no fundo dos mares e sob as águas. Durante um ano inteiro foram vistos mordendo-se no Suir; durante outro ano inteiro, bateram-se um contra o outro no Shannon.

Um dia, os habitantes de Connaught faziam uma assembléia às margens do Eany, afluente do Shannon. Viram sobre o Shannon dois animais tão grandes quanto uma montanha; tão alto quanto o pico de uma montanha que se elevava às suas costas; eles se batiam um contra o outro; de suas ventas saíam gládios de fogo que atingiam as nuvens do céu. De todos os lados, o povo veio à volta deles. Os dois animais saíram do rio, chegando à margem: tomaram então forma humana sob os olhares da multidão. Os assistentes reconheceram os dois porqueiros. Ohall, rei dos gênios de Connaught, lhe desejou as boas-vindas. "Quais foram vossas aventuras?", perguntou. — "Nossas aventuras foram muito cansativas", responderam. "Vocês viram o que fizemos diante de seus olhos. Dois anos inteiros, estivemos sob a forma de animais aquáticos no fundo dos mares e das águas; é preciso uma nova metamorfose para que cada um de nós experimente ainda a força de seu colega."

IV — Os Dois Campeões

Depois partiram, cada qual para um lado diferente. Cada um deles se tornou um guerreiro. Um se pôs no número de homens de Bodb, rei dos gênios de Munster, o outro ao serviço de Fergna, também chamado Carpre Cromm, rei dos gênios de Nento-sob-a-água em Connaught. Toda façanha feita pelos homens de Bodb era na realidade obra do campeão. Da mesma forma no palácio dos gênios de Nento. A glória dos dois campeões se espalhou por toda a Irlanda. Não se sabia qual era sua família.

Bodb, saindo de Munter, foi a Connaught. Os habitantes de Connaught

¹³ *Esses dois rios têm como nascente o Shannon, em Connaught, e o Suir, em Munster.*

faziam então uma grande assembléia perto de Loch Riach. O cortejo que acompanhava Bodb era tão belo quanto aquela brilhante assembléia. Bodb trazia com ele sete vezes vinte carros e sete vezes vinte cavaleiros. Todos os cavalos tinham a mesma cor; esses cavalos eram malhados e em seus arreios os freios eram de prata. Entre os guerreiros montados nos carros não havia nenhum que não fosse filho de reis e rainhas. Todos traziam mantos verdes, ornados de quatro franjas púrpuras e presos com broches de prata. Tinham túnicas ornadas de enfeites vermelhos com fios de ouro em volta. Suas polainas eram guarnecidas de fios de ouro e seus calçados bordados de bronze. Penteados com ornamentos de cristal e de latão lhes cobriam a cabeça. Brilhantes tiras de ouro rodeavam o pescoço de cada homem; cada uma de suas pedrarias valia uma vaca leiteira que houvesse acabado de parir seu primeiro bezerro. Os braceletes que cada homem trazia no braço valiam cada um trinta onças. Sobre a curva de todos os seus escudos havia ornamentos de ouro. Tinham todos em suas mãos lanças de cinco pontas com lados de ouro, prata e bronze em torno e com colares de ouro na junção da haste e do ferro. Os punhos de suas espadas eram de ouro e sobre elas havia figuras de serpentes de ouro e de carbúnculo. O brilho desse equipamento iluminava todo o campo.

Jamais grupo mais belo houvera até esse dia e nem haverá até o dia do juízo final. Sete vezes vinte pessoas, tanto mulheres como crianças, morreram de medo à vista desses guerreiros. Estes saltaram de seus carros sobre a grama, deixando seus cavalos e seus carros sem ninguém para guardá-los.

Quando todos pararam, Ochall veio diante deles. "Eis um garboso grupo", disseram as pessoas de Connaught, "ele é mais garboso que todos os outros". Os recém-chegados avançaram para a colina onde se fazia a reunião, sentaram-se tomando por assento os *homens* que já estavam, de forma que todos esses homens morreram. Durante três dias e três noites a gente de Connaught os rodeou sem nada poder *contra eles*. *Sete vezes vinte* rainhas teriam de ir com eles quando retomassem a Munster.

Enquanto esperava, Ochall lhes dirigiu a palavra: "Seja bem-vindo, oh Bodb", disse. — "Seria em vão se me acolhesses mal", respondeu Bodb, "és forçado a receber minha visita. — "Por que vieste?", perguntou Ochall. — "Para falar ao rei, à rainha e aos bons guerreiros", replicou Bodb. — "Eles estão todos aqui", disse Ochall. — "Não os estamos vendo entre vocês", retomou Bodb. — "Eles obedecem à ordem que receberam", respondeu Ochall. "Jovens guerreiros avançam para vocês." — "Que nos dêem proteção à carga de reciprocidade". Ochall prometeu essa proteção. "Venha cá, Rinn", gritou Bodb, e Rinn (Friuch), o campeão de Munster, avançou na assembléia: "Que um dentre vós se apresente para combater-me", disse.

Os guerreiros das três províncias de Connaught se reuniram em um grupo

e deliberaram. Mas entre eles não se encontrou ninguém que ousasse se oferecer para combater Rinn. "É uma vergonha", disse Ochall, "a honra está perdida".

Mas ao longe, percebia-se algo: um grupo vinha da região setentrional de Connaught. Havia três vezes vinte cavalos arreados e três vezes vinte carros; os cavalos atrelados a esses carros eram negros, pareciam ter atravessado o mar; os freios de seus arreios eram de ouro. Os guerreiros traziam mantos azul-escuro rodeados de cordões de púrpura, cada um tinha sobre o peito uma roda de ouro, túnicas brancas raiadas de púrpura lhes envolviam o corpo; sobre o alto de suas cabeças viam-se cabelos de um negro tão escuro que seria de crer que uma vaca lhes havia lambido a cabeça. Traziam nas costas escudos nos quais emblemas estavam gravados, rodeados de bonitas bordas de bronze; sob seus mantos tinham espadas cujos punhos eram de marfim e ornados de figuras de cobre; cada homem tinha uma lança de extremidade arredondada e com rebites de prata; um fio de ouro, dobrado no fogo, fazia cinquenta vezes a volta de cada um deles; não tinham sandálias nem capacetes.¹⁴ Com a exceção de um só, nenhum deles se distinguia dos outros. Entraram no campo. Três vezes vinte deles chegaram, uns de carro, outros a cavalo, outro tanto veio a pé.

Em seguida, os Conmacne se ergueram diante deles na colina; eis por que os Conmacne são submetidos à servidão até o juízo final. Eles têm para sempre o cargo de alimentar os filhos de reis e de rainhas e os cães de caça.

[Protesto de um Copista]

Isso não é verdade, pois na época os Conmacne não estavam no mundo. Eles descendem de Fergus mac Roig, que não era ainda nascido. Não se trata aqui das pessoas que precederam os Conmacne sobre o solo que os Conmacne ocuparam depois. São os predecessores dos Conmacne que se ergueram diante dos recém-chegados.

Em seguida, a assembléia se sentou e desejou as boas-vindas aos guerreiros do Connaught setentrional. "Seja bem-vindo", disse Ochall. — "Nós temos confiança", completou Fergna.

"Infeliz", gritou Mainchenn, druida da Grã-Bretanha. "De hoje em diante", continuou, "sempre que tu e teus descendentes virem um rei, serão seus súditos. Até aqui Fergna se mantinha ereto, a partir de agora Fergna se curvará e seu poder suportará o peso dos tributos. Onde deixaste os cavalos?" — "Na planície", respondeu Fergna. — "A terra diante de ti te pertencia", continuou Mainchenn, "mas foi escolhida como domínio por um outro que chegou antes de ti". — "Quem é?", perguntou Fergna. — "É Bodb", respondeu Mainchenn, "é o rei dos gênios de Munster".

¹⁴ *E a moda irlandesa primitiva, que não foi observada na descrição precedente.*

Logo que viu Bodb na assembléia, a emoção e um terror mortal fizeram perder a vida a vinte homens. Não se encontrara nos três Connaughts um guerreiro para combater Rinn, o campeão de Munster. "A vossas ordens", gritou Fâebar (Rucht-), o campeão de Connaught, "irei atacá-lo." E imediatamente os dois campeões se precipitaram um contra o outro, o combate durou três dias e três noites, deram-se um ao outro tais golpes que se viam seus pulmões. Depois separaram-nos.

V— *Os Dois Fantasmas*¹⁵

Por um erro manifesto, Friuch e Rucht se transformaram de campeões em fantasmas. Um terço do povo morreu de medo. Na manhã seguinte, os sobreviventes estavam presos à cama por uma doença...

VI— *Os Dois Vermes*

Partiram em seguida e tomaram a forma de animais aquáticos, ou seja, viraram dois vermes. Um deles (Rucht) foi para a fonte de Uaran Garad, província de Connaught,¹⁶ o outro (Friuch) para a de Glass Cruind, em Cooley, província do Ulster.¹⁷

Ora, em uma ocasião, a rainha Medb de Cruachan foi à fonte de Uaran Garad para lavar o rosto, tendo nas mãos um vaso de bronze esbranquiçado em que queria lavar as mãos. Ela mergulhou o vaso na água e o verme entrou. Ele era manchado de todas as cores. Ela o olhou por um longo tempo; as cores desse verme lhe pareciam belas. Depois a água desapareceu, o verme ficou sozinho no vaso. "E pena, oh bicho", disse Medb, "que não fales, para que me pudesses contar algo do que deve ocorrer quando eu tiver me apossado do reino de Connaught". — "Qual é", respondeu o verme, "a coisa que mais desejas me perguntar?" — "Eu gostaria, primeiro", retrucou Medb, "de saber como é que estás em estado de bicho" — "Sou um bicho infeliz", respondeu o verme, "fui infeliz sob todas as formas que já tive". E contou a Medb qual fora sua existência sob cada uma de suas formas sucessivas, depois lhe deu os seguintes bons conselhos: "É pena que, sendo uma mulher tão bela, não sejas casada com um guerreiro jovem e ilustre com o qual compartilharias tua autoridade". — "Eu não quis", replicou Medb, "me casar com nenhum dos habitantes de Connaught, com medo que ele pretendesse ser meu mestre". — "Nós conhecemos", retomou o verme, "alguém que te conviria bem, é o homem mais brilhante, mais belo,

¹⁵ *Ou demônios.*

¹⁶ *Rucht, porquêiro de Ochall Ochne, rei dos gênios de Connaught.*

¹⁷ *Friuch, porquêiro de Bodb, rei dos gênios de Munster.*

mais ilustre que existe, é Ailill, filho de Ross-Rûad, rei de Leinster; sua mãe é Mata Muresec, filha de Maga, rei de Connaught. É um jovem doce, sem mancha, sem defeito, sem ciúme, sem orgulho. Tome-o por esposo, ele não te dominará. Ele é belo, ardente e forte. E tu, todos os dias sem falta, dar-me-ás de comer nesta fonte. Cruinniuc (significa arredondado) é meu nome."¹⁸ Eis o que ele disse à Medb. Depois Medb voltou à sua casa e o verme à fonte.

No mesmo dia, coisa singular, Fîachna, filho de Daire, foi à fonte de Glass Cruinn (que significa verde, azul e redonda) em Cooley, e lavando as mãos viu um objeto que atraiu sua atenção: havia um verme sobre a pedra diante dele, verme esse tão manchado que não havia cor que não se visse nele. "Tanto melhor para ti, Fîachna", disse o verme. Fîachna teve medo do animal que não via diante de si e recuou um pouco. "Não fujas", disse o verme, "não temas nada, tu farás melhor, conversarás comigo" — "O que os diremos?", perguntou Fîachna. — "Primeiro", respondeu o verme, "tu terás muita felicidade" — "E depois?", indagou Fîachna. — "Encontrarás no fim da terra", replicou o verme, "um barco que te traga tesouros" — "E depois?", repetiu Fîachna. — "tu me darás hospitalidade", retomou o verme, "e tu me farás o bem" — "Que bem te farei?", perguntou Fîachna. — "Tu me darás de comer", respondeu o verme. — "Por que eu te daria de comer?", indagou Fîachna. — "Porque estou no fim da terra", disse o verme, "e nada tenho para comer" — "Isso apesar de não passares de um bicho", replicou ironicamente Fîachna. — "Mas eu sou um homem", falou o verme, "sou o porqueiro de Bodb".¹⁹ — "Qual é teu nome?", perguntou Fîachna. — "Tummuc (significa mergulhador)", respondeu o verme. — "Ouvimos falar de ti", continuou Fîachna. — "Não é necessário", disse o verme Tummuc, "que eu conte nossa história: meu colega está em Uaran Garad em Connaught, e Medb de Cruachan lhe faz bem, mas eu não tenho força pois nada tenho para comer" — "Às tuas ordens", respondeu Fîachna; "já que me pediste de comer, terás o que comer"

— "Levanta-te e parte", disse o verme, "a barca que te anunciei chegou, tu me enviarás o que comer amanhã de manhã".

Fîachna levou a barca com ele e o verme voltou à fonte de Glass Cruinn em Cooley. Fîachna lhe deu de comer todos os dias durante um ano e um dia, e a cada dia era o próprio Fîachna que lhe levava o alimento. Da mesma maneira, era Medb que a cada dia, até o fim do ano, ia levar de comer ao verme do oeste (ou seja, de Connaught).

¹⁸ *Era o porqueiro Rucht, de Connaught.*

¹⁹ *Era o porqueiro Friuch, de Munster.*

VII — *Os Dois Touros*

Um dia então (o ano acabara de terminar), Fíachna foi à fonte de Glass Cruinn: "Venha conversar comigo", disse ao verme. Logo o verme veio: "Muito bem", disse Fíachna ao verme. — "Tudo será propício para ti", disse o verme, "da terra e do mar virão para ti abundância de trigo, uma verdadeira bênção. Foste bom para mim, desde tua primeira visita até hoje. Logo ocorrerá em Connaught um encontro célebre entre mim e o animal do qual te falei já há um ano" — "Que encontro?", perguntou Fíachna. — "É fácil te responder", replicou o verme, "uma de tuas vacas me beberá amanhã de manhã e uma das vacas de Medb beberá meu colega; de lá resultará uma grande batalha na Irlanda entre nós. Combateremos um contra o outro, tu estarás são e salvo".

Em seguida, toda essa predição se realizará. Na manhã seguinte, Tummuc foi bebido pela vaca de Fíachna; no mesmo dia seu colega Crunnic foi bebido pela vaca de Medb.

Eis quais foram os nomes dos animais sob cada uma de suas formas: 1º) Rucht (porco), Rucne²⁰ quando eram porquinhos; 2º) Ingen (garra), Ette (asa) quando eram corvos; 3º) Bled (baleia) e Blod, quando, sob forma de cetáceos, habitavam o fundo dos mares; 4º) Rinn (ponta) e Fâebar (gume) quando eram campeões; 5º) Scíath (escudo) e Scâth (sombra) quando eram fantasmas; 6º) Cruinniuc (arredondado) e Tummuc (mergulhador) quando eram vermes; 7º) Find (branco) e Dub (negro) quando foram touros.

Findbennach (branco chifrudo) e Donn (moreno) de Cooley são os dois animais de chifres mais belos que jamais houve na Irlanda: seus chifres foram ornados de ouro e prata pelas duas províncias de Connaught e do Ulster. Não havia em Connaught nenhum animal de chifres que ousasse mugir contra o Findbennach, o touro desta província ocidental. Da mesma maneira, não se encontrava no Ulster nenhum animal de chifres corajoso o suficiente para mugir contra o touro desta província oriental, o Donn de Cooley.

Comentário

O Rapto das vacas de Cooley, a grande epopéia irlandesa, termina com o combate dos dois touros. O Donn de Cooley, ou seja, o touro escuro que era a última forma de Friuch, porquenho divino de Bodb, rei dos gênios de Munster, mata o Findbennach, ou branco chifrudo, última forma de Rucht, porquenho divino do rei dos gênios de Connaught, depois morre também.

²⁰ *Friuch, mais alto.*

Apêndice

Júlio César e a Geografia

O primeiro capítulo de comentários do *De bello gallico* encerra duas asserções que podemos contar entre as mais audaciosas mentiras que jamais foram escritas:¹ *Audaces fortuna juvat*;² essas mentiras foram no geral aceitas por quase todos os historiadores como verdades incontestáveis. A primeira dessas mentiras é que entre os Pirineus e o Reno estava encerrada toda a Gália, *Gallia omnis*.

Gallia é a região ocupada pelos *Galli*. Ora, Júlio César, no livro VI, c. 24, do *De bello gallico*, é obrigado a admitir que na data em que escreve (52-51 a.C.)³ havia *Galli* a leste do Reno, *circum Hercyniam siluam*, em tomo de uma floresta que das redondezas de Spire e de Bâle se estendia até a Dácia, ou seja, até a Hungria. Trinta ou quarenta anos mais cedo, Sempronius Asellio localizava na Gália, *in Gallia*, a cidade de *Noreia*, hoje Neumarkt, no império da Áustria, na Estíria,⁴ e o fazia com razão, pois *Noreia* pertencia aos *Taurisci*, chamados também *Norici*, e os *Taurisci* eram gauleses, Γαλάται, como nos ensina Strabon.⁵ Seu território foi reunido ao império romano apenas sob o reinado de Augusto, no ano 15 a. C.⁶ Assim, Júlio César, com um traço de pena, tira da Gália um vasto território situado a leste do Reno.

O que é mais marcante é que em sua Gália completa, *Gallia omnis*, ele não inclui as duas províncias da Gália das quais a lei Vatinia votada ao povo romano lhe dera o governo,⁷ uma situada a leste dos Alpes e que era chamada de

¹ "Gallia est omnis diuisa in partes três, quorum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam qui ipsorum lingua Celtae nostra Galli appellantur... Gallos ab Aquitanis Garumna flumen, a Belgis Matrona et Sequana dividui...Belgae... proximi sunt Germanis qui trans Rhenum incolunt... Aquitania a Garumna flumine ad Pyrenaeos montes."

² Fizeram-me observar que, em Virgílio, Eneida, X, 284, se lê: "Audentes fortunat iuuat". Na expressão proverbial que cito aqui, *audaces* é de algum modo o superlativo de *audentes*.

³ *De bello gallico*, l. VI, c. 24, 25.

⁴ "Noreia quae est in Gallia, ut Asellio historiarum non ignarus docet." Hermann Peter, *Historicorum romanorum reliquiae*, t. I, pág. 183. Sobre a data em que escrevia Sempronius Asellio, ver *ibidem*, pág. CCXXXVIII; cf. Teuffel-Schwabe, *Geschichte der römischen Literatur*, 5- edição, tomo I, pág. 234; Martin Schanz, *Geschichte der römischen Literatur*, 1ª parte, 2ª edição, págs. 134, 135.

⁵ *Ταυρσκούς καί τούτους Γαλάτας*. Strabon, l. VII, cap. II, par. 2; edição Didot, pág. 244, l. 11.

⁶ *Velleius Paterculus*, l. II, c. 39, par. 3, põe os *Norici* na lista dos povos submetidos ao império romano, por Tibério, antes de sua chegada ao império. *Florus*, l. II, c. 22, atribui a Druso a glória dessa conquista. A data precisa foi estabelecida por Mommsen, *C.I.L.*, t. III, pág. 588. Sobre essa data, os dois principais autores a citar são: 1º *Dion Cassius*, l. LIV, c. 22, que data do ano 739 de Roma, 15 a. C, uma expedição de Druso e Tibério contra os *Rhaeti*, vizinhos dos *Norici*; 2º Strabon que, em seu livro IV, cap. VI, par. 9 (edição Didot, pág. 172, l. 9-12), escrito no ano 18 de nossa era, diz que os *Norici*, vencidos por Tibério e Druso, pagam tributo há trinta e três anos; Cf. W. Christ, *Geschichte der Griechischen Litteratur*, 3ª edição, pág. 684.

⁷ *Suétone*, *Divus Julius*, c. 22; *Plutarco*, *Pompeu*, XLVHI, 3; *César*, XIV, 5.

Gália vestida de toga romana, *Gallia togata*, a outra situada a oeste dessa cadeia de montanhas e que era chamada Gália de calças, *Gallia bracata*.

A *Gallia omnis* de César é a Gália cabeluda, *Gallia comata*, anexada posteriormente pelo Senado a seu governo.⁸ Mais adiante ele é obrigado a admitir que há uma província da Gália cisalpina, *Gallia cisalpina*⁹ ou *Gallia citerior*¹⁰ e uma província da Gália meridional situada a oeste dos Alpes, *Gallia ulterior*,¹¹ onde se encontra a cidade de Genebra.¹² A primeira dessas províncias é a *Gallia togata*,¹³ a segunda é a *Gallia bracata*.¹⁴

O imperador Augusto, respeitando aqui a doutrina afirmada por seu pai adotivo no início do *De bello gallico*, apagou o traço da contradição entre essa doutrina e a que se lê na continuação dessa célebre obra; dividiu a Itália em onze regiões, das quais nenhuma traz o nome de Gália cisalpina, *Gallia exterior* ou *togata*, e deu à *Gallia ulterior* ou *Gallia bracata* o nome de Narbonesa, *Província Narbonensis*.¹⁵

O que querem dizer as palavras *Gallia omnis*, inscritas no alto dos comentários do *De bello Gallico*, e que designa essa Gallia cabeluda, *Gallia comata*, que Júlio César conquistou? Elas significam que só há uma verdadeira Gália, a *Gallia comata*, e que foi por abuso que outras regiões foram chamadas pelo nome *Gallia*.

Anteriormente ao ano 51 a.C., diversos chefes de exércitos romanos tinham conseguido triunfar sobre os Gauleses; eles foram vinte e dois, se é que podemos considerar exata a enumeração contida nos *Acta triumphorum* que Augusto fez gravar no ano 12 a.C. e que Mommsen reconstituiu.¹⁶ Ora, se acreditarmos no primeiro capítulo do *De bello gallico*, seria inexato dizer que esses guerreiros triunfaram sobre a Gália. Um único homem, em 51, mereceria esse triunfo, pois que Júlio César conquistara a *Gallia omnis*, que até então permanecera inacessível aos exércitos romanos. Ora, ele triunfaria apenas cinco anos mais tarde, em uma justiça tardia, no ano 46 a.C.¹⁷ Até então, o pobre homem fora vítima de iníquas hostilidades.

O que quer que fosse, para dar ao primeiro membro da frase do *De bello gallico* um sentido conforme à realidade histórica, é preciso adicionar *comata* e dizer: [*Comata*] *Gallia est omnis divisa in partes três*; essa adição foi feita por

⁸ *Suétone*, Diius Julius, c. 22.

⁹ *De bello gallico*, l. VI, c. 1, par. 2.

¹⁰ *De bello gallico*, l. I, c. 24, par. 2; c. 54, par. 3; l. II, c. 1, par. 1; c. 2, par. 1; l. V, c. 1, par. 5; c. 2, par. 1.

¹¹ *De bello gallico*, l. I, c. 7, ár. 1, 2; c. 10, par. 3.

¹² *De bello gallico*, l. I, c. 7, par. 1.

¹³ *Essa expressão aparece em Hirtius*, l. VIII, c. 24, par. 3 e c. 52, par. 1, do *De bello Gallico*.

¹⁴ *Plínio*, l. III, par. 47-138. Ver principalmente os par. 112-125.

¹⁵ *Plínio*, l. II, par. 121; l. III, par. 31, 74; t. VIII, par. 191; l. IX, par. 29, 59; l. XIV, 14, 43, 83; l. XVII, par. 21; l. XVIII, par. 190; l. XIX, par. 4; l. XXI, par. 57; l. XXVI, par. 5; l. XXXI, par. 4; l. XXXV par. 20.

¹⁶ *C.I.L.*, l. 1, 2ª edição, págs. 10, 170e seguintes.

¹⁷ *ibid.*, pág. 179.

Pomponius Mela: no livro III, par. 20, de sua *Chorographia*, lê-se: *Omnis comata Gallia, populorum tria summa nomina sunt*. Com essa adição, Pomponius Mela se mostra melhor geógrafo que Júlio César. Plínio reproduziu a correção de Pomponius Mela: *Gallia omnis comata, uno nomine appellata, in tria populorum genera dividitur*.¹⁸ Com esta retificação feita por Pomponius Mela e por Plínio, a verdade histórica desfigurada por Júlio César é restabelecida. Mas esses dois autores, adicionando *comata*, teriam feito bem suprimindo *omnis*.

Uma outra asserção de Júlio César foi que os Celtas, ou, para dizê-lo em latim, os *Galli*, os Gauleses, eram os habitantes do território situado entre o Sena, o Mame e o Garonne: *Qui ipsorum língua Celtae, nostra Galli appellantur... Gallos ab Aquitanis Garunnaflumen, a Belgis Matrona et Sequana dividit*. Esse território seria uma das três partes da *Gallia omnis*,¹⁹ asserção reproduzida por Mela em sua *Chorographia*.²⁰ Plínio conclui, a partir disso, o nome do território de que se trata: *Celtica*.²¹ Nisso, segue os traços de Tito Lívio. Tito Lívio, tendo sob os olhos o livro de Júlio César, segundo o qual os *Celtae* ou *Galli* ocupam a terça parte de toda a Gália, *Gallia omnis*, combinara esse texto com a tradição épica gaulesa, segundo a qual Ambicatus teria sido rei da Céltica, *Celticum*, e a Gália teria estado sob seu império, *in império eius Gallia...fuit*; ele concluiu daí que o *Celticum* era a terça parte da *Gallia omnis* de Júlio César, ou seja, da Gália cabeluda, da *Gallia comata*.²²

Mas *Celtica*, *Celticum*, é a Κελτική, a Céltica dos gregos, que a oeste compreendia uma grande parte da Península Ibérica e que a leste atingia a Pont-Euxin. Éforo, no século IV a. C, e Erastótenes no século seguinte, localizam-se na Céltica, Κελτική, a maior parte da Península Ibérica. O próprio Strabon, que contesta esta doutrina,²³ mencionou *Celtici* na Península Ibérica a sudoeste²⁴ e a noroeste²⁵ e sobretudo o vasto território dos *Celtiberi*, ou seja, dos Iberos tomados celtas no centro.²⁶ Enfim, ele fala dos Citas tornados celtas, Κελτοσκύθας,²⁷ ou seja, os habitantes da Céltica oriental, nas redondezas da Pont-Euxin. Denis de Halicarnasso, no século VIII a. C, não conhece Celtas na península Ibérica, dando como limites da Céltica, Κελτική, os Pirineus, os Alpes, o Danúbio, o oceano Atlântico, a Trácia e a Cítia. A Céltica tem, diz,

¹⁸ Plínio, l. IV, par. 105.

¹⁹ De bello gallico, l. I, c. 1, par. 1, 2.

²⁰ Mela, l. III, par. 20.

²¹ Plínio, l. IV, par. 105.

²² Tito Lívio, l V, c. XXXIV, par. 1, 2

²³ Strabon, l. II, c. IV, par. 6; edição Didot, pág. 88, l. 23-27; pág. 165, l. 37-40.

²⁴ Strabon, l. III, c. II, par. 2, 15; pág. 117, l. 30; p. 125, l. 24, 32.

²⁵ Strabon, l. III, c. III, par. 5; pág. 127, l. 30, 32.

²⁶ Strabon, l. III, c. II, par. 11, 15; c. III, par. 3, 4; c. IV, par. 12, 13, 14; pág. 122, l 49-51; pág. 125, l 34; pág. 126, l. 44, 45; pág. 127, l. 12, 16; pág. 134, l. 31-54; pág. 135, l. 1-37.

²⁷ Strabon, l. I, c. II, par. 27; l. XI, c. VI, par. 2; pág. 27, l. 38; pág. 435, l. 18.

forma quadrada, compreendendo quase um quarto da Europa, sendo que o Reno a corta em duas pelo meio.²⁸ Essa Céltica não tem qualquer relação com o território dos Celtas encerrado entre o Sena, o Mame e o Loire, segundo Júlio César.

Se Tito Lívio e Plínio tiveram a fraqueza de reproduzir a definição da Céltica da forma que ela está no *De bello gallico*, Augusto, menos dominado que eles pela memória do grande ditador, não manteve essa Céltica na nomenclatura das províncias do império romano.

No momento em que foi escrito e publicado o *De bello gallico*, Júlio César pensou que havia interesse político, para ele, em fazer crer aos ignorantes plebeus de Roma que ele conquistara toda a Céltica, ou, dito de outra forma, toda a Gália. Foi um dos meios que deveriam conduzi-lo à ditadura. Augusto, quando chegou, pensou que seria inútil mentir assim tão descaradamente. Foi quando apareceu o nome de *província Lugdunensis*.²⁹ Esse nome foi trazido, sob o império romano, pela região que, compreendida na *Gallia Comata*, teria sido, segundo Júlio César, a totalidade do território ocupado pelos Celtas no meio do século I a. C.³⁰ Assim, essa teoria mentirosa não apareceu no mapa do império romano, no qual *Gallia*, a Gália, é uma circunscrição administrativa conhecida, mas independente da etnografia e dos fatos históricos anteriores à conquista romana. Podemos compará-la aos departamentos franceses que, datando da Revolução, não correspondem nem às divisões territoriais da França antiga nem aos fatos históricos que os nomes dessas velhas divisões faziam lembrar.

Fim



<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

²⁸ *Denis de Halicarnasso*, l. XIV, c. I, par. 1-2; edição Didot, págs. 700-701.

²⁹ A expressão geográfica *Lugdunensis* deve ter primeiro aparecido ou no *Breviariúm totius impedi*, composto pelo imperador Augusto, ou em um tratado de Agrippa sobre a geografia do império romano (Teuffel-Schwabe, *Geschichte der römischen Literatur*, 5ª edição, pág. 469; Martin Schanz, *Geschichte der römischen Litteratur*, 2ª parte, 7ª seção, 2ª edição, págs. 10-11, 290-291). Daí passou para Plínio, l. IV, par. 105-107; l. IX, par. 10 (Martin Schanz, 2ª parte, 2ª seção, p. 379); cf. Strabon, l. IV, c. I, par. 1; pág. 147, l. 15-21; c. IV, par. 1, pág. 159, l. 19-26.

³⁰ Não estamos falando da porção meridional reunida na Aquitânia.

Esta obra foi digitalizada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.



<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

Os Druidas

Os Deuses Celtas com Formas de Animais

Em *Os Druidas — Os Deuses Celtas com Formas de Animais*, os amantes da mitologia encontrarão algumas referências da origem do druidismo na Hiperbórea, região localizada no Setentrião (círculo Ártico), que fazia parte do continente da Atlântida.

Para os estudiosos, esta é uma obra importante sobre a cultura céltica e druídica, destinada principalmente àqueles que, esquecendo-se das modernidades da vida do cotidiano, conseguem mergulhar na música das florestas e ouvir o murmurar das corujas nos bosques de carvalho.

Um histórico entre os druidas e celtas é descrito de forma muito interessante. Homens e animais confraternizam-se em seu mundo mágico.

A sabedoria dos ensinamentos dos druidas também foi passada para os Jesuítas, Pitágoras, Crotona, Sócrates, Platão e outros grandes filósofos, pois eles ensinavam a teologia e todas as outras ciências: astronomia, geografia, ciências naturais e história.

Os Druidas — Os Deuses Celtas com Formas de Animais é uma obra que trará ao leitor grandes lições de sabedoria. Viaje nesse mundo mitológico.



ISBN 85-7374-674-2



9 788573 746747